

**FACULDADE VALE DO CRICARÉ
MESTRADO PROFISSIONAL EM CIÊNCIA,
TECNOLOGIA E EDUCAÇÃO**

ALINE MATTOS PERUCH RIGONI

AMOR E PSICANÁLISE: um diálogo entre a Clínica e a Literatura

SÃO MATEUS-ES

2021

ALINE MATTOS PERUCH RIGONI

AMOR E PSICANÁLISE: um diálogo entre a Clínica e a Literatura

Dissertação submetida à coordenação do Mestrado em Ciência, Tecnologia e Educação da Faculdade Vale do Cricaré, como parte dos requisitos necessários para obtenção do título de Mestre.

Orientadora: Prof. Dra. Alice Melo Pessotti

SÃO MATEUS-ES

2021

Autorizada a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na publicação

Mestrado Profissional em Ciência, Tecnologia e Educação

Faculdade Vale do Cricaré – São Mateus – ES

R572a

Rigoni, Aline Mattos Peruch.

Amor e psicanálise: um diálogo entre a clínica e a literatura /
Aline Mattos Peruch Rigoni – São Mateus - ES, 2021.

109 f.: il.

Dissertação (Mestrado Profissional em Ciência, Tecnologia e
Educação) – Faculdade Vale do Cricaré, São Mateus - ES, 2021.

Orientação: prof^a. Dr^a. Alice Melo Pessotti.

1. Amor. 2. Filosofia. 3. Literatura. 4. Psicanálise. 5. Flaubert,
Gustave, 1821-1880. Madame Bovary. I. Pessotti, Alice Melo. II.
Título.

CDD: 150.195

Sidnei Fabio da Glória Lopes, bibliotecário ES-000641/O, CRB 6ª Região – MG e ES

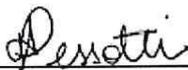
ALINE MATTOS PERUCH RIGONI

AMOR E PSICANÁLISE: UM DIÁLOGO ENTRE A CLÍNICA E A LITERATURA

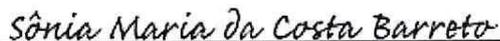
Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência, Tecnologia e Educação da Faculdade Vale do Cricaré (FVC), como requisito parcial para obtenção do título de Mestra em Ciência, Tecnologia e Educação, na área de concentração Ciência, Tecnologia e Educação.

Aprovada em 24 de agosto de 2021.

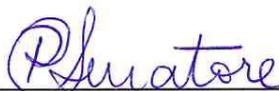
COMISSÃO EXAMINADORA



Profa. Dra. Alice Melo Pessotti
Faculdade Vale do Cricaré (FVC)
Orientadora



Profa. Dra. Sônia Maria da Costa Barreto
Faculdade Vale do Cricaré (FVC)



Profa. Dra. Regina Celia Mendes Senatore
Universidade Federal do Espírito Santos (UFES)

DEDICATÓRIA

Aos que amam...

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora Alice Melo Pessotti, por quem, há muito, tenho a mais profunda admiração e afeto. Agradeço a orientação e o profissionalismo; por respeitar meu tempo e o ritmo da minha produção e por proporcionar momentos de discussão enriquecedores.

À minha mãe e ao meu pai (*in memoriam*), por todas as lições de amor, caridade, dedicação, abnegação e compreensão.

Ao meu marido Marcos, pelo amor, escuta, companheirismo, compreensão e suporte durante a caminhada.

Aos meus amados filhos, Heithor e Ulisses, pelos quais nutro o mais profundo e incondicional amor.

Às minhas irmãs Gisely, Renata e Anna Paula, pelo amor, apoio e por vibrarem por mim sempre. Aos meus cunhados, Fábio, que me incentivou nos momentos em que eu estava desanimada, e Maurício, por torcer por mim. Às minhas queridas sobrinhas, Sophia e Helena, por serem mais uma forma de amor no meu mundo.

Meu agradecimento à professora Sonia Maria da Costa Barreto, que colaborou com este estudo por meio de seus apontamentos na Banca Examinadora de Qualificação desta Dissertação.

Manifesto minha enorme gratidão aos colegas de profissão que se disponibilizaram a participar da minha pesquisa e que me ajudaram de diferentes formas: Hermínio, Alice, Dábila, Cleimara, Ana Maria, Bruna, Rullyan e Leo.

Por fim, sinto-me profundamente agradecida por minha trajetória formativa, sobretudo as vivências no ensino superior.

Amor é quando é concedido participar um pouco mais. Poucos querem o amor, porque amor é a grande desilusão de tudo o mais. E poucos suportam perder todas as outras ilusões. Há os que se voluntariam para o amor, pensando que o amor enriquecerá a vida pessoal. É o contrário: amor é finalmente a pobreza. Amor é não ter. Inclusive amor é a desilusão do que se pensava que era amor.

Clarice Lispector

Sendo o objeto da literatura a própria condição humana, aquele que a lê e a compreende se tornará não um especialista em análise literária, mas um conhecedor do ser humano.

Tzvetan Todorov

RESUMO

RIGONI, Aline Mattos Peruch. **O AMOR EM MADAME BOVARY (1856):** uma análise psicanalítica. 2021. 109 f. Dissertação (Mestrado) - Faculdade Vale do Cricaré, 2021.

Esta dissertação aborda o amor, sob as lentes da Psicanálise, dentro da obra literária *Madame Bovary* (1856). A proposta objetiva descrever e discutir a construção do conceito de amor na teoria psicanalítica, por meio da análise da obra literária de Gustave Flaubert, apresentando a relação do amor com a Filosofia; descrevendo relações entre o amor e a Psicanálise; analisando a posição subjetiva da personagem Emma diante do amor; realizando uma pesquisa de campo com psicanalistas que atuam na clínica, inquirindo-os sobre a demanda do amor em seu trabalho diário; com o fim de produzir uma apostila a ser usada em sala de aula, na disciplina Tópicos Especiais em Psicanálise. Esses objetivos foram operacionalizados por meio de pesquisa qualitativa, exploratória e descritiva, e o trabalho consistiu em uma fase de levantamento bibliográfico; construção e análise do referencial teórico; estudo preliminar; análise de uma obra literária, e estudo de campo. A coleta de dados foi materializada por meio da plataforma *Microsoft Forms*, com um questionário contendo questões abertas. Ao fim, conclui-se que, a partir da análise de Emma Bovary, a experiência amorosa pode apresentar uma confluência das pulsões de vida e de morte; verifica-se que as demandas que chegam ao consultório estão relacionadas, majoritariamente, ao tema amor, e que muitas emoções contraditórias são associadas a esse tema; constata-se que a literatura é um campo de grandes possibilidades, servindo de fonte de conhecimento sobre a alma humana e auxiliando o trabalho de psicanalistas clínicos; mostra-se que o uso de obras literárias como prática de apoio à formação do psicanalista proporciona maior aprendizado sobre o aparelho psíquico do sujeito do inconsciente, uma vez que revela uma das formas de pensar o homem e seu psiquismo; percebe-se que a reflexão sobre o amor na obra literária *Madame Bovary* incita uma elaboração quase que singular, pois cada sujeito se coloca diante do amor de determinada maneira, nas mais diversas situações e contextos de vida.

Palavras-chave: Amor. Filosofia. Psicanálise. Literatura. Madame Bovary.

ABSTRACT

RIGONI, Aline Mattos Peruch. **LOVE IN MADAME BOVARY (1856):** a psychoanalytic analysis. 2021. 109 f. Dissertation (Master's degree) - Faculdade Vale do Cricaré, 2021.

This dissertation approaches love, through the lenses of Psychoanalysis, within the literary work *Madame Bovary* (1856). The proposal aims to describe and discuss the construction of the concept of love in psychoanalytic theory, through the analysis of the literary work of Gustave Flaubert, presenting the relationship between love and Philosophy; describing relationships between love and Psychoanalysis; analyzing the subjective position of the character Emma towards love; conducting field research with psychoanalysts in private practice, asking them about the demand for love in their daily work; all with the aim of producing a handout to be used in the classroom, in the Special Topics in Psychoanalysis discipline. These objectives were operationalized through qualitative, exploratory and descriptive research, and the work consisted of a bibliographic survey phase; construction and analysis of the theoretical framework; preliminary study; analysis of a literary work, and field study. Data collection was carried out through the Microsoft Forms platform, with a questionnaire containing open questions. At the end, it is concluded that, based on Emma Bovary's analysis, the love experience can present a confluence of life and death drives; it appears that the demands that come to the private practice clinics are mostly related to the theme of love, and that many contradictory emotions are associated with this theme; it appears that literature is a field of great possibilities, serving as a source of knowledge about the human soul and assisting the work of clinical psychoanalysts; it is shown that the use of literary works as a supportive practice for the formation of psychoanalysts provides greater learning about the psychic apparatus of the subject of the unconscious, since it reveals one of the ways of thinking about man and his psyche; it is clear that the reflection on love in the literary work *Madame Bovary* incites an almost singular elaboration, as each subject faces love in a certain way, in the most diverse situations and contexts of life.

Keywords: Love. Philosophy. Psychoanalysis. Literature. Madame Bovary.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
1.1 JUSTIFICATIVA	10
1.2 OBJETIVOS	12
1.2.1 Objetivo Geral	12
1.2.2 Objetivos específicos	12
2 REVISÃO DE LITERATURA	13
2.1 AMOR E FILOSOFIA	13
2.2 AMOR E PSICANÁLISE	19
2.2.1 Amor em Freud	22
2.2.2 Amor em Lacan	27
2.3 AMOR EM MADAME BOVARY	34
3 METODOLOGIA	41
3.1 TIPO DE ESTUDO	41
3.2 CENÁRIO DE ESTUDO	42
3.3 CRITÉRIOS DE INCLUSÃO E EXCLUSÃO PARA O ESTUDO DE CAMPO.....	43
3.4 TÉCNICA DE COLETA DE DADOS	43
4 ANÁLISE E DISCUSSÕES	45
4.1 ANÁLISE DOS ELEMENTOS PSICOLÓGICOS EM MADAME BOVARY	45
4.2 ANÁLISE DAS ENTREVISTAS COM OS PSICANALISTAS	52
4.2.1 O amor na clínica	53
4.2.2 A formação do analista na universidade	59
5 PRODUTO FINAL	62
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	64
REFERÊNCIAS	66
APÊNDICE A – ROTEIRO DAS ENTREVISTAS	69
APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	70
APÊNDICE C – AMOR: DA PSICANÁLISE À LITERATURA	72

1 INTRODUÇÃO

O amor nos toca desde o momento em que nos percebemos gente. Ele é o enredo central da vida de muitos, e sempre esteve presente nos estudos da Psicanálise, sendo o próprio Complexo de Édipo, conceito fundamental desse saber, um posicionamento diante da Castração, evento que subjetiva o modo como cada um vai amar. Assim, para a Psicanálise, nossas primeiras relações amorosas determinam quem somos. Por isso, a busca por um objeto de amor, assim como o seu entendimento, sempre passa por uma escolha feita pelo inconsciente.

Para Freud (1914), a relação de amor se inicia com a experiência de uma criança que suga o seio da mãe, a experiência de satisfação primordial. A partir dessa experiência, cada encontro com um objeto é, na realidade, um reencontro de satisfação. Nesse sentido, todo objeto de amor é uma substituição de um objeto primordial, anterior à barreira do incesto, sendo o amor uma substituição de um objeto recalcado, um amor de repetição. Para o autor, as escolhas do objeto amoroso têm matriz no Narcisismo Primário; ele diz, claramente, que quem renuncia ao Narcisismo se lança à procura do amor e vai transferir esse amor narcísico para o objeto amado, havendo a supervalorização do objeto ou de si.

Em *O mal-estar na civilização*, Freud (1929) salienta que, embora se considere o amor como a mais poderosa fonte de prazer, nunca se acha tão indefeso contra o sofrimento como quando se ama; nunca tão desamparadamente infeliz como quando se perde o objeto amado ou o seu amor.

O amor está presente nos diversos conceitos centrais da teoria psicanalítica, como Castração (FREUD, 1905), Narcisismo (FREUD, 1914), Pulsão (FREUD, 1915), Complexo de Édipo (FREUD, 1924). Aliás, o amor, tanto na obra de Freud como na de Lacan, é multifacetado, ligado ao Narcisismo (FREUD, 1914; LACAN, 1949), à idealização (FREUD, 1921; LACAN, 1953-1954); como um motor que constitui a civilização (FREUD, 1929); como dom (LACAN, 1956-1957); à suplência (LACAN, 1972-1973), à poesia (LACAN, 1976), entre outros.

Desde os primórdios, o amor esteve na Psicanálise e na Literatura, saberes estes que se entrecruzam. Freud, ao longo de sua vida, avaliou e analisou obras literárias de grandes autores como Dostoiévski, Thomas Mann, Schnitzler, Shakespeare, Goethe e outros. Mantendo um diálogo com a Literatura, segundo Campos (2013), Freud assim procedia quando queria explicar algo da sua teoria,

compreender o processo da criação artística e interpretar uma obra.

Em 1929, Freud ganha o prêmio Goethe, sua única premiação por seus escritos. Ao receber a homenagem, seu discurso transparece a importância que ele dá à escrita: “Desde a minha infância, o meu herói secreto é Goethe (...) Fui capaz de vencer o meu destino de um modo indireto e realizar o meu sonho: permanecer um homem de letras sob a aparência de um médico” (FREUD apud KON, 2003, p. 314).

Mannoni (1994) pondera que as pesquisas de Freud no campo literário não devem ser examinadas sob o ponto de vista da estética ou da crítica literária, mas como uma conversa entre Psicanálise e Literatura (CAMPOS, 2013).

Nesse sentido, a proposta deste trabalho é interpretar uma obra literária partindo-se da premissa freudiana de que, quando se analisa uma obra literária, analisa-se a própria manifestação do inconsciente. Assim, esta dissertação se baseia na obra de Gustave Flaubert (1856), à luz dos escritos de Freud e de Lacan, bem como *O Banquete* de Platão, e outros.

A dissertação está estruturada por uma introdução, na qual é apresentada uma breve contextualização sobre o amor, a justificativa da escolha do tema e o problema que se pretende analisar. A revisão de literatura está dividida em três partes: na primeira, pretende-se apresentar como a Filosofia pensa o amor; na segunda, é abordado o amor na Psicanálise, verificando-se como se dá a construção desse conceito nas obras de Freud e de Lacan; na terceira parte, apresenta-se a obra literária *Madame Bovary* (1856) de Gustave Flaubert e a relação que a personagem Emma tem com o amor. Outrossim, o trabalho indica sua metodologia, configurada em um estudo de campo, exploratória e descritiva com abordagem qualitativa junto à psicanalistas clínicos, além disso, será analisado o amor dentro da obra *Madame Bovary*, seguindo com a discussão dos resultados, em que se traça uma relação, sobre a temática do amor, entre a pesquisa com os profissionais, a obra literária e os teóricos da Psicanálise. Por fim, no último capítulo, restam as considerações finais.

1.1 JUSTIFICATIVA

A principal justificativa para o desenvolvimento desta dissertação se encontra vinculada à própria natureza da Psicanálise e à característica peculiar da teoria de

Freud e de Lacan, os quais se dedicaram ao estudo do amor. Assim, tendo por base a ideia de que viver o amor faz parte da experiência humana, que é circundada de fantasias e imaginário, tornou-se importante o estudo psicanalítico da relação que se estabelece com o amor, já que o processo de análise se dá pela via do amor; a cura pelo amor, diria Freud em carta à Jung.

O interesse em estudar o conceito de amor na obra literária *Madame Bovary* (1856) surgiu de, pelo menos, dois processos: primeiro, no decorrer da experiência da clínica psicanalítica, por ser um tema que está sempre rodeando a vida dos pacientes neuróticos, que buscam, na maioria das vezes, a completude, inexistente; segundo, na vivência dentro da sala de aula da graduação, onde ministrava o curso *Sobre o amor na Psicanálise*, e das aulas ministradas na disciplina *Tópicos Especiais em Psicanálise*, no programa de Pós-graduação em Psicanálise e Contemporaneidade, em que lecionava Psicanálise e Literatura. Por isso, o material produzido nesta dissertação servirá de base para os estudos das referidas disciplinas.

Nas obras de Freud, a Literatura foi muito abordada para embasar a teoria psicanalítica, chegando-se a concluir que a arte antecipa o inconsciente. Desse modo, a criação literária seria uma forma de expressão de aspectos inconscientes, apresentando uma beleza estética, permitindo àqueles que a leem compartilhar desse meio para expressar algo particular.

E os escritores criativos são aliados muito valiosos, cujo testemunho deve ser levado em alta conta, pois costumam conhecer toda uma vasta gama de coisas entre o céu e a terra, com as quais a nossa filosofia ainda não nos deixou sonhar. Estão bem adiante de nós, gente comum, no conhecimento da mente, já que se nutrem em fontes que ainda não tornamos acessíveis à ciência (FREUD, 1907, p. 20).

A escolha da análise documental literária de *Madame Bovary* (1856) vem ao encontro da proposta de estudar o amor na Psicanálise, por ser tratar de um romance realista, no qual os personagens são descritos pelo autor com características humanas reais. Referida obra retrata a personagem Emma Bovary, bastante sonhadora e romântica, que passa a sua vida em busca do amor ideal, tal como nos livros românticos que ela lê. Emma é uma eterna insatisfeita e, aprisionada por sua fantasia, chega à Devastação, termo utilizado por Lacan (1975) no seminário *Mais, Ainda*, para falar da demanda de amor de uma mulher a um

homem, sendo possível à mulher fazer passagem ao ato quando não atendida.

A busca por um objeto de amor, assim como o seu entendimento, questões já tratadas há muito pela Literatura. Em *Madame Bovary* (1856), o amor é profundamente valorizado pela personagem principal, por isso a importância da escolha dessa obra para se estudar o amor.

Esta dissertação é, sobretudo, construída pelas vivências da pesquisadora como analisanda, como psicanalista em formação e como professora de psicanálise.

Problema:

Como o amor pode ser compreendido pela Psicanálise no contexto da obra literária *Madame Bovary* (1856) de Gustave Flaubert?

1.2 OBJETIVOS

1.2.1 Objetivo geral

O objetivo geral deste trabalho é descrever e discutir a construção do conceito de amor na teoria psicanalítica, por meio da análise da obra literária *Madame Bovary* (1856), de Gustave Flaubert.

1.2.2 Objetivos específicos

- Apresentar a relação do Amor com a filosofia;
- Descrever relações entre o Amor e a psicanálise;
- Analisar a posição subjetiva da personagem Emma, diante do amor, na obra literária *Madame Bovary*;
- Realizar uma pesquisa de campo com psicanalistas que atuam na clínica sobre a demanda do amor em seu trabalho diário.
- Produzir uma apostila sobre o amor, do ponto de vista da psicanálise, na obra *Madame Bovary* (1856), para trabalhar em sala de aula na disciplina Tópicos Especiais em Psicanálise.

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 AMOR E FILOSOFIA

O desejo de saber o que é o amor se depara com algo de inefável. Contudo, falar de amor é o que vem sendo feito desde tempos remotos. Platão, em *O Banquete* (427-347 a.C.), discorre sobre Eros (amor), sobre quem ele é e sobre a sua natureza.

O nascimento do Amor é retratado no mito do nascimento de Afrodite (beleza). Quando esta nasceu, houve um banquete entre os deuses; no banquete, estava Poros (recurso) que, embriagado, adormeceu; Pênia (mendiga), carente de recursos, teve a ideia de ter um filho com Poros; deitou-se, então, com ele e concebeu Eros (amor). Portanto, o amor é indigente, como a mãe, e corajoso, audacioso e firme, como o pai. Assim, Eros carece de, por conta de sua mãe; contudo, por causa de seu pai, sente desejo por.

No banquete de Platão estão reunidos alguns convidados para discursar sobre o Amor, o mais belo dos deuses; o anfitrião era Agatão, e seus convidados eram Fedro, Pausânias, Erixímaco, Aristófanes, Sócrates e Alcebíades, que não discursa, mas faz uma declaração de amor a Sócrates. Platão apresenta os vários discursos antes do discurso final, o de Sócrates, que tem como base o relato de uma mulher, Diotima.

No decorrer dos discursos, cada filósofo reunido esclarece como o Amor dá razão à existência humana. O primeiro a falar é Fedro, um discípulo sofista, professor de retórica. Para Fedro, Eros é um dos deuses mais antigos do Olimpo; ele é criado; não tem pai, nem mãe, e todo nascimento é em virtude de Eros; por isso, tem um papel fundamental na vida humana, sendo que a bravura e a coragem estão entre as suas mais louváveis virtudes. Na sua concepção de amor, existe a figura do amante e do amado. Nesse sentido, um ama e o outro se deixa amar; em uma situação amorosa, para Fedro, o amante precisa fazer de tudo para agradar o amado, acreditando que o mundo perfeito deveria ser constituído somente de amante e amado.

Pausânias é o segundo a discursar; também é sofista e inicia com uma forte crítica a Fedro; para ele há dois tipos de Eros: o Eros Celeste e o Eros Vulgar. Atender ao Eros Vulgar é atender ao egoísmo da matéria e, para atender ao Eros

Celeste, o homem precisa responder aos modelos perfeitos de justiça e de virtude. Além dessa concepção, Pausânias elogia a prática da pederastia, como um elemento de convenção social, cabendo ao amante ser insidioso com o amado, persistindo na sedução de sua alma; quanto ao amado, deve ser resistente ao que é passageiro, ser apto a fugir dos apelos dos falsos amantes.

Erixímaco, o terceiro orador, é médico e apresenta o Amor como uma harmonia, associando Eros à Medicina. Apresenta dois Eros: Saúde e Doença; um, traz equilíbrio e harmonia; o outro, traz desequilíbrio e ruína ao corpo e à alma. O filósofo faz um paralelo entre a Medicina e a Música; utiliza dos elementos semânticos da Música para fazer uma analogia com a Medicina; ele afirma que a harmonia resulta de elementos contrários, como as notas que ditam o ritmo de uma música, tornando-a agradável. Só há amor se houver essa harmonia do corpo e da alma.

O quarto comensal a falar é Aristófanes, comediógrafo, que profere seu discurso em linguagem poética. Ele diz que, antes de tudo, era preciso conhecer a história da natureza humana e lançar mão de um mito para retratá-la. No princípio dos princípios, havia três gêneros de seres humanos, os quais eram duplos em si mesmos: andros, gynos e andrógeno. Esses seres eram autossuficientes e perfeitos, de uma força e de um grande vigor; possuíam quatro mãos, quatro pés, dois órgãos de geração e uma cabeça, que comportava duas faces opostas; o sexo masculino descendia do Sol; o feminino, da Terra, e o andrógeno, da Lua. Com grande presunção, voltaram-se contra os deuses e estes, para torná-los mais fracos, partiu-lhes em dois, jogando cada metade em uma parte do mundo, condenando-os à infelicidade eterna, incompletos. A partir de então, a vida humana seria uma busca constante pela sua outra metade perdida.

Segundo Platão (2015), seria essa a explicação do amor que os homens sentem uns pelos outros, tentando recompor a antiga natureza de dois fazer um só, restaurando, assim, a antiga perfeição. Nesse sentido, o autor nos leva a pensar que o amor tem como base a falta.

Interessante ressaltar que, nessa linha de pensamento, o personagem de Aristófanes justifica a homossexualidade tanto masculina, quanto feminina, bem como a heterossexualidade.

Agatão, o quinto orador, é poeta e anfitrião do banquete. Inicia criticando o discurso de todos os outros anteriores a ele. Eros é jovem, sempre jovem, e uma

prova disso é que ele se manifesta principalmente entre os jovens; um ser tão poderoso, que nos torna melhores. Assim, o homem ama o outro porque Eros está dentro dele, sendo impossível dar ao outro o que não se tem. Para Agatão, Eros é possuidor de todas as virtudes e o mais belo de todos os deuses.

O sexto e último a discursar é Sócrates; ele refuta a ideia de Agatão e diz que o que aprendeu sobre Eros foi com a sacerdotisa Diotima. Assim, baseado nas lições da sacerdotisa, Sócrates afirma que o amor é o desejo e que só se deseja o que não se tem. Nesse sentido, só há amor na ausência, não na presença. O filósofo afirma que amor é o desejo de alguma coisa, mas só se deseja algo que não se possui. Para o pensador, o amor é uma busca, um processo dinâmico, nunca estático.

Por sua vez, Platão afirma que o amor evolui: começa-se amando uma pessoa, depois várias, até se chegar a um ponto mais puro e verdadeiro de amor, que é o amor pela própria Beleza. Nesse sentido, ele aproxima o amor e a Filosofia, concluindo serem ambos uma busca pelo bom e belo.

Lacan (1960), em *A Transferência*, retoma a obra de Platão para falar de amor. Sócrates, quando indagado sobre o amor, diz não saber nada sobre o assunto, a não ser aquilo que escutou de uma mulher e, quem fala em seu lugar, é Diotima. Lançando mão do seu método, a interrogação socrática, ele questiona Agatão se Eros deseja o que já tem, ou se deseja o que não tem; se é amor por alguma coisa; se amar e desejar algo é possuí-lo ou não; se é possível desejar o que já se tem.

Pode-se notar que Sócrates substitui o termo Eros (amor) pelo termo desejo. Quando acontece a substituição, compreendemos que a ideia de falta é produzida no centro da questão do amor. Se o desejo está atrelado à falta, e o termo vem substituir o amor, assim o amor somente poderá se articular ao redor da falta.

Consoante lições Ferreira (2017), o método socrático legitima a substituição, visto que a temática do discurso vai girar em torno de Eros (amor) e Eros (desejo). Com muita habilidade, Sócrates maneja o interlocutor com destreza, levando-o à conclusão de que o objeto do desejo é algo que não está à sua disposição; trata-se de algo que não está presente, ou seja, é algo do qual ele está desprovido.

Sócrates continua com seu jogo de significantes até que Agatão revela não saber mais o que foi dito. Para Sócrates falar de amor, ele o solicita à sacerdotisa Diotima.

Ao analisarmos o método socrático, chegamos ao seu limite de sim ou não, presença ou ausência, como nos apontou Lacan. Assim, o que não é belo, é feio; o que não é bom, é irrefutavelmente mau. Contudo, a sacerdotisa quebra esse padrão de Sócrates quando diz que nem tudo que não é belo é necessariamente feio. Diotima ainda afirma que o amor pertence a uma outra zona; está entre a ciência e a ignorância; está entre o belo e o verdadeiro. O amor está entre os deuses e os mortais; ele é um intérprete, um mensageiro que leva aos deuses questões humanas, e traz para os homens instruções divinas; o amor é de natureza intermediária entre homens e deuses (FERREIRA, 2017).

Para Lacan (1960-1961), a fórmula do amor é justamente dar o que não se tem; o amor gira em torno da falta. A ignorância aqui não se refere à falta de conhecimento, e sim a um conhecimento do qual não se sabe, um conhecimento insabido. Se o amor atinge os deuses que pertencem ao campo do real, então o amor não poderia ser ignorância, porque atinge o real e encontra aquilo que é. Na zona do amor, o sujeito não reconhece a sua própria mensagem.

Com a descoberta do inconsciente, fundamentam-se as mensagens no domínio do simbólico, constatando-se que a maioria das mensagens são nossas, não advindas dos deuses. Assim, “amamos no outro aquele vazio enigmático que nos constitui” (p.189), aquilo que supomos vir do outro como mensagem, como resposta ao nosso próprio desejo; trata-se, senão, do nosso próprio desencontro com o nosso vazio (FERREIRA, 2017).

Segundo Lacan (1960-1961), é possível entender que o amor, Eros, atinge o real, pois não recebemos nenhuma mensagem, já que o real não é simbolizado. Eros simplesmente se aproxima do que não pode ser representado; é simplesmente o que há. Contudo, no seu trajeto, imagina ser possível simbolizar o impossível.

O autor continua afirmando que a mulher, no irrepresentável, no verdadeiro, no real, recorre ao amor; recorre ao imaginário, lugar onde não pode ser simbolizada, para assim dar sentido ao seu ser. Entre o amor e a mulher, há uma relação de afinidade; o amor e a mulher se valem de artifícios para tentar contornar, dar finitude a algo que é infinito; para delimitar o que é impossível de ser delimitado. Assim, Lacan finaliza dizendo que “a mulher e o amor não passam de uma miragem, de um logro” (p.189).

Em *Elogio ao Amor*, Badiou (2013) aduz que o amor é um processo de construção de verdade, a partir do engajamento existencial recíproco com seu

sujeito/objeto de amor. É um processo de construção que sempre se inicia pelo encontro de dois sujeitos com subjetividades infinitas; um evento metafísico de passar a olhar o mundo pelo prisma de Dois e não de apenas um. São incontáveis os exemplos literários que reproduzem o ponto de partida do encontro amoroso, tal como Romeu e Julieta, amantes que pertencem a esferas inimigas e que passam por intensas dualidades e radicais separações, combustíveis extremamente importantes para que o encontro de duas diferenças desencadeie a construção do amor. Não se trata apenas de uma relação fechada entre dois indivíduos, mas da vida que se faz; uma cena de Dois.

Platão afirma que há, no impulso amoroso, um gérmen universal, que ele denomina impulso de ideia. Assim, quando se admira um corpo bonito, segue-se a ideia do belo. De igual forma, Badiou (2013) comungava da ideia de que, na experiência do amor, existe um valor universal, não pura singularidade do acaso, sendo possível experimentar o mundo a partir da diferença, não apenas da identidade. Nesse sentido, deposita-se uma confiança sem saber o que se terá de volta.

Porém, Badiou não se interessou apenas pelo instante do acontecimento amoroso, mas pela duração e qualidade dessa relação; sobre como o sujeito expressa sua linguagem, interiormente, e quais as mudanças que acontecem nos sujeitos ao longo de seu relacionamento. Percebe-se que o autor se aproxima do aforismo de Lacan (1975) que afirma não existir relação sexual; que, na verdade, no ato sexual, cada um está preocupado com o próprio gozo. Assim, o gozo das pessoas envolvidas não é um sentimento mutuamente compartilhado; o que há é a mediação do corpo do outro. No fim das contas, o gozo é sempre solitário. Nesse sentido, Badiou nos diz que o ato sexual separa, pois, mesmo que o sujeito esteja nu e colado ao corpo do outro, isso é uma representação imaginária, sendo o seu orgasmo individual e intransferível.

Nessa perspectiva, a realidade é narcisista, o vínculo é imaginário. Não existe relação sexual, pois não há reciprocidade. Dessa maneira, o amor surge no lugar dessa não relação.

Para Badiou (2013) no amor, o sujeito vai além de si; ele procura abordar o ser do outro. No encontro amoroso, o sujeito busca uma forma de fazer com que o outro exista junto com ele, assim como ele é.

Em função disso, referido autor nos traz três concepções principais do amor:

a primeira é o encontro romântico, focado no êxtase do encontro; a segunda, o encontro de dois indivíduos sob uma concepção jurídica, em que o amor seria um contrato, e ambos expressariam amor e atenção à igualdade na relação. Por fim, a terceira concepção abarca uma construção de verdade, que inclui o desejo sexual em suas experiências, até mesmo o nascimento de um filho, e todas as outras coisas, pois se trata de viver pelo prisma da diferença.

Na visão de Bauman (2004), o amor se tornou líquido, a sociedade contemporânea tornou seus relacionamentos descartáveis; as pessoas se queixam de se apaixonar e se desapaixonar com enorme facilidade; estão inclinadas a repetir suas experiências de vida, chamando-as de amor com frequência. A definição de amor como até-que-a-morte-nos-separe entrou em desuso. A vida acelerada que a maioria dos indivíduos leva contribui para fragilidade dos laços afetivos. Os vínculos sociais desenvolvem-se com intensa velocidade e nossas ações mudam constantemente, antes mesmo de se consolidarem, trazendo dor e angústia. Contudo, esse processo não é um desvio da civilização, mas um processo contido na própria modernidade, aduz Bauman.

Na visão do sociólogo, devido à grande oferta de experiências amorosas, pode surgir a convicção de que amar é uma habilidade que pode ser adquirida e dominada pela prática constante de se apaixonar. Noites avulsas de sexo são carinhosamente chamadas de fazer amor. Foi criada a ilusão de que a próxima experiência será ainda mais estimulante e prazerosa e que, a que está sendo vivenciada, “jamais será tão emocionante ou excitante quanto a que virá depois” (2004, p.10-11).

Bauman, todavia, ressalta que todo esse conhecimento é mera ilusão, porque consiste em uma série de eventos amorosos com episódios curtos, intensos e impactantes, trazendo à tona a sua própria fragilidade. Assim, as habilidades adquiridas são a de terminar rapidamente e começar do início, o que leva o autor a afirmar que não temos mais o hábito de consertar ou reformar o que estraga; simplesmente descartamos.

Nesse sentido, o sociólogo afirma que a Modernidade Líquida reflete insegurança e estimula desejos conflitantes, pois, ao mesmo tempo em que se busca estreitar laços, há uma necessidade de mantê-los frouxos. Esse conflito fica evidente quando vêm à tona as crescentes estatísticas de casos de depressão e síndrome do pânico, relatadas em todo o mundo.

No domínio de uma cultura consumista, o produto oferecido está pronto para o prazer passageiro e a satisfação instantânea. É prometida a arte de amar, mesmo sendo falsa e enganosa. A experiência amorosa que fascina e seduz com desejo sem ansiedade, esforço sem cansaço e resultado sem esforço, é vendida como se fosse algo fácil a se conquistar. Nesse sentido, Bauman assevera que, para se ter amor, é necessário ingressar em terras inexploradas e não mapeadas, e isso só é possível com muita humildade e coragem, pois “sem humildade e coragem não há amor” (2004, p.18).

Não é possível a busca por amor sem o Dois. Assim, pode-se dizer que o amor é uma contraexperiência frente ao mundo de interesses próprios. Conforme Badiou (2013), o amor precisa ser defendido e reinventado dentro da própria experiência de mundo, pois é o que dá intensidade e significado à vida; o amor é a própria reinvenção da vida.

2.2 AMOR E PSICANÁLISE

No decorrer de seus estudos, Freud retrata o amor como uma dimensão que se aproxima do sentimento e da ideia que comumente se tem de amor; em outros momentos, o amor aparece ligado à sexualidade. Observa-se que, no avançar de seus textos, o amor vai ganhando um conceito na Psicanálise, sendo apresentado por diferentes prismas ao longo de suas obras (KUSS, 2015).

Consoante lições de Kuss (2015), é possível afirmar que as primeiras referências ao amor, na obra de Freud, se deram na relação entre hipnotizador e hipnotizado, pois a técnica da Hipnose exigia confiança e entrega, características presentes nas relações de amor. Há, na própria história da Psicanálise, o registro da relação amorosa entre Anna O. e Breuer, testemunhada por Freud (KUSS, 2015).

Registra-se que a Psicanálise se dá pela via do amor, ainda que não recíproco (FREUD, 1915). Lacan (1972-1973), em sua formulação sobre o Sujeito Suposto Saber (SsS), revela que a transferência não se diferencia do amor. A transferência é um laço de amor, pois aquele a quem se supõe o saber, ama-se. Assim, a condição do tratamento é o amor que se dirige ao saber. Para a Psicanálise, o amor é o motor da técnica psicanalítica; é o amor de transferência. As tramas e as histórias do sujeito do inconsciente, dentro do consultório, também são para falar de amor. Não sem razão, Lacan afirma “falar de amor, não se faz outra

coisa no discurso analítico” (1972-1973, p.112).

Freud (1929) reflete o modo como o amor é central na constituição do sujeito, bem como a condição dos seus principais sofrimentos. Em *O Livro da Dor e do Amor*, Nasio (1997) afirma: “quanto mais se ama, mais se sofre” (p.26).

Em *O mal-estar na Civilização*, Freud (1929) chama atenção para o fato de que o sofrimento afeta o ser humano de três formas: a partir do corpo, a partir das forças do mundo exterior e a partir das relações com outros seres humanos, sendo esta última, potencialmente, mais perigosa que as outras duas. Assim, o homem tenta encontrar meios de se proteger dessas ameaças, sendo o amor a possível solução. Dessa forma, entende-se que, para Freud, ama-se para evitar conflitos. Contudo, isso é uma ilusão de controle do sofrimento, já que, ao amar, o homem fica à mercê desse sentimento. Por outro lado, sem o encontro com a alteridade, encontro sempre traumático, não haveria mundo humano.

Lacan (1960-1961) diz que o amor é um acontecimento particular, que ocorre a um sujeito frágil e que necessita do seu ser na convivência com o outro. Trata-se de um objeto imaginário, que vem ocupar o lugar do vazio da falta. Uma relação *sine qua non* leva o amante em direção ao amado, de maneira a depositar neste último a possibilidade de recuperar sua totalidade, lugar onde nada falta, supondo que o amado tenha algo precioso que possa preencher o que lhe falta.

O encontro numa parceria amorosa tem como consequência o encontro com o fantasma do outro; encarna-o na medida em que se apresenta como objeto que causa seu desejo. O amor necessita que esse objeto faltante seja encarnado numa pessoa.

Nasio (1997) nos exemplifica isso levando-nos a imaginar uma pessoa que nos seduz, que desperta e captura a força de nosso desejo. Assim, o autor traz ao cenário um sujeito que se apega a essa pessoa e faz dela uma parte de si. Metaforizando, o autor reflete:

(...) nós a recobrimos como uma hera recobre a pedra. Nós a envolvemos como uma multidão de imagens superpostas, cada uma delas carregada de amor, de ódio ou de angústia, e a fixamos inconscientemente através de uma multidão de representações simbólicas, cada uma delas ligada a um aspecto que nos marcou (p.39).

O eleito deixa de ser apenas uma instância exterior, para viver como objeto dentro da fantasia do sujeito. E isso leva a uma eterna insatisfação, pois o outro

nunca vai responder desse lugar. Nesse sentido, o ser que mais amamos é o ser que mais nos insatisfaz. Na realidade do dia a dia, o outro é o amor, mas também a queixa, existindo, assim, duplamente, um indivíduo vivo no mundo e uma representação fantasiada que regula o fluxo do desejo (NASIO, 1997).

Segundo Miller (2008), amar verdadeiramente alguém é acreditar que, ao amá-lo, se alcançará uma verdade sobre si, e, para isso, é necessário reconhecer a falta que se tem na necessidade do outro. O autor cita Freud revelando que este denominou *Liebesbedingung* a condição do amor, a causa do desejo; trata-se de um traço particular – ou de um conjunto de traços – que tem, para cada um, uma função determinante na escolha amorosa. Isso é próprio de cada um e está relacionado com a história singular de cada um. Freud, por exemplo, assinalou como causa do desejo de um de seus pacientes um brilho de luz no nariz de uma mulher. A título de exemplo, Lacan extrai do romance de Goethe a súbita paixão de Werther por Charlotte, no momento em que o jovem a vê pela primeira vez, alimentando um numeroso grupo de crianças que a rodeava, apaixona-se. Há, nessa cena, a qualidade maternal da mulher como traço que desencadeia o amor.

Dessa forma, percebe-se que não há fórmula que defina o porquê de se escolher X em vez de Y. A parceria amorosa se dá por uma relação direta com o inconsciente e com as marcas que ali foram feitas em algum momento da vida do sujeito.

No seminário *A Transferência*, Lacan (1960-1961) retrata o amor como significante, ou seja, como metáfora, articulando como substituição. Assim, o amante é o sujeito da falta e o objeto amado produz a significação do amor. Essa proposta tem relação com o conceito de objeto *a*, uma vez que, ao fazer uma identificação com essa fantasia, o desejo se desloca para o sujeito com o desejo do Outro, nunca conseguindo alcançar este.

Esta mão que se estende para o fruto, para a rosa, para a acha que se inflama de repente, seu gesto de pegar, de atrair, de atçar é e estreitamente solidário à maturação do fruto, à beleza da flor, ao flamejar da acha. Mas quando, nesse movimento de pegar, de atrair, de atçar, a mão foi longe o bastante em direção ao objeto, se do fruto, da flor, da acha, sai uma mão que se estende ao encontro da mão que é a de vocês, e neste momento é a sua mão que se detém fixa na plenitude fechada do fruto, aberta da flor, na explosão de uma mão em chamas - então, o que aí se produz é o amor (LACAN, 1960-61, p. 59).

Depreende-se da obra de Lacan que não há objeto de amor correspondido. Por mais que o amante estenda a mão para pegar o fruto (seu objeto de amor), o que ele vai encontrar é o ser do amado, o qual também estende sua mão. É dessa maneira que o encontro de dois amantes acontece; o encontro de duas faltas. O amor se dá quando aquele sujeito corresponde a essa mensagem, embora sempre exista um mal-entendido no amor, pois nunca há encaixe para o neurótico.

2.2.1 Amor em Freud

Para Freud, a palavra amor, mesmo pertencendo à linguagem comum, tomou um valor de conceito, porque ela se difere de paixão, de arrebatamento. Como já mencionado, Freud se aproxima da ideia de amor comum; faz ligação do amor à sexualidade, e utiliza a palavra amor como sinônimo de libido e desejo. Outrossim, é possível inferir de suas obras que as primeiras referências ao amor aconteceram entre hipnotizado e hipnotizador, visto que, para a hipnose ocorrer, é exigido grande confiança, aspecto também presente nas relações amorosas (KUSS, 2014).

Salienta-se que as primeiras referências sobre o amor no texto freudiano são encontradas nos casos clínicos de histeria. Freud (1893) notou que a histérica busca o seu amor de forma fantasiosa. Para o autor, a proibição amorosa é a causa do sintoma histérico, que marca no corpo um desejo recalcado. O autor exemplifica isso no caso clínico de Elisabeth Von R. e seu cunhado, em que as representações de natureza erótica entram em conflito com a moral, pois elas estão centradas no cunhado durante a vida de sua irmã e, mesmo após a morte dessa irmã, ainda era inaceitável estar atraída por esse homem proibido.

Desse modo, entende-se que, na neurose histérica, o amor aparece como uma manifestação sexual, uma etiologia das neuroses. Nesse momento da obra, sexualidade e amor se encontram de maneira equivalente. Para Freud, o amor continha todos os componentes do instinto sexual, e os sintomas nada mais eram que a procura de tratamento para as paixões reprimidas anteriormente, sendo certo que todo tratamento psicanalítico é uma tentativa de liberdade para o amor reprimido, que não encontrou escoamento suficiente na conciliação de um sintoma (Freud, 1906).

O autor informa que a realização de um desejo inconsciente se dá tanto pelo sintoma quanto pelo sonho, e que, diante de uma insatisfação amorosa, a libido

pode satisfazer-se de modo sintomático. Para a construção da clínica da neurose, o amor é indispensável, visto que o adoecimento surge como consequência de uma insatisfação amorosa. Quando o objeto amado é perdido e não se encontra substituto para o seu lugar, torna-se neurótico (FREUD 1912).

Durante um tempo, Freud apontou a frustração amorosa como um dos desencadeadores da neurose. Entretanto, o sentido que Freud deu à palavra amor, como sinônimo de sexualidade, não se manteve. A partir de seus estudos, Freud conclui que a satisfação se refere à pulsão sexual; a frustração associa-se à incapacidade da pulsão ser satisfeita, apaziguando, assim, as tensões internas. É atribuída à cultura a causa das frustrações, pois os desejos libidinais do sujeito e o seu eu entrariam em conflito, restando propício que a neurose se constituísse, como uma tentativa de proteção (KUSS, 2014).

O estudo freudiano do amor ressalta que o movimento amoroso aposta em uma unidade do objeto, e que o eu se endereça ao (re)encontro com uma felicidade perdida, que se vincularia ao ideal de felicidade. Freud articula um ideal narcísico entre o eu e o objeto, que é nomeado de Narcisismo Primário. Encontra-se logo nas primeiras referências freudianas ao amor um destaque ao amor infantil, que vai determinar as escolhas amorosas na vida adulta. Para Freud, o primeiro cuidador, que pode ser a mãe, torna-se o primeiro objeto de amor do bebê, e esta primeira escolha de amor infantil está diretamente ligada à escolha de amor da puberdade (PAZ, 2009).

Em *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, Freud (1905) discorre sobre o objeto que se perde na infância: o seio materno. O autor relata que o ser humano tentará reencontrar esse objeto de satisfação, mas este se encontra perdido para sempre. A amamentação para a criança seria modelar para todos os relacionamentos amorosos.

Em análise de referido texto freudiano, Kuss (2014) afirma que, para o ser humano, a alimentação não está ao simples servir da necessidade fisiológica. Quando uma mãe alimenta um bebê, ela oferece mais do que leite; o que fica também em oferta é o seio. Dessa maneira, a mãe transmite algo do seu desejo, e é isso que o bebê recebe junto com o leite. Ao dar o seio e o alimento, a mãe dá algo que alimenta o psíquico, e que se liga ao sexual; a mãe erotiza o corpo infantil (LOPES, 2009).

Durante todo o período de latência, a criança aprende a amar outras

peças que satisfazem suas necessidades e a auxiliam em seu desamparo. Portanto, tem-se que essa amamentação é mais do que uma satisfação das necessidades primárias da criança; não se trata apenas da satisfação fisiológica, pois o humano é um ser de pulsões (FREUD, 1905).

Kuss (2014), associa que o amor estaria condicionado a uma dependência primária que o sujeito tem em relação às pessoas. A criança fica angustiada quando seus desejos não são atendidos; fica com sua libido insatisfeita. Já o adulto sente medo quando está sozinho, sem uma pessoa a quem possa amar. A sensação de desamparo na infância remete à exata angústia gerada pela perda de um amor quando adulto.

Assim sendo, a criança aprende a amar a partir de suas primeiras ligações amorosas. No princípio, essas ligações são calcadas no biológico – desamparo e necessidade; posteriormente, com a introdução à linguagem, isso se transforma em desejo.

Em *Sobre o narcisismo: uma introdução*, Freud (1914) difere dois tipos de narcisismo: o primário e o secundário. Durante a fase inicial do desenvolvimento infantil, a criança obtém prazer em estimular partes do seu corpo; ela não compreende um corpo como uma unidade em separado; sente prazer em sugar o seio da mãe e o entende como uma extensão de si. Ao compreender seu corpo como uma unidade, a criança passa a investir libidinalmente em si, sendo incentivada pelos pais, que atendem às suas necessidades prontamente, deflagrando-se o que Freud chamou de Narcisismo Primário. Em outro momento, a criança não é mais atendida e é tolhida em seus desejos. Para atender às exigências do mundo externo, ela tem seu narcisismo primário frustrado; passa a se confrontar com a realidade. Sentindo-se parte do mundo, a criança passa a investir libidinalmente nos objetos.

Pode-se entender que o autor, nesse texto, apresenta uma articulação entre os esforços do ego e o (re) encontro amoroso com o objeto perdido. Esse encontro com o objeto de amor seria, então, um encontro com o objeto específico supervalorizado.

Freud (1914) salienta que o ego precisa ser desenvolvido, não podendo existir no sujeito desde o seu começo. O movimento de fragmentação corporal conduzindo o corpo às suas próprias pulsões parciais autoeróticas é manifestação do Narcisismo Primário também. O eu se constitui como reservatório da libido e é

investido de todos os ideais de perfeição parentais. Em um primeiro momento, o eu mais primitivo não diferencia o investimento parental, encontrando-se permeado pela plenitude e onipotência do bebê, que tem suas ordens prontamente satisfeitas, visto que seus desejos são ordens.

Freud (1914) retrata o amor tendo como ponto de partida a escolha de objeto. Diante disso, pode-se entender que o Narcisismo é uma condição que fundamenta a constituição psíquica do sujeito. Freud fala do amor em duas possibilidades de escolha: a narcísica e a anaclítica, ambas ligadas ao ideal de reencontro com a plenitude narcísica. O sujeito, então, teria dois objetos sexuais: ele mesmo, bem como os que desempenham as funções de alimentação e de proteção. A escolha narcísica seria o amor a si, ou seja, ama-se o que se é, o que se foi ou o que se gostaria de ser. O objeto é amado com a mesma intensidade com que o eu do prazer foi amado no autoerotismo. Já na escolha anaclítica, ama-se a parte do eu que foi renunciada e transferida para o objeto, fazendo com que o objeto seja revestido das funções materna e paterna, que, para Freud (1914), seriam a mulher que alimenta ou o homem que protege.

Os objetos de amor anaclítico têm como modelo as pessoas que alimentaram, cuidaram e protegeram o sujeito em sua infância. Ou seja, sua mãe ou cuidadora. Sobressaem nesse tipo de escolha amorosa as pulsões de auto conservação. Os objetos amados na vida adulta serão semelhantes às imagens daqueles que se dedicaram ao seu cuidado, a satisfazer suas necessidades primárias. Na escolha anaclítica, há um investimento de libido no objeto que representa o ideal narcísico (PAZ, 2009).

Já na escolha narcísica, o objeto é eleito à imagem do próprio ideal egoico. O sujeito irá amar o objeto que representar aquilo que ele foi no passado, aquilo que ele é, aquilo que gostaria de ser, ou parte de si. Tanto na forma narcísica quanto na forma anaclítica, a afirmação freudiana mostra que, quem possui a excelência que falta para tornar o eu ideal, é quem será amado. Na escolha narcísica, o sujeito busca o seu eu, encontrando-o no outro; na escolha anaclítica, o sujeito procura novamente o seu trono de majestade, ansiando ser cuidado e protegido como supostamente o fora na infância (FREUD, 1914).

Em síntese, conclui-se que Freud (1914) demonstra as modalidades do amor narcísico e anaclítico de forma que, no amor narcísico, amamos no outro o que somos, o que fomos, o que gostaríamos de ser ou uma parte de nós mesmos,

enquanto que, no amor anaclítico, amamos no outro a mulher que alimenta ou o homem que protege.

De acordo com Paz (2009), o que Freud realmente procura salientar é o reencontro com o ideal do eu, que as pessoas pensam ser a felicidade absoluta. Ao contrário disso, o fato de não ser amado reduz os sentimentos de autoestima, enquanto que o de ser amado, os aumenta. Assim, a satisfação em uma escolha objetal narcisista consiste em ser amado. A dependência do objeto amado reduz os sentimentos de autoestima, pois um sujeito que ama, priva-se de uma parte de seu narcisismo, uma vez que a energia libidinal estará dividida entre si e o outro.

Freud (1914) aponta para uma espécie de empobrecimento do ego, que se dá porque as catexias libidinais lhe são retiradas. Por outro lado, ser correspondido no amor e possuir o objeto amado o eleva. Nesse caso, segundo Kuss (2014), o sujeito tenta, a todo momento, resgatar o seu narcisismo infantil, com a intenção de se restabelecer de sua condição faltante, buscando, assim, atualizar suas relações primárias. O sujeito projeta diante de si seu ideal, o substituto do narcisismo perdido na infância. Com isso, pode-se dizer que o amor, para Freud (1914), é narcísico e movido pela pulsão, conceito situado na fronteira entre o mental e o somático, como o representante psíquico dos estímulos que se originam dentro do organismo e alcançam a mente (FREUD, 1914).

No mesmo texto, o autor defende que o amor, mesmo objetal, é sempre descendente de um amor próprio que, quando se volta para um objeto, será idealizado e dependerá do infantil de cada sujeito. O estar apaixonado consiste num fluir da libido, do ego em direção ao objeto, que ocorre em virtude da realização das condições infantis para amar (FREUD, 1914).

Nos artigos dedicados à Psicologia do amor, Freud (1910/1912) chama atenção para o fato de que os homens procuram a mãe em suas escolhas objetais, seja como mulher comprometida, prostituta, virgens; mulheres que precisam ser salvas ou mulheres maduras. O autor salienta ainda que, quando um objeto de um impulso desejoso se perde em consequência da repressão, ele se representa por uma sucessão de objetos substitutos, nenhum dos quais, no entanto, proporciona satisfação completa. Para o autor, isso pode explicar a inconstância na escolha de objetos que, comumente, caracterizam o amor nos adultos.

2.2.2 Amor em Lacan

Ao longo dos anos, Lacan lança enunciados sobre o amor. Em 1974, declara que o amor só se escreve graças à uma proliferação de desvios e chicanas; delírio e loucuras que ocupam, na vida de cada um, um lugar. Em 1957, encontra-se a fórmula lacaniana do amor: “o amor é dar o que não se tem” (p.122), posteriormente completada por alguém que não quer saber disso. Em 1960, o amor é um sentimento cômico e, em 1975, é introduzida a palavra amódio. Poesias, fórmulas, pintura e mitos marcam que, em Lacan, o amor é um intermediário entre saber e ignorância (ALLOUCH, 2010). Nesse sentido, Lacan, diferentemente de Freud, não encara o amor de um ponto de vista científico.

Para Lacan, o amor está além do Narcisismo. Ele pensa o amor como dom. Um amor com realização somente pelo imaginário não agradava a Lacan. Se no registro do narcisismo o objeto investido de libido é algo que ele é e, ao mesmo tempo, não é, o que o sujeito ama no outro é a si mesmo, o que justifica Lacan dizer que o objeto é ele e não é ele (LACAN, 1956-1957).

Miller (2008), retornando ao aforismo lacaniano amar é dar o que não se tem, nos diz que amar é reconhecer a falta e doá-la ao outro, colocando-a no outro. Não é dar o que se possui, os bens, os presentes; é dar algo que não se possui, que vai além de si.

Nesse sentido, a forma como o sujeito se relaciona com o amor diz muito sobre ele. O discurso analítico é falar do amor. Na paixão, a falta não aparece, está recoberta; existe uma sensação de completude. Contudo, isso acontece por um curto período de tempo. A paixão se desfaz e o laço pode ser formado a partir da falta. A ideia de completude é sempre reforçada no senso comum. Acredita-se que, em algum momento da vida, alguém será encontrado e completará esse sujeito faltoso, e que duas pessoas se tornarão uma. Contudo, Kuss (2014) nos lembra que, para a Psicanálise, acontece justamente o contrário, não sendo possível a completude do sujeito, visto que o amor não elimina a falta, pois esta faz parte da constituição psíquica do sujeito, sendo inerente ao ser humano.

Lacan (1956-1957) salienta que o amor é uma metáfora, em que se encontram amplos e distintos desdobramentos. A falta é estrutural de todo sujeito. Não existe um objeto que dará conta dessa falta, mas existe um engano sobre ele. Chamamos de objeto *a* o objeto da falta, o objeto perdido e, portanto, causa de

desejo. Aqui, Lacan fala do desejo de encontrar um objeto supostamente perdido e que já existiu, e o sujeito fracassa, deixando um vazio.

No Seminário IV, Lacan (1956-1957, p. 13) afirma que “é através da busca de uma satisfação passada e ultrapassada que o novo objeto é procurado, e que é encontrado e apreendido noutra parte que não no ponto onde se procura”. Ou seja, o sujeito encontra um traço no outro que permite uma identificação entre ambos. Vai se produzir um encobrimento; o amante vai produzir no amado um eclipse entre o objeto *a* e o ideal de eu.

Não existe encaixe perfeito na humanidade, pois, o que nos falta, o outro não tem para oferecer. Lacan relata que o amor é impotente, mesmo quando dois se amam, visto que o amor ignora que é apenas o desejo de ser Um, fusionado, sendo impossível estabelecer a relação dos dois sexos. O encontro com o outro vai sempre trazer a falta, de modo que, para Lacan, a relação sexual não existe (PAGLIARI; SOUZA, 2019).

Nas relações amorosas, o sujeito volta à infância na relação com o Outro materno, retornando a esse lugar onde perdeu algo quando criança. Assim, o gozo só será possível através de objetos substitutos, que chamamos de objeto *pequeno a*. Ou seja, o resto que não é simbolizável, o sujeito irá buscar no outro, como se este estivesse na posse desse objeto. Isso desperta o desejo do sujeito e transforma o outro em parceiro sexual, com capacidade para se tornar um parceiro amoroso (MOREIRA, 2017).

Em 1960, Lacan afirma que o sujeito busca o objeto no outro, mas não o encontra. O que se busca é algo que lhe falta e não se tem ideia do que seja. O sujeito deseja somente por estar em falta. Busca-se o retorno do objeto perdido. Assim, o sujeito vive na tentativa do reencontro de algo seu no outro. O desejo só é possível pela constante insatisfação, motivo pelo qual o sujeito se lança em novos projetos, tudo em busca da satisfação absoluta, que nunca será encontrada, restando-lhe apenas a satisfação parcial. O sujeito desliza de objeto em objeto, infinitamente.

Moreira (2017) acrescenta que o amor tenta sempre preencher a falta com a presença do outro, este último considerado como portador do que lhe falta. Com isso, elabora-se o seguinte: quem eu amo e desejo, o parceiro sexual, detém o outro da pulsão escondido na forma de objeto de desejo.

No Seminário XX (1975), Lacan elabora, mais uma vez, o conceito de Outro.

O Outro como o outro sexo, o Outro gozo, que é um gozo que não se sabe, que vai constituir o Outro barrado. Quando se fala em Outro sexo surge a seguinte dúvida: se a mulher não existe para Lacan, por que se falar em Outro sexo? O que ele nos diz aqui é que não existe significante que estruture a mulher, pois é necessário um significante fálico para a estruturação do sujeito. Desde o Complexo de Édipo, esse significante é o falo, que estrutura a realidade e o sexo.

O autor salienta que a desproporção entre homens e mulheres em relação à função fálica é uma posição entre ser e ter o falo. A relação entre os sexos se define, de fato, na relação com a castração, quando ocorre a subjetivação dos sexos. A dialética fálica age ao nível do desejo sexual, sendo o falo o símbolo e o significante dos dois sexos. O homem se constitui como sujeito a partir dessa relação e dá significado ao seu desejo. A diferença entre homens e mulheres é estruturada pelo semblante fálico, significante mestre da relação com o sexo.

Lacan (1975) continua exortando que, na dialética falocêntrica, a mulher age como sendo o falo e não tendo o falo, ou seja, no amor, sua falta se transforma no que ela não tem. Freud vai dizer que a mulher compensa a falta do falo com o amor do homem, já Lacan vai além e traduz em ser o falo. Pode-se entender, conseqüentemente, que a constituição do homem e da mulher vai depender de sua posição frente ao falo: se tem ou se é.

Dessa forma, Lacan situa a mulher de um jeito diferente. Ao invés de entendê-la como menos, por não possuir o falo, a situa como mais, já que ela não é totalmente marcada por ele. Algo vai sempre escapar; o seu gozo, embora fálico, vai além do falo. Em síntese, a mulher, para Freud, era menos; para Lacan, ela é mais, é a estrutura como não-toda, em que o gozo suplementar é o Outro gozo, sendo certo que homens e mulheres vão se posicionar de maneiras distintas diante desse gozo (LACAN, 1975).

Mesmo sem se dar conta do que se quer de fato, o ser humano se permite apaixonar-se; se eleva nesse sentimento que, na maioria das vezes, lhe é estranho, lhe deixa transtornado e realizado, vendo-se capaz de fazer coisas antes inimagináveis, tudo com o intuito de agradar o outro, para seduzir seu objeto de desejo, para envolver em sedução o ser amado e conquistar como um troféu o tão almejado amor. E é nesse momento que o sujeito se percebe amando e desejando algo que o outro não tem para lhe dar; que nunca existirá equivalência de amor; que o amor não pode ser vivido sem angústia, pois, aquele que está em posição de

amante, ocupa sempre o lugar de dor e sofrimento, conforme aponta Kuss (2014). Ainda, segundo a psicanalista, quando se ama, se esbarra nas próprias fraquezas, e, algumas vezes, se atropela as fraquezas alheias. O amor diz muito de fraquezas e franquezas, sendo necessário coragem para entrar em um jogo em que, quem perde, é quem ganha.

Para Lacan (1975), o amor é sempre recíproco, os sentimentos são recíprocos, “o amor demanda o amor” (p. 12). Um olhar sobre essa afirmação nos permite perceber que, para o autor, amar é querer ser amado, concordando com a essência narcísica do amor, explanada desde Freud. Lacan salienta que o amor é uma paixão ignorante do desejo – impotente e recíproco –, pois não entende que o desejo de ser Um torna “impossível estabelecer a relação dos dois sexos” (1964, p. 14).

No gozo sexual, não é possível de Dois fazer Um. O gozo é solitário, significante que o cerca de sentido. A linguagem faz com que os corpos copulem, mas não permite que o gozo pleno aconteça. É da ordem do impossível, ao ser falante, gozar plenamente. Com isso, o que resta é o gozo castrado, limitado e ferido (Lacan, 1964).

O ser falante só chega ao Outro pela via das pulsões parciais. Quando o macho aborda a mulher, o que ele aborda é o *objeto*, a causa de seu desejo. Ou seja, o ato de amor é a perversão polimorfa. A fim de restaurar em si sua perda original, vai se empenhar ferrenhamente a atividade pulsional (LACAN, 1964). O objeto que causa o desejo é apenas a compensação do sujeito na fantasia. O amor vai mentir sobre o verdadeiro parceiro, ele é enganador. O ser está sempre no gozo Uno, pois é o próprio corpo que goza, numa não-relação com o Outro (KUSS, 2014).

A fantasia vai, ao mesmo tempo, separar e aproximar os sujeitos. Ela separa, pois a relação entre os sexos não é de complemento, e aproxima, pois ajuda nos encontros. A fantasia vem do desejo de completude. O desejo vai impedir que o amor fique no campo do imaginário, ser registrado no simbólico. Assim, entende-se que a fantasia é a maneira como o neurótico se protege do gozo, restando à análise o objetivo de atravessar a fantasia sem, contudo, deixar de amar. Atravessar a fantasia é poder dar acesso ao desejo que representa a falta, presentificando o gozo perdido (KUSS, 2014).

Em função disso, Lacan (1964) afirma que o gozo significante tem a presença do desejo, o que é um paradoxo, pois o significante é o que paralisa o gozo. Nesse

sentido, ele considera o gozo da ordem do significante. Contudo, até o gozo tem limite, fazendo surgir o que o autor nomeou *impossível do gozo*.

O pensamento de Lacan diante do gozo perdido – que se tornou inacessível – é que, no amor, há reciprocidade; no gozo, não. Um sujeito empresta ao outro um recorte de seu corpo, para que o outro possa gozar, dessa forma:

Só se pode gozar de uma parte do corpo do Outro, pela simples razão de que jamais se viu um corpo enrolar-se completamente, até incluí-lo e fagocitá-lo em torno do corpo do Outro (LACAN, 1964, p. 35).

A leitura dessa nota parece caminhar no sentido de que o gozo de um vai despedaçar o outro, porque o que vai interessar ao homem é apenas uma parte do outro, ou partes. Lacan nos traz o entendimento do caráter fetichista do homem, que ama pedaços da mulher, por estar mais próximo do gozo. O gozo fálico é mediado pela cultura, um gozo limitado, está inserido no registro simbólico. Contudo, há o gozo *Outro*, que Lacan vai denominar *gozo suplementar* ou *gozo feminino*, que está fora do simbólico, embora não esteja fora do corpo.

Segundo Miller (2008), em retorno à Freud, tanto o homem quanto a mulher precisam se assegurarem de sua falta, de sua castração, e isso é essencialmente feminino. Só se ama verdadeiramente a partir de uma posição feminina. Amar feminiza. É por isso que o amor é sempre um pouco cômico em um homem. Porém, se ele se deixa intimidar pelo ridículo, é que, na realidade, não está seguro de sua virilidade.

Lacan afirma que o amor está do lado do infinito do gozo feminino. O amor tem um valor tão alto para a mulher que Freud chegou a comparar sua perda com a castração no homem (KUSS, 2014).

Tanto Freud quanto Lacan afirmaram que a identidade sexual não se dá pela anatomia. A subjetividade masculina ou feminina é sempre determinada pela pulsão e pelo inconsciente; sua identidade é definida pela posição subjetiva no discurso, a posição que o sujeito ocupa frente ao significante fálico. A identidade sexual inicia sua constituição desde o começo da gravidez, quando já se sabe o sexo do bebê. Se for uma menina, não significa apenas que não possuirá um pênis; a cultura na qual o sujeito nasce já diz que meninas são gentis, carinhosas, enigmáticas; ser for um menino, que será forte, viril e corajoso, significantes estes que o Outro vai inserir (LACAN, 1964).

Nesse caso, para o autor existe uma assimetria na vida amorosa do sujeito, pois é inegável a diferença entre o masculino e o feminino, e isso vai refletir no campo amoroso. Para o menino, é muito forte a angústia da castração, e, para a menina, há sempre uma busca, que se dá pela via do amor, que acalme a dor da falta de um significante que garanta sua feminilidade. Lacan divide os seres humanos num registro simbólico, e a sexualidade, então, se desloca do corpo infantil para o inconsciente (LACAN, 1964).

Lacan afirma, no seminário XX, que a mulher não existe, uma vez que cada sexo é regido pela lei do falo, e o falo é um representante masculino do sexo no inconsciente, não havendo representante feminino. Portanto, há somente um sexo. O falo, para o homem, é o representante de sua sexualidade, e, para a mulher, não existe representante com o qual ela possa se identificar sexualmente. O homem está todo submetido à regra fálica, à lógica fálica; já a mulher está apenas parcialmente submetida, pois “a mulher não é toda, há sempre alguma coisa nela que escapa ao discurso” (1975, p.46).

Contudo, Lacan (1975) não afirma que a mulher não está submetida à castração, mas sim que ela não está submetida inteiramente. Uma mulher não é toda determinada pelo seu inconsciente. A mulher experimenta o gozo suplementar mesmo sem saber nada sobre ele. O homem está todo inserido no gozo fálico. Todavia, alguns podem experimentar o gozo mais além do falo, ao que Lacan nomeia *gozo místico*. Como a mulher está não toda no registro simbólico, as palavras nunca poderão dizer tudo sobre uma mulher, pois há algo nela que fica fora do discurso, que não se pode atingir pelas palavras. Nesse caso, não há significante que designe a mulher.

Por outro lado, a mulher encontra mais facilidade para o discurso do amor, porque não está submetida a esse gozo fálico, e precisa encontrar um destino para esse gozo suplementar. Já aos sujeitos masculinos, isso parece ser mais difícil, pois, conforme Lacan (1975), ainda que uma mulher queira que um homem goze de seu corpo inteiro, ele tende a gozar de seu próprio órgão. Eis a razão de um pedido tão comum que a mulher costuma fazer ao homem: “fale de amor!”.

Nesse sentido, entende-se que, para Lacan, o homem impõe uma divisão à mulher pelo gozo, e a mulher impõe uma divisão ao homem pelo amor, não sendo possível a reciprocidade, pois cada um ama de um jeito diferente, embora seja possível o encontro entre ambos os sujeitos.

Qual a leitura dessa formulação? A mulher é um sintoma para o homem. Como visto anteriormente, o homem coloca a mulher no lugar da sua mãe, simbolizando o objeto materno. Por outro lado, pode-se interrogar, por que o homem não é um sintoma para a mulher, e sim, em alguns casos, algo que a consome; pior do que um sintoma, uma devastação.

Pode-se pensar a devastação, para a Psicanálise, quando o amor feminino tem característica de uma demanda ilimitada, em que o sujeito que se encontra do lado feminino da sexuação experimenta o excesso do gozo, que não cessa de não se escrever, pois não é reduzido ao falo, escapando, assim, à simbolização (LACAN, 1975). Em resumo, quando o gozo não-todo vem se situar de modo avassalador numa relação amorosa, há uma complexa relação com a demanda, um excesso sem medida. Assim, Lacan descreve duas possibilidades de devastação: uma na relação entre mãe e filha, tal como Freud (1933) havia sinalizado antes; e outra nas relações amorosas que uma mulher estabelece com um homem.

Souza (2016) nos oferece uma definição relatando que uma mulher devastada tem sua vida afetiva e os laços sociais empobrecidos, restando-lhe um não lugar, visto que não se remete ao desejo do Outro; encontra-se num estado enlouquecido, em que as referências se tornam inacessíveis.

No texto *Televisão*, Lacan faz a seguinte afirmação sobre as mulheres: “não há limites para as concessões que cada uma faz a um homem: de seu corpo, de sua alma, de seus bens” (1974, p.538). Essa citação é importante para discutirmos e analisarmos as concessões que a personagem Emma Bovary faz em nome do amor.

O amor é muito importante para a mulher, e a sua perda pode ter como consequência a devastação, situação na qual a mulher não metaforiza a falta; ela permanece no registro da demanda, alcançando um sofrimento da ordem do insuportável. A demanda de amor do lado feminino se deve ao fato de seu gozo *não-todo* não proporcionar um limite ao seu ser (MILLER, 1998). Desta feita, assevera Lacan que o “amor sempre demanda mais...ainda. Mais, ainda, é o nome próprio dessa falha de onde, no Outro, parte a demanda de amor” (1975, p.12).

Nesse seguimento, a devastação se apresenta quando o sujeito se coloca na posição de se oferecer em demasia ao parceiro amoroso; de oferecer a *libra de carne*, expressão muito interessante que nos remete ao Seminário X de Lacan (1962), em que é retratada a metáfora que o autor retira de *O mercador de Veneza*, de Shakespeare, com o fim de explicar que o pagamento da dívida deveria ser

realizado com uma *libra de carne*, sendo possível a associação dessa expressão com o valor que a mulher paga com o próprio corpo – e por que não dizer com a vida? –, conforme veremos no caso de Emma Bovary.

Por fim, é possível pensar a devastação como a queda das máscaras, a queda da representação do homem para a mulher; um sofrimento de estrutura abismal.

2.3 AMOR EM MADAME BOVARY

Neste subtítulo, são retratadas as histórias dos personagens da obra *Madame Bovary*, sem o intuito de patologizar a personagem central, embora se busque dar destaque às articulações de sua vida, de suas parcerias amorosas e de suas desorganizações. Assim, lança-se mão de uma análise que possa oferecer elementos para identificar como o amor pode ser compreendido pela Psicanálise no contexto do livro em questão.

Madame Bovary nos é expressiva exatamente porque os personagens da obra são realistas, como já dito antes. Trata-se de uma obra literária fundamental a esta pesquisa, sendo importante discutir o que faz a Psicanálise diante de uma obra literária.

A Literatura aparece em todo o percurso de construção das obras de Freud e de Lacan. Segundo Souza (2002), é diversa a aproximação desses autores com a Literatura. Porém, o que se encontra de mais especial nessa construção é o entendimento de Freud, que faz uma relação do artista com o inconsciente, enaltecendo a sua capacidade de lhe dar forma de tal modo que o leitor se identifica com os personagens criados. Nesse sentido, quem lê *Madame Bovary* pode se identificar com a obra, assim como Emma Bovary lia seus livros e se identificava com os personagens.

A aposta de Freud era de que a Psicanálise poderia explicar as fontes de criação, sem conseguir explicar, contudo, a própria criação. Os psicanalistas aprendem com os escritores sobre o inconsciente e o ser humano, tanto que o próprio Freud recomendou o conhecimento dos textos literários como parte do processo de formação do analista (SOUZA, 2002).

Notam-se duas posições distintas, porém importantes à nossa discussão, e que Souza (2002) procurou relatar. A autora diferencia Literatura e Psicanálise de

Psicanálise e Literatura. A primeira estaria ligada ao leitor crítico, que se aproxima da posição de analisando; já a segunda, Psicanálise e Literatura, seria um clínico que busca, no texto literário, uma mira como uma ilustração de aspectos já elaborados da teoria, a partir da clínica, e que se encontram como oportunidade de confirmação vinda de outro campo.

Campos (2013) salienta que a análise psicanalítica de uma obra literária não tem o interesse de diminuí-la da experiência estética que a mesma oferece, mas sim o de aumentar nosso conhecimento acerca da própria Psicanálise.

Freud (1925) afirma que a Psicanálise ultrapassou o interesse exclusivamente médico, citando que, na França, foram os homens de letras que primeiro se interessaram pela doutrina do inconsciente, associando-a e aplicando-a à literatura e à estética; à história das religiões e à pré-história; à mitologia, à educação, e assim por diante.

Murando (2007, *apud* CAMPOS, 2013), em uma nota de rodapé, afirma que, no Brasil, a Psicanálise se deu, primeiramente, junto a intelectuais e artistas, bem como entre representantes do Modernismo, dentre os quais, Mário e Oswald de Andrade, fato este que reitera o entrelaçamento entre a Psicanálise e a Literatura.

Diante disso, a pesquisadora segue como leitora crítica analista, com o intuito de aproximar o conceito de amor da Psicanálise dentro da Literatura.

O ano de 1856 é de grande importância e simbolismo, sendo a data em que Gustave Flaubert publica seu livro *Madame Bovary* e Freud nasce. O primeiro denuncia a insatisfação de Emma Bovary, e o segundo, mais tarde, cria a Psicanálise a partir da escuta feminina. Freud começa a escutar o discurso da histérica, que, até então, era associado a caprichos femininos ligados à sua sexualidade, que, por sua vez, levaria as mulheres à loucura (AGRA, 2015).

Segundo Agra (2015), quando Freud começa a delinear a Psicanálise, esta já estava desenhada e publicada no livro de Gustave. Reiterando o que Freud dizia, o saber das artes está muito além do seu tempo. Freud deu voz ao sofrimento da histérica, contra um mundo que ignorava as mulheres; anunciou a insatisfação feminina, lançando luz sobre como o corpo virava palco para dramatizar as queixas e os ressentimentos dessas mulheres.

No início do seu livro, Flaubert nos apresenta Charles, o marido de Emma, evidenciando a fragilidade de sua figura. Charles Bovary é um homem muito pacato, sem sonhos, sem objetivos, incompetente.

Charles tem um casamento conturbado. Flaubert o descreve como alguém que tem dificuldades com as atividades escolares. Quando sai para estudar medicina, toma gosto pela vida boemia. Somado às suas dificuldades acadêmicas, acaba por ser reprovado no exame para oficial de saúde. Após um tempo, faz nova prova, decorando todas as questões, e é aprovado mediocrementemente.

Charles tem uma carreira média, sem ambição, e se casa por conveniência com uma viúva mais velha que ele. Uma mulher controladora e dona de algumas posses. Com a morte da primeira mulher, ele está livre para se casar novamente, e encontra uma mulher bela chamada Emma Rouault.

No dia do casamento da filha, o pai de Emma, mesmo sendo um homem com instrução limitada, considera o noivo mais franzino, sem atitude. Após o casamento, o livro de Flaubert inicia a grande narrativa sobre Emma, dando toda a visibilidade a essa personagem. Emma era uma jovem camponesa, educada em um convento, com a cabeça cheia de fantasias românticas e ideias. Para ocupar seu tempo, alimentava sua alma de muitos romances e idealizava um amor perfeito, tal como nos livros que lia. Esperando uma vida cheia de riquezas, Emma está disposta a fazer qualquer coisa para sair da fazenda do seu pai. Ela e Charles acabam se casando, depois de um curto noivado. O casal vai morar em uma cidade pequena chamada Tostes, onde Charles começa a trabalhar timidamente em seu ofício de médico. O desejo de Emma era casar-se, mas, quando aceita a proposta de Charles, o médico não demonstra grande entusiasmo, tampouco contrariedade. O excêntrico desejo de Emma é casar-se “à meia-noite sob a luz de velas” (FLAUBERT, 1856, p. 103).

Antes de casar, ela achava ter amor; mas não tendo chegado a felicidade que deveria resultar desse amor, era preciso que ela tivesse se enganado, pensava. E Emma buscava saber exatamente se entendia na vida pelas palavras *felicidade, paixão e embriagues*, que lhe tinham parecido tão belas nos livros (FLAUBERT, 1856, p. 114).

Pouco tempo depois, porém, Emma está entediada, cansada de Charles e deprimida. Assim, frustrações de Emma não demoram muito a aparecer. No início, o casamento era, sem dúvida, uma lua de mel, os dias mais belos. Contudo, Emma só conhece os romances para balizar o casamento e o nível amoroso no qual está inserida, e, por isso, Charles passa a ser os motivos de suas decepções. Emma se enganara com o homem que casara; ele não era “nem mais amoroso nem mais

envolvido” (FLAUBERT, 1856, p. 125). Charles não tinha grandes ambições, apesar de ser gentil e atencioso com a esposa. Emma vivia em um mundo de poesias e romantismo, enquanto Charles possuía os desejos mais simples e modestos.

Quanto a Emma, não se interrogava para saber se o amava. O amor, acreditava ela, devia estar de repente, com grandes brilhos e fulgurações – tufão do céu que cai sobre a vida, revira-a, arranca as vontades como folhas e carrega para o abismo o coração inteiro (FLAUBERT, 1856, p.192).

O casal assiste a um baile dado no castelo do marques D’Andervilliers, um aristocrata local, e Emma fica deslumbrada com o estilo de vida opulento, que ela tanto deseja. Passa a observar que os convidados estão muito bem vestidos, que a comida servida é magnífica e que a dança é contagiante. Seu desejo pela vida dos romances da época do convento reacende de imediato. À medida que come a deliciosa comida, valsa a música contagiante e prova as bebidas sofisticadas, sentindo-se pertencente à burguesia, e mais distante de Charles.

Depois do baile, ela passa a pensar que sua vida seria muito diferente se ela estivesse casada com um Marquês ou, até mesmo, com um Visconde. Emma sabia não ser possível tal coisa e faz a única coisa viável: tentar incluir em seu cotidiano a vida de fantasia que viveu naquela noite, passando a comprar revistas, objetos caros que considera refinado, e desejando incessantemente ir a Paris (AGRA, 2014).

O tempo passa e Emma se depara com a sua realidade, muito distante do Castelo do Marquês. Não aceitando sua condição provinciana, ela vai consumindo cada vez mais objetos caros, na tentativa de ficar mais próxima desse mundo de fantasia aristocrata. Emma não sente mais prazer em fazer nada do seu cotidiano: não toca mais o piano, não borda, não cuida da casa, nem cuida de sua aparência.

Emma adoece e, após Charles levá-la a uma consulta com seu antigo mestre e constatar que se tratava de uma doença dos nervos, é orientado a mudar de ares (NOBRE, 2007, p. 57). O jovem casal muda-se para uma cidade um pouco maior, Yonville-l’Abbaye, na tentativa de fazer com que Emma se sentisse melhor. Contudo, a estreita rotina continua.

Emma chega à cidade grávida e é convidada pelo farmacêutico Homais para um jantar. Lá, ela conhece León, um jovem escrevente com quem mantém uma conversa agradável. Léon vive com a família do Monsieur Homais. Emma desejava estar grávida de um menino, que se chamaria Jorge. Contudo, ao dar à luz, Emma

se decepciona por ter gerado uma menina, e a rejeita o tempo todo (FLAUBERT, 1856).

Depois de Emma ter o bebê, a relação entre ela e Léon cresce ainda mais. Os dois percebem que estão apaixonados, mas ambos são muito tímidos para fazer algo sobre isso.

Quando Léon, cansado de amar sem resultado, vai embora para uma cidade maior, a fim de retomar os estudos, Emma fica ainda mais triste e cabisbaixa, pois perdera a chance de compor sua nova personagem; agora, não tem mais com quem sonhar, não tem mais a quem seduzir. Ela se volta para afazeres tais como aprender italiano, comprar objetos para casa e vestidos novos e caros. Entretanto, nada disso lhe satisfaz, e ela cai deprimida novamente.

Um fato novo e excitante acontece, então, na vida de Emma: a visita de Rodolphe em sua casa. Rodolphe é um homem muito diferente de seu marido; mora em um castelo nos arredores da cidade; é inteligente e perspicaz, e possui um vasto conhecimento do campo feminino. Rodolphe é um sedutor hábil, experiente. Emma é bonita e Rodolphe decide seduzi-la, começando a criar situações em que possa galantear essa mulher. Primeiro, Rodolphe se faz de coitado, de quem precisa de conforto e de ser cuidado. Começa, assim, a despertar os desejos de Emma. Rodolphe arquiteta um plano minucioso e se ausenta estrategicamente por algum tempo. Volta a visitar Emma e lhe propõe um passeio a cavalo, que, até mesmo seu marido, a incentiva ir. No passeio, Emma fica ainda mais vulnerável diante do discurso galanteador de Rodolphe e não resiste a seus encantos, se entregando a ele.

Nesse entremeio, Emma recebe uma carta do pai supondo que ela estivesse feliz e realizada, e que as finanças da família estivessem prosperando. Ela começa a perceber o quanto sua vida não condiz com a sua realidade. No entanto, a realidade poderia mudar quando o farmacêutico da cidade oferece ao seu marido um caso de cirurgia de um trabalhador humilde (FLAUBERT, 1856).

O médico realiza a cirurgia devido à grande influência da esposa, mas fracassa no processo, e a perna do paciente precisa ser amputada por um outro médico de uma cidade vizinha. Mais uma vez, Emma se frustra com o marido e com a vida que leva; lamenta pela vida de luxo que não possui e por todos os desejos da qual é sempre privada (FLAUBERT, 1856).

Emma começa a fazer empréstimos enormes a partir de um comerciante

local, o que a faz se endividar. No entanto, Emma parece não se importar. Ela está apaixonada por Rodolphe e é só com isso que se importa. Emma se volta para o amante mais desejosa do que nunca. Eles têm uma relação tumultuada por dois anos, mas, finalmente, chega um momento em que Rodolphe está entediado com o romantismo de Emma. Esta, em uma ocasião, chega a pedi-lo para que fugisse com ela e, sem considerar que não era esse o desejo de Rodolphe, começa a fantasiar que isso seria a salvação de sua vida medíocre e provinciana. Rodolphe, contudo, não deixa claro seus objetivos e permite que ela fantasie a fuga. No dia escolhido para tal ato, despede-se de Emma com uma carta em que diz preferir sacrificar seu amor do que desgraçar a vida dela com a fuga planejada. Parte sozinho. Emma recebe a carta de Rodolphe por meio de seus empregados; o choque é violento, e em seguida, ela cai convulsionando, sustentando assim seu desejo fantasioso até o último momento. Flaubert, mais uma vez, narra que ela desmaia, grita, fica pálida e anoréxica, como as mocinhas dos livros quando perdem o amante (AGRA, 2014).

Emma, transtornada, têm uma piora em sua saúde rapidamente. Charles, sem saber o que fazer, prescreve medicamentos que são inúteis para Emma.

As finanças da família Bovary pioram cada vez mais, e Charles é forçado a tomar mais empréstimos.

Emma se recupera lentamente e, como parte do tratamento, Monsieur Homais sugere que Charles leve Emma até a ópera em Reuen, a cidade mais próxima. No intervalo, Emma reencontra Léon, que terminou a faculdade de Direito e se mudou para Rouen. Ele se tornou mais despojado e extrovertido, não tendo mais medo de se envolver com Emma.

Emma fica na cidade com o pretexto de assistir a segunda parte da apresentação. Charles retorna à cidade para atender seus pacientes. Léon, agora mais experiente, quando fica sozinho com Madame Bovary, decide se declarar, e esse sentimento leva Emma a pensar que, depois de tantos anos, ela estaria mais experiente, seria uma conhecedora do amor. Eles têm um caso e a relação cresce. Emma, cada vez mais habilidosa em mentir, descobre diferentes motivos para visitar a cidade e ver seu amante.

Depois de um tempo, o caso extraconjugal começa a esfriar. Emma tem dívidas cada vez maiores, que são transferidas para um novo comerciante, a quem ela não consegue mais enganar e, por isso, começa a buscar meios de quitá-las. Ela recorre a tudo e a todos, tentando pedir o dinheiro. A resposta que ouve é “não”.

Sem meios para fazer o pagamento, ela pede ao amante Léon que fure o Cartório a fim de quitar a sua dívida, este, porém, se afasta dela, por não ter obrigação de marido. Emma procura, ainda, o tabelião, sem sucesso também. Por fim, vai atrás de Rodolphe, que deveria ser o seu salvador, e ele a rejeita.

Emma fica desesperada e tem medo de dizer a Charles. Completamente desamparada, Emma se envenena com arsênio roubado da farmácia de Homais. Ela morre, de uma forma lenta e horrível, pois sente muita dor, com seus amigos e família fitando-a, uma cena de horror.

Após a morte de Emma, as coisas pioram ainda mais para Charles e Berthe, a filha do casal. Eles ficam completamente sem dinheiro, e Charles, sofrendo a dor pela morte da amada, recusa-se a vender alguns dos pertences de Emma. Charles morre pobre e solitário, sentado no banco de sua casa, que antes era ponto de encontro de Emma e seu amante. Berthe é enviada para viver com sua avó, que morre também.

Por fim, Berthe acaba morando com uma tia pobre, e, ainda criança, trabalhando como operária em uma fábrica de algodão.

3 METODOLOGIA

Durante a construção do Projeto de Pesquisa, pensou-se a pesquisa com o método psicanalítico como a melhor proposta de Metodologia. Contudo, quando a pesquisadora cumpriu uma disciplina obrigatória, que consistia num seminário de apresentação do Projeto, a banca avaliadora ressaltou que a Metodologia escolhida e apresentada não seria adequada ao programa deste Mestrado, o que foi um impasse à construção da proposta inicial de pesquisa, visto que a Psicanálise se consolidou com a necessidade de o conhecimento não ser rígido, tendo como método de investigação uma estrutura aberta.

Entretanto, não sendo possível à pesquisadora caminhar nessa proposta, optou-se por fazer uso da pesquisa em Psicanálise, e não mais a pesquisa com o método psicanalítico.

Assim sendo, o caminhar da pesquisa foi retratado dentro dos enquadres deste Programa de Mestrado.

3.1 TIPO DE ESTUDO

Neste subtítulo, descrevemos o percurso metodológico adotado nesta pesquisa. Utilizamos a metodologia de estudo de campo, sendo esta classificada como exploratória e descritiva, com abordagem qualitativa.

Segundo Bogdan e Biklen (apud GODOY, 1995), a pesquisa qualitativa apresenta as características importantes por ter o ambiente natural como fonte direta de dados; o pesquisador torna-se o instrumento essencial na coleta de dados, buscando o significado das situações para as pessoas e os efeitos sobre as suas vidas, vindo, assim, ao encontro da nossa proposta de pesquisa.

O desenvolvimento desta pesquisa também percorreu caminhos multidisciplinares, dividindo-se entre a Psicanálise e a Literatura, mantendo como objetivo central a análise do livro *Madame Bovary* dentro do ponto de vista da Psicanálise, concomitante à investigação junto aos profissionais da área de Psicanálise clínica.

Apresentamos as fases exploratória e descritiva da investigação, as principais fontes de pesquisa consultadas, o tratamento bibliográfico adotado e as atividades de pesquisa realizadas.

Na pesquisa exploratória, o ambiente natural é a fonte direta para coleta de dados, sendo o pesquisador instrumento-chave. Trata-se de ser descritiva, pois a pesquisadora analisa os dados coletados indutivamente, sendo o processo e seu significado os focos principais da abordagem (LAKATOS; MARCONI, 2010).

Para Gil (2017), a pesquisa exploratória aprimora ideias e é bastante flexível. Nesse sentido, busca-se o conhecimento de profissionais que atuam na Psicanálise. A pesquisa descritiva descreve, classifica e interpreta o objeto estudado.

Em uma primeira fase desta investigação, construímos uma pesquisa de caráter exploratório, consistindo principalmente no levantamento da produção bibliográfica relacionada ao Amor na Psicanálise e à Literatura na Psicanálise.

Foram efetuadas atividades de seleção, leitura e análise de referências bibliográficas, a partir das quais se organizou um corpo central de conhecimento para compreensão dos elementos teóricos e clínicos dos aspectos psicológicos em torno do Amor conforme a Psicanálise, tomando o romance de Gustave Flaubert como referência para trabalhar a disciplina *Tópicos Especiais em Psicanálise*.

Descrevemos a prática dos entrevistados e correlacionamos os dados fornecidos acerca da atuação na clínica da Psicanálise.

Em termos da bibliografia pesquisada, tivemos como principais fontes as obras de Freud e de Lacan, bem como artigos, sites, dissertações e teses que abordassem temas pertinentes ao assunto.

Simultaneamente à leitura dos livros psicanalíticos, foi realizada a releitura do livro *Madame Bovary* de Gustave Flaubert (1856), sendo este escolhido para retratar o amor que nele passa, visto que os personagens são de cunho realistas, aproximando-se dos sujeitos reais que vão para a clínica psicanalítica.

Além desses elementos, fazem parte das publicações exploradas obras de Platão, Bauman e Badiou.

3.2 CENÁRIO DE ESTUDO

O estudo de campo foi realizado com psicanalistas clínicos atuantes. A pesquisadora fez divulgação da pesquisa por meio virtual, a fim de convidar os profissionais para participarem do estudo. Essa escolha se deu em função da pandemia, visto que alguns profissionais, na ocasião, não tinham tomado vacina ainda. Por se tratar de uma pesquisa feita de maneira online, a pesquisadora pôde

realizá-la com profissionais de três estados, a saber: Tocantins, Santa Catarina e Espírito Santo.

Ressalta-se, ainda, que, além do estudo de campo, houve a pesquisa bibliográfica do livro *Madame Bovary*.

3.3 CRITÉRIOS DE INCLUSÃO E EXCLUSÃO PARA O ESTUDO DE CAMPO

Foram incluídos na amostra 7 psicanalistas que atuam na clínica e que já foram/são docentes da disciplina de Psicanálise. Participaram da pesquisa os profissionais que contavam com mais de 3 anos de atuação clínica e, pelo menos, três meses de docência em Psicanálise, sendo excluídos da amostra profissionais que não tinham a prática clínica e de docência referida, e que, por qualquer razão, não puderam responder ao questionário ou se recusaram a participar do estudo.

3.4 TÉCNICA DE COLETA DE DADOS

Para a realização do Estudo de Campo, a pesquisadora utilizou a plataforma *Microsoft Forms* e disponibilizou um questionário contendo questões abertas, referentes à atuação profissional na clínica psicanalítica. A participação foi voluntária e os profissionais poderiam se recusar, em qualquer momento, a participar, ou deixar de responder as perguntas que, por qualquer motivo, não lhes fossem convenientes, não acarretando nenhum prejuízo pessoal, sendo tal liberdade garantida com base na resolução do Conselho Nacional de Saúde nº 510/2016.

Foi utilizado como instrumento metodológico um questionário com perguntas abertas (Apêndice A) para os profissionais, divulgado via aplicativo *WhatsApp*.

O instrumento foi confeccionado com base nos assuntos específicos sobre a clínica psicanalítica, contendo um total de sete perguntas abertas.

Previamente à coleta de dados, a pesquisadora entrou em contato com os participantes para explicar os objetivos da pesquisa e informar os aspectos éticos do estudo. O questionário foi aplicado no período de maio a julho de 2021.

Vale ressaltar que os passos desta pesquisa obedeceram à Resolução nº 510, de 07 de abril de 2016, do Conselho Nacional de Saúde do Ministério da Saúde. Embora o nosso foco de investigação seja descrever e discutir a construção do conceito de amor na teoria psicanalítica, por meio da análise do livro *Madame*

Bovary, tornou-se necessário realizar uma pesquisa junto aos profissionais da Psicanálise, como uma forma de se averiguar a aplicabilidade prática da clínica psicanalítica ao que se observa na obra literária em apreço.

Por fim, coletados os dados de campo, procedemos à sua análise.

4 ANÁLISE DOS DADOS E DISCUSSÕES DOS RESULTADOS

No presente capítulo, são apresentados e discutidos os resultados obtidos no estudo, a fim de responder o problema de pesquisa formulado. Para tanto, dividiu-se esta apresentação em duas etapas.

Na primeira etapa, são apresentados os resultados relativos aos elementos psicológicos do amor nos personagens de *Madame Bovary*, concentrando nossa atenção principalmente em Emma Bovary. Na segunda etapa, são apresentadas e discutidas as entrevistas com os profissionais de Psicanálise, que trabalham na clínica e na universidade, acerca de como eles pensam o amor e a Literatura na clínica psicanalítica.

4.1 ANÁLISE DOS ELEMENTOS PSICOLÓGICOS EM MADAME BOVARY

Charles Bovary, no decorrer da narrativa, mostra-se um homem frouxo, sem grandes encantos, principalmente quando relacionado à Emma. Apesar dos desejos e anseios da personagem principal, Charles, desde o começo do romance de Flaubert, ainda na infância, mostra-se tímido, incompetente e insensível em diversas situações.

A grande inabilidade que o acompanha desde a infância e que se traduz em uma carreira média e sem ambição, se fazendo presente também no decorrer do seu casamento com Emma Bovary, afeta sua busca narcísica pelo amor, que, para Charles, parece não ser encontrado em Emma, como se ele houvesse perdido ou deixado seu anseio romântico na sua relação com a sua ex esposa morta; ou ainda, como se estivesse no lugar, novamente, de um casamento infeliz, só que, desta vez, com uma Emma apaixonada e fantasiada a partir dos contos e livros de romance nos quais ela baseava sua vida.

A apatia de Charles o faz um médico mediano, um marido medíocre e um homem incapaz de ver Emma como objeto *a*. Charles Bovary não consegue reciprocidade pela via do amor. Assim como fora na infância, a apatia de Charles perante a vida não o faz desejar nada além do que tem, do que se é. Um homem que não anseia nada e é absolutamente contente e satisfeito com a prosaica vida que leva. Charles nos parece ser um homem sem paixão.

Emma Bovary passou a vida envolta com livros de romance, que constituíram

seu imaginário com um comportamento sonhador. As fantasias de Emma são todas voltadas para o amor perfeito, seguindo o caminho de crença romântica ensinado às mulheres da época na qual se passa o romance de Flaubert.

A saída da jovem camponesa, educada em um convento, com a cabeça cheia de ideais românticas e que estava disposta a fazer qualquer coisa para sair da fazenda do seu pai, teve o casamento com Charles Bovary como o primeiro momento no qual ela se depara com a realidade e encara a vida a dois de fato, fora dos livros. Para a personagem, a realidade que nunca antes havia lhe batido à porta, chega e se torna uma grande, pesada, inacabável insatisfação, que, impulsionada pelos desejos fantasiosos e românticos, reforçada pelo casamento insosso, tem como forma de saída suas aventuras amorosas.

No começo, Emma até que se esforça para sentir pelo marido o que sentia ao ler os romances, emoções que ela julgava compatível com a paixão, contudo, sem resultado. Ela chega a pensar que é amor o que sente por Charles, mas, como o que sente não é um êxtase, como nos livros, Emma logo conclui que, de fato, não é amor. Ela não ama o Charles, e, incapaz de nomear o que sente, a jovem continua procurando no casamento o significado das palavras felicidade e paixão, antes vistas nos livros. Contudo, nas palavras de Flaubert (1856), descrevendo o pensamento de Emma: “As conversas de Charles eram chatas (...). Ele não ensinava nada, não sabia nada, não desejava nada” (p.124).

Para a nossa personagem, a paixão de seu marido não tinha nada de exorbitante. Como nos lembra Agra (2015), o homem com o qual se casou estava longe de despertar o amor almejado pela jovem. Assim, a personagem não consegue explicar o que se passa com ela.

Emma não consegue entender o que lhe falta; não consegue nomear o mal-estar que se instala em si, nem tem para quem confidenciar tais sentimentos. A personagem, tal como antes fazia no convento, busca na Literatura uma forma de preencher o vazio que a consome, visto que, sua vida insossa com Charles, sem desafios e desprovida de emoções, está muito distante de satisfazer as próprias fantasias.

O percurso da personagem, antes presa em uma fazenda, em um convento, e agora em um casamento sem graça com um marido prosaico, tornou-se insuportável. Emma desejava viver um romance, uma paixão, experimentar prazeres.

Mas à medida que mais se estreitava a intimidade da vida deles, dava-se um desapego interior que a desligava dele. A conversa de Charles era chata (...). Não sabia nem nadar, nem combater, nem atirar com revólver (...). Ela tinha raiva dele (FLAUBERT, 1856, p.122).

Emma passa a questionar a escolha que fez, mas ainda assim tenta sustentar esse lugar de mulher casada e dedicada, representando para si uma personagem. No entanto, nega a sua própria realidade e projeta no marido tudo o que para ela representava um fracasso, uma castração.

Assim, a personagem passava os dias a perambular pela casa, sempre prostrada e reclamando de tudo que acontecia ao seu redor. Na tentativa de aplacar seu sofrimento, ela procura a igreja, onde o padre, como representante do Altíssimo, pudesse lhe fornecer as respostas que ela tanto ansiava. Para sua tristeza, o padre não escutou seu sofrimento, não deu voz à sua dor, e, diante desse fato, ela volta para casa totalmente frustrada (KEHL, 1998).

Aprende-se com Lacan (1975) que, se inscrever na cadeia simbólica, em que se elege um significante representativo do desejo, é tarefa impossível à mulher. Ao olhar mais de perto para Emma, entende-se que ela tem como construção de sua feminilidade identificações imaginárias. As mulheres que ela conhece e toma como referência são as mocinhas dos romances. Como sua mãe morreu muito cedo, faltou um significante no real para a construção de sua identidade feminina (AGRA, 2015).

Lacan (1975) também ensina que o lado não-todo da mulher, por não estar ela incluída totalmente na norma fálica, possui um gozo suplementar, impossível de significar, pois está disjunto do significante.

Assim, ao olhar para Emma pela perspectiva lacaniana, pode-se constatar que, em todo o percurso da personagem, ela está voltada para um objeto imaginário, na tentativa de recuperar a totalidade que lhe falta. Temos aqui uma estruturação de neurose histérica, que deseja amor. Fantasias sobre romances com outros homens que ela conhece no decorrer do casamento, homens estes que se diferenciam do seu marido e a causam êxtase e furor; felicidade e paixão, tudo pela possibilidade imaginária. Percebe-se que na fantasia do neurótico existe um vazio, que o amor de um outro precisa preencher. Lacan (1975) nos diz que o amor é um discurso; transforma o indizível em dizível. Contudo, ele não cabe em palavras; sua transmissão não cabe no eu-te-amo. Em contraposição, Badiou (2013) afirma que a

declaração de amor é necessária aos amantes, pois ela fixa o acaso na eternidade e está fadada a ser redeclarada.

Para retratar essa inscrição lacaniana, transcrevemos uma parte do diálogo de Emma com um dos amantes, que acreditamos ser muito importante e ilustrativa do que foi dito acima (FLAUBERT, 1856, p.296).

- Você me ama?
- Pois sim, eu amo você! – respondia ele.
- Muito?
- Certamente! (...)
- Oh! É que eu amo você! - retomava ela -, amo tanto que não aguento passar sem você, sabe? Às vezes tenho vontade de rever você, pois toda ânsia do amor me dilacera.

Emma volta para casa sentindo-se uma heroína como nos livros que ela lia. Depois de tanto sofrimento, ela finalmente triunfava e saboreava o amor reprimido que ela tanto esperava, sem remorso algum ou inquietação.

Vale ressaltar que o romance com Rodolphe é para Emma uma realização de uma fantasia literária, longe de uma experiência de amor com a qual ela pudesse amadurecer. A fantasia não é simplesmente sexual. Emma, de alguma forma, se coloca no lugar de heroína dos romances lidos no convento. A personagem dos romances que ela sempre desejou agora é vivida intensamente com seu amante, e ela não consegue ver que, para Rodolphe, tratava-se apenas de mais uma aventura, não de um caso amoroso, como ela objetivava. Rodolphe iria continuar com Emma apenas enquanto ela fosse novidade e tivesse satisfazendo seus desejos (AGRA, 2007).

Como nos retrata Kehl (1998), Emma Bovary, enquanto sujeito que deseja, que ama e que se baseia nas mocinhas dos livros, acaba, por si só, se tornado a sua própria heroína, trágica; que é prisioneira da linguagem muitas vezes e refém do amor romântico, o suficiente para que tirasse a própria vida.

Emma demanda amor, ser resgatada da vida a qual ela estava fadada a viver. Ela tinha cada vez mais consciência de que deveria ser feita por um homem viril. Isso molda os caminhos que Emma percorre em direção à paixão, caminhos estes que só poderiam ser ofertados por um amante, que produziria a significação do amor.

Os relacionamentos de Emma Bovary fora do casamento falam muito sobre a sua estrutura psíquica e sobre o lugar que os homens ocupam na vida da

personagem. O casamento frustrado com Charles e a busca de paixão, amor e felicidade em Léon e Rodolphe movem Emma em direção ao que ela deseja. Emma Bovary sai do convento para se casar e continua na busca incessante do que lhe falta. A personagem deposita as suas paixões nos homens com os quais se relaciona, se tornando refém e prisioneira, humilhando-se e se rebelando, deprimindo e adoecendo, devastando-se.

Seguindo pelo caminho do conceito da lógica fálica de Emma Bovary e do gozo feminino, também chamado gozo místico – só a mulher é capaz de gozar desse jeito – Lacan associa sua formulação à erotomania de amar da mulher que, de certa forma, evoca a loucura. Lacan infere que as mulheres, com maior frequência, enlouquecem com e por amor. Zalcborg (2007) relata que a mulher que ama de forma erotomaniaca, tão presa por uma certeza inquestionável de amar e ser amada, compromete todas as possibilidades e até as exigências que o amor pode inventar. Isso nos explicaria o quanto afetada Emma fica por amar e ser amada, pois tratar-se-ia de uma erotomania.

Argumenta-se, ainda, que Emma Bovary, como uma mulher que fantasia sobre sua vida amorosa a partir dos referenciais românticos dos contos que lê, entende o amor como completude e imagina que o amor de dois pode se tornar um. A única saída para ela é encontrar o seu príncipe encantado, que irá lhe resgatar da sua vida enfadonha, oferecendo-lhe amor e paixão. Afetada sempre por esse ideal romântico, Emma rege a sua vida amorosa a partir do que deseja, que definitivamente inexistente com o seu marido, e, por isso, ela está sempre em relações afetadas com os homens os quais se relaciona fora do casamento. Na busca pelo amor que imaginou ter encontrado no casamento com Charles Bovary, mas logo concluindo que não o era, Emma joga o ideal para as relações extraconjugais que tem

Então, os apetites da carne, a cobiças de dinheiro e as melancolias da paixão, tudo se confundiu num mesmo sofrimento – e, em vez de desviar o pensamento, cada vez mais se prendia a ele, incitando a dor e buscando por toda a parte as ocasiões (FLAUBERT, 1856, p.201).

O desejo de Emma em encontrar um amor que a fusione e a complete em todas as suas insatisfações vai se deparar com a impossibilidade de completude do sujeito, visto que o amor não elimina a falta, pois esta faz parte da constituição psíquica do sujeito e é inerente ao ser humano, encontrando na realidade que vive

as barreiras para se constituir.

Badiou (2013) aduz que o amor vai sempre acontecer no encontro. Todavia, o autor acredita que o amor se realiza, de fato, dentro da sua duração enquanto relação entre dois.

Emma Bovary, como uma amante irremediável, baseia sua vida em um amor radical, que se distancia de uma realidade legítima, pois parece que a personagem não consegue bancar a falta dentro de uma relação. Emma é capaz de tudo para encontrar o amor romântico, acabando por encenar sempre sobre si o campo do ideal quando encontra e se relaciona com seus amantes. As relações de Emma com Léon Dupuis e Rodolphe Boulanger nos diz sobre o desejo de romper com as barreiras que a impendem de viver a vida que quer, deixando-se levar pelas próprias crenças amorosas, que se sobrepõem irracionalmente ao desejo do outro, e a deixam vulnerável aos desprazeres que ela tanto tenta evitar.

Ora, trata-se da concepção fusional do amor: os dois amantes se encontram e algo como um heroísmo do Um ocorre em oposição ao mundo. Esse ponto de fusão, que é o encontro entre dois, não raro leva à morte, conforme a mitologia romântica. Nota-se que a existência de uma relação íntima entre o amor e a morte já vem de antes, notadamente da própria bíblia, das mitologias, das histórias literárias, sendo essas duas últimas as que, quase sempre, retratam as tragédias amorosas.

Em retorno a Bauman (2004), que nos diz que, devido à grande oferta de experiências amorosas, pode-se surgir a convicção de que amar é uma habilidade que pode ser adquirida e dominada pela prática constante de apaixonar-se, podemos relacionar Emma Bovary nesta constância, já que ela busca a possibilidade de se relacionar com paixão e, conseqüentemente, procura tais desejos em diferentes parceiros.

Por outro lado, apesar de Emma ser uma romântica irremediável, ela também é uma mulher que, a julgar pela época, reflete corajosamente suas inseguranças e se move estimulada pelos seus desejos, os quais, mesmo conflitantes, não a impedem de buscar estreitar laços com outros homens, na tentativa de encontrar o que lhe falta, apesar de, contrapondo Bauman (2004), a personagem não manter seus laços frouxos à espera do próximo. Ela realmente deseja mudar de vida por meio de um amor.

Vimos com Bauman (2004) que não é impossível que alguém se apaixone mais de uma vez, ou até por mais de uma pessoa. De fato, algumas pessoas se

gabam ou se queixam de se apaixonarem ou desapaixonarem muito fácil e rapidamente, assim com as pessoas que vêm e vão de suas vidas; um amor líquido.

Contudo, não entendemos que se trata de um relacionamento superficial o que Emma experimenta; pelo contrário, é sim um gozo Outro, profundo.

Importante destacar que, entre os dois amantes, o que Emma experimenta com Leon é uma mudança de posição, assumindo a posição masculina que um dia foi de Rodolphe, enquanto Léon assume a posição passiva. Pode-se observar que não é só na relação erótica que essa evolução acontece, mas sim durante toda a sua vida; ela sai de leitora passiva dos romances literários e evolui para ativa ao tornar-se amante de Rodolphe, sendo, contudo, manipulada por ele. Já com Léon, é ela quem manipula, tornando-se a heroína tanto para ela quanto para o outro, fazendo do amante um personagem.

Ao longo da jornada de Emma Bovary, as diversas concessões em nome do amor e da paixão que a personagem faz são tomadas pelos próprios amantes, muitas vezes, como demasia. Em sua relação com Rodolphe, o fato de ela ser excessivamente sentimental, lhe oferecer mechas de cabelo, propor troca de anéis como símbolos de amor eterno, planejar fugas para países distantes e chegar ao ponto de sugerir que ele deva ter uma arma para se defender, caso Charles apareça no escritório onde os dois estão, acaba por contribuir para o afastamento do amante. Para Rodolphe, Emma estava passando um pouco das medidas, transbordando demanda de amor, que, ao não ser correspondida na mesma medida, acaba por fazer presente a devastação.

Flaubert (1856) nos descreve uma Emma entorpecida, pouco vestida; muitas vezes, o terror lhe tomava conta e a ela soltava um grito de desespero; outras vezes, ela experimentava lassidão incessante.

Pode-se verificar o quão intenso é a experiência da devastação amorosa quando o autor descreve o que se passa com Emma momentos antes de ela se matar:

A loucura se apossava dela (...). Ela apenas sofria de seu amor, e sentia sua alma abandoná-la por essa lembrança, como os feridos, agonizando, sentem a existência que vai pela chaga que sangra (FLAUBERT, 1856, p. 437).

É possível entender que a situação de ser abandonada é, para Emma, como a morte. Associamos isso quando Lacan (1975) nos informa que há um gozo sobre o

qual não se sabe nada, a não ser que o experimente. Ele acrescenta que isso não acontece com todas, ou seja, nem todas as mulheres vão fazer a experiência da devastação.

O gozo suplementar que, para Lacan (1975), a mulher só sabe quando experimenta, em Emma Bovary se dá, justamente, quando ela, diante de todas as negativas recebidas em face de suas tentativas de quitar suas dívidas, vê no arsênico a solução para a sua situação, e se encaminha para a sua morte sem qualquer reflexão ou hesitação. Emma se decide pelo suicídio, agonizando de forma lenta e horrível, conferindo-lhe muita dor perante seus amigos e a família, que a observam caminhando para a morte.

Depois de relatar, detalhadamente, um capítulo inteiro para descrever a morte de Emma, ao final do capítulo 8, Flaubert (1856) escreve: “Uma convulsão abateu-a sobre o colchão. Todos se aproximam. Ela não existia mais” (p.452).

Observando a experiência de Emma, que chegou formatada pela Literatura e a fez moldar suas ideias de amor, paixão, aventura e loucura, o arsênico que a personagem toma para se matar, pela via da linguagem do próprio autor, pode ser compreendido como o seu salvamento definitivo de uma vida medíocre, da qual ela passou anos tentando escapar, conseguindo, assim e enfim, pela via da morte. Kehl (1998) acrescenta que o suicídio se inscreve, a posteriori, deixando significados na vida daquele que tomou a decisão extrema de se matar.

A mocinha provinciana que, cheia de sonhos alimentados pela leitura dos romances literários do século XIX, toma a decisão do suicídio, acaba, literalmente, no ato consumado, tal qual uma heroína de uma mitologia romântica que ela sempre desejou (KEHL, 1998).

4.2 ANÁLISE DAS ENTREVISTAS COM OS PSICANALISTAS

Nesta análise, apresentam-se e discutem-se os resultados obtidos junto aos profissionais psicanalistas que trabalham na clínica e na universidade, acerca de como eles pensam o amor e a Literatura na clínica psicanalítica. Com isso, há o intuito de reiterar a importância do tema Amor na Psicanálise clínica, bem como a utilização da Literatura para formação do analista. Para tanto, dividiu-se esta apresentação em duas etapas: uma para retratar o amor na clínica e a outra para tratar a formação do analista, conforme as perguntas formuladas no questionário.

Na primeira etapa, são apresentados os resultados relativos à percepção dos profissionais sobre o amor na clínica psicanalítica, com base nos seguintes: 1) conceituação do amor; 2) demandas que aparecem na clínica e giram em torno do amor; 3) emoções que os pacientes trazem para a clínica e que são associados ao amor; 4) experiência clínica que cada profissional teve/tem com o tema amor.

Na segunda etapa, são apresentados e discutidos os temas enumerados: 1) a formação do analista que orientasse à prática com o tema amor; 2) a relação da Psicanálise e da Literatura na formação do analista.

A análise dos resultados das entrevistas foi feita utilizando-se do método de análise de conteúdo. No primeiro momento, foi feita a leitura flutuante e, em seguida, a exploração do material das entrevistas.

Nossa pesquisa de campo foi composta de sete perguntas disponibilizadas em um formulário online. O estudo envolveu sete profissionais de três estados, a saber: Tocantins, Santa Catarina e Espírito Santo. Todos são psicanalistas clínicos, com atuação no consultório por três anos e meio a vinte anos, perfazendo uma média de atuação de nove anos. Os profissionais escolhidos já foram, ou ainda são, professores universitários da disciplina de Psicanálise também.

A seguir serão apresentados e analisados os resultados encontrados.

4.2.1 O amor na clínica

Este tópico apresenta os resultados obtidos sobre o amor e como ele aparece na clínica psicanalítica. Ao serem questionados sobre como conceituar o amor, seis dos sete entrevistados nos trouxeram o conceito de amor dentro da Psicanálise, como já discutido na nossa revisão de Literatura. Seguem, abaixo, as respostas de cada um dos respondentes:

a) “É uma forma de investimento narcísico que o sujeito faz em objetos que supostamente o completam. Ele também usa este recurso para suportar/mascarar o Real das relações. Sem este recurso, o objeto ‘amado’ se revela em sua forma bruta, sobre o qual fica insuportável de fazer investida libidinal” (Entrevistado 1 – E1).

b) “É atividade, força motriz que impulsiona o humano a viver, a se dar, sem saber o que vem depois” (Entrevistado 2 – E2).

c) “Um amor primitivo, narcísico, pode se apoiar na pessoa de um outro, mas

possui como meta a manutenção de um sintoma do próprio inconsciente. E aí se desenvolve fantasias, frustrações, sofrimentos e afins. Um amor de final de análise seria um amor que entende tanto a própria falta quanto a daquele que se ama” (Entrevistado 3 – E3).

d) “O ‘amor’ não existe! Ou... O fio que fica quando o real comparece” (Entrevistado 4 – E4).

e) “Como um sentimento que une pessoas, sendo, inclusive, capaz de ajudar a superar obstáculos advindos dessas próprias relações” (Entrevistado 5 – E5).

f) “O amor é suportar a falta do outro” (Entrevistado 6 – E6).

g) “Primeiramente eu defino como uma sensação. Desta forma, marco um caráter muito subjetivo do sentimento, o que, na minha interpretação, abre espaço para uma série de outros sentimentos e posicionamentos diante desta sensação. Em geral, essa feição tende a ser positiva, contudo, observamos que ela pode ‘se tornar negativa’ na medida em que o amante se apega (se apaga ou apaga o) em função do objeto amado” (Entrevistado 7 – E7).

As respostas dos entrevistados são indícios de que o amor é, no mínimo, contraditório e subjetivo, característica tipicamente humana. Chamamos a atenção para o entrevistado 4, que afirmou que o “amor” não existe, em contradição à nossa pesquisa, isso porque, para Lacan (1975), a relação sexual não existe, visto que não há reciprocidade; o gozo é sempre solitário; ele permeia o campo do real e do imaginário. Contudo, no amor, sim, sempre há reciprocidade, uma vez que o amor demanda amor e amar é querer ser amado (LACAN, 1964). Sua transmissão é feita pelo campo do simbólico, em que se situa a linguagem, possibilidade de se fazer laço social.

Quanto às demandas que aparecem na clínica e giram em torno do amor, tivemos como resultado:

a) “Ciúmes e separações conjugais” (E1).

b) “Exigências e acusações de adultos direcionadas aos seus pais. Mulheres casadas e frustradas na relação conjugal que vivem, sem sexo, e carinho. Um abismo entre o casal. Pessoas que investem muito em seus filhos e filhas, ou no trabalho, e negligenciam sua vida amorosa e sexual” (E2).

c) “Amor de pai. Analisandas, cujas demandas advindas do amor paterno apontam suas questões. Seja por um pai que não reconheceu a filha, que morreu antes de nascer, que morreu na adolescência, que se recusou a reconhecer mas

reconheceu após anos e ainda possui dificuldades na relação, que a própria filha não aceita o pai mas reclama disso que não faz presença” (E3).

d) “Perda do amor idealizado” (E4).

e) “Muito em relação ao ideal de amor romântico, da busca de completude, da ‘parte que falta’ e que fará o sujeito feliz” (E5).

f) “Principalmente em torno do parceiro e do amor que acham que não tem dos pais” (E6).

g) “Muitas demandas giram em torno do amor, seja por pessoas, lugares e/ou objetos. Ora em função de um amor não correspondido, perdido ou diferente do idealizado. É interessante porque elas giram em torno da insatisfação em relação ao amado seja mesmo quando ele corresponde ao ideal” (E7).

Depreende-se das respostas que as demandas que chegam aos profissionais na clínica giram em torno do amor, sem, contudo, tratar-se apenas do amor da parceria amorosa. Trata-se, também, do amor das relações afetivas familiares, desse Outro que é a primeira experiência de amor do ser humano no mundo.

Uma outra questão que nos parece relevante é o quanto se manifesta a ilusão de um amor ideal. Quando o sujeito do inconsciente se depara com a destituição desse outro idealizado, seja ele dos pais ou do parceiro, o paciente é afetado de maneira intensa e dolorosa. Sabe-se, a partir de Lacan (1975), que o amor desemboca no ódio, ao que ele chama *amódio*. Assim, amor e ódio, para a Psicanálise, são duas faces da mesma moeda.

O amor é um produto do seu oposto. Recorda-se que, para Freud (1929), o ódio é o primeiro opressor afetivo na constituição do sujeito; o ódio seria uma defesa do indivíduo com relação ao outro, de modo que, ao mesmo tempo em que deseja o laço, o sujeito, dialeticamente, defende-se dele. Para Badiou (2013), o amor pode não ser pacífico, tendo suas contradições e violências, lembrando-nos de que existem assassinatos e suicídios amorosos.

Outrossim, Nasio (1997) nos recorda que o sujeito ama, odeia e se angustia quando se percebe em relação com o outro. Dessa forma, as relações fazem nascer o afeto, que pode reforçar o amor narcísico; uma imagem decepcionante que pode alimentar o ódio por si ou pelo outro; uma imagem de submissão e dependência em relação ao amado, que provoca a angústia. Observa-se tal representação principalmente nas falas de E1 e E3.

Chama-se atenção, também, para as respostas de E2, E4, E5, E6 e E7, que

trouxeram como demanda clínica o amor associado ao ideal, à fantasia que cada um traz dentro de si, sobre o eleito. Desse modo, perseguindo o ideal, entende-se que a experiência amorosa será sempre insatisfatória, isso porque o sujeito tenta acasalar o eu ideal com o outro escolhido, uma montagem narcisista encontrada no apaixonamento. Freud (1914) aponta que o apaixonamento implica o rebaixamento cognitivo, uma regressão. Assim, uma infantilização é percebida quando o sujeito se encontra diante do eleito.

Ao serem perguntados sobre as emoções que os pacientes levam para a clínica e que estão associadas ao amor, os profissionais responderam de modo semelhante, repetindo a indicação das emoções, e, por isso, preferimos listar todas as que surgiram. Nota-se que se tratam de emoções contraditórias, entre as quais estão: angústia, raiva, culpa, tristeza, alegria, medo, frustração, luto, desejo, encantamento, admiração, calma, arrebatamento, felicidade, dependência.

Verifica-se, com isso, o quanto as discrepâncias de emoções estão entrelaçadas ao amor enquanto pulsão de vida e de morte. Relembra-se que Freud (1914) apresenta a pulsão com sua origem no corpo. Sua ligação com a esfera psíquica é feita pelos representantes pulsionais: o afeto e a representação, sendo o afeto uma energia e a representação uma ideia. Nasio (1997) compara a pessoa do amado a um cabide, em que se penduram as representações, que são cobertas com várias camadas de afeto.

Assim, tem-se que as experiências pulsionais estão relacionadas à representação, que pode responder ou não à fantasia do amado, variando, desse modo, os afetos apresentados pelos pacientes aos seus analistas.

O amor que entra no consultório dos psicanalistas, ao que tudo indica, é um sentimento capaz de arrastar outras emoções e de provocar sensações de êxtase e de dor, ambas assustadoras. Todavia, amar é uma experiência humanizante. Conforme Badiou (2013), amar é uma proposta existencial, com a qual se pode assistir ao nascimento do mundo.

Sobre a experiência clínica que cada profissional teve com o tema amor, seguem as respostas oferecidas pelos psicanalistas:

a) “Nos casos de luto, o direcionamento tem sido na busca da elaboração do que este objeto perdido representa e o porquê tanto investimento” (E1).

b) “Me chama a atenção o quanto esse tema é insistente no humano, provocando as motivações e os sofrimentos. A dependência afetiva é algo que me

intriga, pois provoca muita angústia e ansiedade” (E2).

c) “Eu penso que quando se fala de amor, uma criança com todas as características típicas dessa fase infantil advém no divã. Através de atos de elaboração por associação livre é possível amadurecer” (E3).

d) “Percebo na clínica que o ‘amor’ desperta a criança interior que habita cada paciente! E aí aparecem inúmeras imaturidades!” (E4)

e) “A colocação que eu faço é o tema do meu trabalho de pós, ‘O amor como estatuto privilegiado na problemática da feminilidade’, pois vejo o Amor como um tema muito presente na dinâmica psíquica do feminino e da feminilidade” (E5).

f) “É muito comum discursos dos pacientes como se o amor fosse algo pronto ou que não sofre mudanças no decorrer do tempo” (E6).

g) “Acho o que é o tema central da clínica. Seja falando de um emprego, de um casamento, de um filho, de uma relação familiar, de um transtorno mental... a relação com o outro que é tido como objeto amado aparece no discurso do sujeito como elemento constituinte das suas escolhas subjetivas no decorrer de seus posicionamentos na vida. Na medida em que vamos construindo a ideia de amor enquanto fonte de felicidade, apagamos da noção de incompletude enquanto mola propulsora do amor e corremos o risco de construir relações nas quais os sujeitos não coexistem nas suas escolhas, mobilizando, na clínica, uma série de queixas” (E7).

Em relação à fala de E1, vê-se que sua experiência em clínica está relacionada ao luto. Freud (1915, apud Nasio, 1997) fala do amor enquanto morte e observa que a pessoa enlutada sabe quem perdeu, mas não sabe o que perdeu. Ou seja, o ser amado é uma instância psíquica diferente da pessoa concreta. Segundo Lacan (1958), o buraco criado por essa perda é um encontro com o real, podendo-se dizer que é a mais brutal das dores de se sentir.

Verificam-se que as falas de E1, E2 e E3 estão relacionadas à dependência afetiva e à infantilização com relação ao objeto amado. A criança, para sair do desamparo inicial, aprende a amar suas primeiras ligações amorosas. Desse modo, segundo Kuss (2014), o amor estaria condicionado à dependência primária que o sujeito tem em relação ao objeto amado, visto que, nos tempos primordiais, era esse objeto amado que lhe socorreria do seu desamparo inicial. Entende-se que, nessas experiências trazidas pelos profissionais, o sujeito, na clínica, faz uma demanda ao outro numa tentativa de se restabelecer; numa tentativa de voltar a ser cuidado pelo

seu objeto de amor.

Vê-se que E5 associa o amor à questão do feminino, trazendo uma relevância à nossa pesquisa, pois esta trabalha, justamente, o modo como a personagem Emma Bovary ama. Sobre isso, veja o que dizem alguns autores já estudados: Miller (2008) aduz que o amor feminiza; Lacan (1975) afirma que o amor está do lado do gozo feminino, e Freud (1933) colaciona a perda do amor para a mulher como a castração no homem.

Percebe-se que o amor, no campo do feminino, não é apenas um vazio que absorve o objeto de amor na tentativa de ser suprido, mas, antes, um polo organizador do desejo da mulher, uma vez que o amor faz suplência à relação sexual.

Para o E6, o amor é mutável e dinâmico. Quanto a essa condição do amor, pode-se associar essa informação de duas maneiras: por um lado, muitos casais conseguem sobreviver à mudança ao lado de alguém; por outro, alguns buscam o novo em outro parceiro o tempo todo, vivendo uma relação líquida, segundo Bauman (2004). Associando a fala do entrevistado com a do autor, entende-se que o amor pode ser mutável em dois seres que escolhem estar juntos, vivendo uma experiência pelo prisma da diferença. O autor acrescenta, ainda, que o amor é uma criação e uma construção dinâmica. Se o ser humano desiste do amor porque é difícil, terá que se contentar com uma vida desinteressante.

Já para E7, o amor é encobridor da falta. Extrai-se dos nossos estudos que, tanto em Platão quanto em Lacan (1960), só é capaz de amar aquele que é faltoso. Interessante notar que, na Mitologia, o Amor é concebido pela relação entre um feminino carente, desejante, e um masculino completo, desejado. Ao relacionarmos com Lacan, entendemos que a histérica tenta encobrir a falta por meio de um objeto, podendo chegar à devastação quando não correspondida.

É possível relacionar o amor como uma construção sintomática entre dois sujeitos, o que faz Lacan (1960) nomeá-lo como o mais nobre dos sintomas. Torna-se importante mencionar a distinção que Miller (2008) propõe entre sintoma e devastação. O sintoma comporta algo de localizado, podendo ser classificado. Já a devastação funciona como uma subtração que se estende a tudo, que não conhece limites.

Quanto a essa construção sintomática, conclui-se que os analistas a encontram na clínica – como nós, em nossa pesquisa, encontramos em Emma

Bovary – e, sobre essa insistência de amor do outro lado, só se recebe o eco.

4.2.2 A formação do analista na universidade

Nesta seção, serão apresentados os resultados relacionados à formação do analista nas universidades. No tocante à formação universitária dos entrevistados, foi questionado se eles tiveram orientação com relação ao amor na prática clínica, ao que responderam da seguinte forma:

- a) “Sim, na Especialização e, atualmente estamos estudando a escrita de Eros na Escola Letra Freudiana” (E1).
- b) “Sim” (E2).
- c) “Um curso de inverno, dado por você” (E3).
- d) “Sempre estive em torno do tema! Amor-Feminino-Relações” (E4).
- e) “Especificamente não. Porém foi um tema que sempre me interessou, tanto que o pesquisei na minha pós-graduação em Psicanálise e Saúde Mental” (E5).
- f) “Não” (E6).
- g) “Diretamente, não. Realmente precisei ter contato com as demandas clínicas e com outros profissionais da área para entrar em contato com o tema” (E7).

Nota-se que E1, E2 e E3 tiveram o estudo em amor justamente com esta pesquisadora, neste programa de Pós-Graduação. E4 e E5 tiveram o tema como interesse pessoal e fizeram pesquisas a esse respeito. Já E6 e E7 não obtiveram o contato com o tema dentro da universidade.

Dada a relevância que todos, indiretamente, atribuíram ao tema nesta pesquisa, constata-se que o amor é considerado central à vida do sujeito, seja nas relações familiares, seja na parceria amorosa, tornando-se, assim, de grande importância uma disciplina, na universidade, que trate desse assunto com vistas à compreensão desse fenômeno, bem como para a discussão dos casos com os quais o jovem analista se deparará ao longo de sua carreira como clínico psicanalítico.

Quanto à relação da Psicanálise e da Literatura na formação do analista, seguem respostas:

- a) “A literatura pode revelar e até antecipar o inconsciente. Assim como Freud utilizou ‘Memórias de um doente dos nervos’ do Schreber para postular o mecanismo estruturante das psicoses e também a Gradiva de Jensen para explicar como o delírio do autor vinha como forma escrita de satisfazer um desejo, Lacan

explica como o recurso literário de James Joyce elucida o mecanismo de *Père Version* como saída para o autor não enlouquecer. A escrita literária, não qualquer uma, mas as mais elaboradas fornecem aos psicanalistas, pista de organizações psíquicas que a clínica só forneceria através de longos períodos de análise de pacientes. A literatura antecipa” (E1).

b) “A literatura e a psicanálise podem auxiliar na formação dos psicanalistas, pois a literatura tem narrativas míticas, fantasiosas, que fazem alusões as questões humanas, e tanto a literatura quanto a psicanálise usam a palavra/linguagem para realocar afetos e percepções do mundo. Sendo assim uma empresta a outra, articulando suas ideias e, trazendo maior riqueza e abertura para a compreensão/manejo das questões humanas. Dizendo de outra maneira, a psicanálise e literatura proporcionam menos isolamento e absolutismo, perigos que permeiam a ciência e universidade” (E2).

c) “A literatura possui papel importante na formação do analista junto com a própria análise e a supervisão. Arrisco afirmar que a literatura desempenha papel de condensação, para que a prática não fique solta, a esmo e sim possa estar pautada em um norte teórico. Ela assim auxilia na organização, dando um corpo ao que aparece desorganizado” (E3).

d) “Sabemos que a formação em psicanálise se faz no divã (e através do tripé: teoria, análise pessoal e supervisão). A universidade inclusive, tem um formato bem distante do que Freud e Lacan propôs para a formação do analista. Entendo que na Universidade, apresentar as leituras da psicanálise pode abrir um caminho de acesso às demandas de análise pessoal, levando assim, o aluno à busca pelo conhecimento teórico e, portanto, um aprendizado da psicanálise. Ou seja, seria como um portal de iniciação” (E4).

e) “Acredito que o conteúdo Psicanálise e Literatura tem muito a auxiliar na formação dos psicanalistas no contexto da universidade, pois a Psicanálise sempre se inspirou na Literatura para entender o sujeito, bem como o inverso, os grandes escritores criaram e criam seus personagens, muitas vezes com conflitos e dramas pessoais e psicológicos embasados na Psicanálise” (E5).

f) “A literatura auxilia o aluno ter sensibilidade na escuta. Cada autor constrói os personagens a partir de uma captura de mundo muito atenta ao que se passa não só no nível consciente, mas também inconsciente das pessoas. Isso para quem estuda psicanálise e de um tremendo valor” (E6).

g) “Penso que a literatura é uma forma de experienciar a vida, seja do ponto de vista simbólico, seja do ponto de vista imaginário. Fala de uma forma de enlace, o que dá ao analista a possibilidade de estudos enquanto estudo de caso, articulação com a teoria, desenvolvimento da escrita, algo que tão importante para a psicanálise” (E7).

Depreende-se das falas dos entrevistados que a Literatura ocupa um lugar fundamental para a Psicanálise. Além disso, as respostas dadas sugerem que a Psicanálise se inspirou na Literatura (E5), sendo esta um recurso estruturante (E1), principalmente para o escritor. Ela auxilia na formação dos psicanalistas porque trata das questões humanas (E2); na universidade, é um portal para o aprendizado (E3), que enlaça a teoria psicanalítica (E4), conectando consciente e inconsciente (E7).

A construção do parágrafo acima se constitui de fragmentos da fala dos entrevistados, que se revelam ratificação da nossa pesquisa, visto que, durante nosso trabalho, buscamos apresentar a Psicanálise entrelaçada à Literatura, de modo que pudemos realizar a escuta do livro de Flaubert (1856), o qual, em nossa análise, e pela percepção dos entrevistados, não é menos clínica do que a práxis.

Segundo Lacan (2003), o psicanalista deve se lembrar de que o escritor o precede e que, portanto, não deve desbravar o caminho, fala que vem ao encontro de E1, a saber: “A literatura antecipa”.

Outro fato importante a ser observado é que todos os entrevistados, de alguma forma, referiram-se à Literatura como aquela que auxilia o analista no entendimento do ser humano. Nesse sentido, a Literatura é uma ferramenta para se analisar e construir um saber psicanalítico. O escritor, como na análise dentro da clínica, endereça suas palavras escolhendo significantes de seu próprio atravessamento inconsciente. A Literatura traz luz às articulações da linguagem para o desenvolvimento do personagem, possibilitando o decifrar do humano.

No tocante ao amor, percebemos que, tanto na pesquisa em *Madame Bovary*, quanto na pesquisa de campo com os entrevistados, ele é a mais forte representação da constituição humana.

5 PRODUTO FINAL

Segundo Quelhas, Filho e França (2005), o mestrado profissional oportuniza uma aproximação dos trabalhos realizados dentro da universidade junto às demandas existentes no campo social e profissional, possibilitando estruturar o conhecimento nas atividades profissionais. Tem como objetivo um direcionamento a partir de uma resposta a uma pergunta específica proposta pela área profissional, ou identificada pela Universidade como algo que deve ser investigado e solucionado naquela área.

Pensando nessa proposta, elaboramos nosso produto final em formato de apostila para ser trabalhada em sala de aula, na disciplina de *Tópicos Especiais em Psicanálise: psicanálise e literatura*, no Curso de Pós-Graduação em Psicanálise e Contemporaneidade.

O produto final é uma construção advinda de uma inquietação trazida da experiência profissional do(a) aluno(a)/ professor(a). São situações que atravessam o profissional enquanto protagonista dos processos de ensino e aprendizagem, ou seja, representam situações que incomodam ou que não se acomodam na forma como vem sendo feito, impedindo o docente de propor uma nova metodologia ou um material inovador para o ensino (MARQUES et al., 2020).

O objetivo desta apostila é orientar os alunos que almejem desenvolver estudos em Psicanálise e Literatura. Apresenta orientação para instrumentalizá-los quanto aos conteúdos, bem como sobre os procedimentos didáticos para o processo de ensino-aprendizagem. A apostila intitulada *Amor: da Psicanálise à Literatura* é fruto da pesquisa realizada durante o curso de Mestrado Profissional em Ciências, Tecnologia e Educação no programa da Faculdade Vale do Cricaré.

Para Zaidan, Ferreira e Kawasaki (2018), a elaboração de produtos educacionais realizada pelos docentes devolve ao espaço onde ele é aplicado conhecimentos, resultados e objetos de ensino, os quais contribuem para a prática pedagógica. Referidas autoras concluem que os produtos construídos promovem mudança, inovação e qualificação das práticas educacionais.

Esse material didático foi montado e constituído entre *Apresentação, Módulo I, Módulo II, Módulo III e Referências*.

Apresentação tem como objetivo informar e apresentar o material.

No *Módulo I*, é retratada toda a construção da epistemologia do amor e a

compreensão desse conceito para a Filosofia de Platão e de Sócrates, bem como dos filósofos mais modernos, Badiou e Bauman.

No *Módulo II*, encontram-se a apresentação do conceito de amor para a Psicanálise de Freud e de Lacan, bem como toda a articulação em que esse conceito vai se estruturando nas obras desses autores.

Já no *Módulo III*, está a explanação da obra literária *Madame Bovary*, de Gustave Flaubert (1856), escolhida para ser trabalhada e articulada dentro do conceito de amor advindo tanto da Literatura, quanto da Psicanálise.

Ao final de cada módulo, estão as propostas de aprendizado, que são: *Leituras Recomendadas*, que são as que nos serviram como referencial teórico; *Materiais Recomendados*, com sugestões de vídeos pertinentes aos assuntos estudados; *Atividades Propostas*, que são atividades de fixação de conteúdo, e, por fim, *Avaliação*, em formato de ensaio.

O produto prima pela utilização de uma linguagem clara e estrutura didática, sem perder de vista os rigorosos aspectos necessários à aprendizagem da Psicanálise e sua modulação dentro da universidade.

Nosso produto educacional é digital, composto de 38 páginas; tivemos o cuidado de escolher as imagens que o compõe, trazendo ilustrações das grandes obras que retratam o amor, a saber: *Psiquê reanimada pelo beijo do Amor*, de Antonio Canova; *Édipo e a Esfinge*, de Jean Auguste Dominique Ingres; *O Beijo*, de Auguste Rodin; *Narciso*, de Caravaggio; *Júpiter e Antíope*, de Carle Van Loo; *O Beijo*, de Gustav Klimt; *Os Amantes*, de René Magritte; *Vênus e o Cupido*, de Ticiano; por fim, *A Cama da Morte de Madame Bovary*, de Albert Auguste Fourie. Acreditamos que essa proposta de material didático também possa ser utilizada em outros contextos de formação, que não o da proposta inicial, se considerado o seu processo de construção, que se encontra registrado na dissertação de mestrado com o título AMOR E PSICANÁLISE: um diálogo entre a Clínica e a Literatura.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Filosofia nos indica que o amor dá razão à existência humana e é ele que movimenta o mundo, seja através das relações de amizade, no seio familiar, com as parcerias amorosas e até consigo. Platão o relaciona à Filosofia afirmando que, quem não conhece o amor, nunca saberá o que é a Filosofia. Em nossa pesquisa, constata-se que amor é muitos nomes, mas, sem uma única palavra para defini-lo, concluímos que ele perpassa mais o campo do sentir que o do saber.

Para a Psicanálise, o amor foi seu gatilho teórico inicial, sendo a base fundamental de sua práxis, uma vez que a análise só é possível pela via do amor. O amor compreendido pela Psicanálise, e eternizado na Literatura Romântica, nos toca em lugares que podem estar ali antes de nós, como disse Freud no decorrer de sua obra, ao relacionar a escrita criativa com os analistas.

A constituição histórica e simbólica de *Madame Bovary* (1856) nos remete à própria Psicanálise. O romance de Gustave Flaubert trouxe personagens que permeiam várias discussões e conceitos psicanalíticos de Freud e, posteriormente, de Lacan.

Um grande marco da obra de Gustave Flaubert é que ela perpassa a Psicanálise antes mesmo dessa teoria ser colocada como tal no mundo. Por meio deste trabalho, nota-se a possibilidade de se compreender o amor, pelo viés psicanalítico, nos principais personagens de *Madame Bovary* (1856). No entanto, é na personagem principal, Emma Bovary, que se consegue aprofundar conceitos discutidos na clínica psicanalítica.

O mesmo amor que faz Emma Bovary sair do lugar, movimentar-se em direção aos seus desejos e sentir-se viva, é o que traz a morte por meio das concessões que a personagem presta, tudo em nome de um amor idealizado.

Em *Madame Bovary*, verifica-se que a falta é inerente ao sujeito. O amor esbarra nas próprias fraquezas do sujeito e, algumas vezes, atropela as fraquezas do outro. Do um, do dois. Outrossim, a partir de Emma, observa-se que a experiência amorosa pode fazer convergir as pulsões de vida e de morte, sendo plenamente factível amar e sofrer ao mesmo tempo, como Charles Bovary; ou tornar-se capaz de fazer concessões inimagináveis, em nome do amor e da paixão, como Emma Bovary.

Na clínica, o amor aparece como um conjunto de demandas que vão se

formando na vida do sujeito a partir do momento em que ele encontra e tece sua parceria amorosa. Desse ponto em diante, há um deslocamento de investimento para o outro. Sendo o amor uma das experiências mais intensas que existe, cria-se uma perspectiva a partir de dois. Contudo, fazer essa experiência é muito difícil ao sujeito humano, justamente porque é necessário certo desprendimento das próprias ilusões. Por isso, o analista clínico deve estar atento à escuta desse resto faltoso, perseguindo um sentido que está, constantemente, em transformação, e que vai sendo construído junto com o mundo daquele que se deixa analisar.

Essa dissertação objetiva não apenas enriquecer o debate acerca da Psicanálise e dos temas propostos, mas, também, fornecer material de pesquisa referenciado e analisado para quem deseja se debruçar sobre a Literatura dentro dos conceitos psicanalíticos, principalmente o amor feminino. Pretendemos, dessa forma, contribuir para que estudos sobre o amor em Freud e em Lacan sejam cada vez mais discutidos e pesquisados.

A integralidade deste trabalho será utilizada no programa de Pós-graduação em Psicanálise e Contemporaneidade, no qual a pesquisadora leciona, para servir de referência acadêmica e contribuir para o enriquecimento do ensino no curso. Uma apostila digital, em formato *e-book*, sintetizará todo o trabalho de análise e desenvolvimento desta pesquisa, disponibilizando uma ferramenta didática para alunos, professores e pesquisadores, dentro e fora do Programa de Pós-Graduação em comento, possibilitando, inclusive, o acesso público a quem se interessar pelo tema abordado.

Registre-se que esta pesquisa possibilitou identificar as maiores demandas e inquietações de psicanalistas clínicos sobre o amor na Clínica e a Literatura como elemento essencial à formação do analista. Futuramente, pretendemos pesquisar a formação em Psicanálise, do ponto de vista dos alunos universitários.

Entendemos que pensar na preparação de psicanalistas dentro do âmbito universitário, pelo viés da Pós-Graduação, pode auxiliar na formação dos psicanalistas clínicos, a fim de que estes possam entender e articular sua clínica dentro da arte, da escultura, da Filosofia, da Literatura, da poesia, seguindo, assim, os ensinamentos de Freud e de Lacan, fazendo e possibilitando a transmissão da Psicanálise aos futuros clínicos.

REFERÊNCIAS

AGRA, Ana Maria. Madame Bovary: uma morte de gênero. **Revista Ártemis**, Vol. XIX; jan-julho 2015, pp. 82-89.

ALLOUCH, Jean. **O amor Lacan**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2010. 528 p.

BADIOU, Alain; TRUONG, Nicolas. **Elogio ao amor**. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

BAUMAN, Zygmunt. **Amor Líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

CAMPOS, Marcelo Gonçalves. **‘Vida – Obra Literária’**: Entrelaçamentos uma Leitura Psicanalítica. 2013. 82 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal de São João Del Rei, São João Del Rei, 2013.

FERREIRA, Camilla M. R. O amor dito por uma mulher – a transmissão de Diotima a Sócrates. **Trivium: Estudos Interdisciplinares**. Ano IX, 2017, Ed.1, p. 184-191.

FLAUBERT, Gustave (1856). **Madame Bovary**. Trad. Mário Laranjeira. São Paulo: *Penguin Classics* Companhia das Letras, 2011.

FREUD, Sigmund. Sobre o narcisismo: uma introdução. In: _____. **Estudos sobre a histeria**. (1893). Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. 2).

_____. (1905). **Os três ensaios sobre a teoria da sexualidade**. (Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 12.

_____. (1906/1907). **Delírios e sonhos na Gradiva de Jensen**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v.9.

_____. (1912). **Sobre a tendência universal à depreciação na esfera do amor** (contribuições para psicologia do amor II). Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 11.

_____. (1912). **Tipos de desencadeamento da neurose**. Rio de Janeiro: Imago, 1996c. v.11.

_____. (1914). **O Moisés de Michelangelo**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v.13.

_____. (1914). **Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v.14.

_____. (1925). **Um estudo autobiográfico**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v.20.

_____. (1929). **O futuro de uma ilusão, o mal-estar na civilização e outros trabalhos**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 21.

_____. (1933). **Feminilidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 22.

GIL, Carlos Antonio. **Como elaborar projeto de pesquisa**. 6ª. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

GODOY, A. S. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **Revista de Administração de Empresas**. São Paulo, v. 35, n. 2, p. 57-63, mar./abr., 1995.

KEHL, Maria Rita. **Deslocamentos do Feminino**. Rio de Janeiro, Imago, 1998.

KON, Noemi Moritz. **A viagem da literatura à psicanálise**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

KUSS, Ana Suy Sesarino. **Amor, Desejo e Psicanálise**. Juruá Editora. Curitiba. 2014.

LACAN, Jacques. O Seminário, **Livro 4**: a relação de objeto [1956-1957]. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.

_____. O Seminário, **Livro 6**: o desejo e sua interpretação [1958-1959]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2016.

_____. O Seminário, **Livro 8**: a transferência [1960-1961] 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010.

_____. O Seminário, **Livro 10**: a angústia [1962-1963] 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

_____. O Seminário, **Livro 11**: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. [1964]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

_____. Televisão. In: **Outros Escritos**. [1974]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, p. 508-549, 2003.

_____. O Seminário, **Livro 20**: mais, ainda. [1975]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1982.

_____. O Seminário, **Livro 23**: o sinthoma. [1975-76]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia do trabalho científico**. 9 ed. São Paulo: Atlas, 2010.

LISPECTOR, Clarice. A Felicidade clandestina. In: **O Ovo e a Galinha**. 8ªed. Rio de Janeiro: Rocco, 1971.

LOPES, Maria Madalena de Freitas. **O conceito de Amor em Psicanálise**. São Paulo: Centauro, 2009.

MANNONI, Octave. (1994). **Freud**: uma biografia ilustrada. (M. L. X. A. Borges, Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

MARQUES, N. L. R.; BUSS, C. da S.; MÜLLER, M. G.; SILVA, M. A. B. V. da. (2020). Concepções a respeito do Trabalho Final do Mestrado Profissional em Ensino de Ciências. **Revista Educar Mais**, 4(1), 172-187.

MILLER, Jacques-Alain. Entrevista concedida a Hanna Waar. **Psychologies Magazine**. N° 278; Out 2008. Trad: Maria do Carmo Dias Batista.

_____. O osso de uma análise. **Revista da Escola Brasileira de Psicanálise**, Bahia, Biblioteca – agente, 1998.

MOREIRA, Adriano da Silva. **As múltiplas faces do outro/Outro em Lacan: entre o amor, o desejo e o gozo**. Vitória: UFES, 2017.

NASIO, Juan-David. **O Livro da Dor e do Amor**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

NOBRE, Thalita Lacerda. **Madame Bovary e a histeria: uma leitura psicanalítica**. São Paulo, 2007.

PAGLIARI, Danieli; SOUZA, Tânia Maria de. **O amor e seus desdobramentos**. Unijuí, Rio Grande do Sul, 2019.

PAZ, Beatriz Coelho. **Freud e o amor: do ideal ao impossível – Um diálogo entre psicanálise e Romantismo**. Rio de Janeiro: UFRJ/IP, 2009.

PLATÃO. **O banquete**. 2. ed. São Paulo: Editora Martin Claret, 2015.

QUELHAS, O. L. G.; FILHO, J. R. F.; FRANÇA, S. L. B. O mestrado profissional no contexto do sistema de pós-graduação brasileiro. **Revista Brasileira de Pós-Graduação**, v. 2, n. 4, 11, 2005.

SOUZA, Danuza Effegem. **A Devastação e sua Relação com o Irrepresentável no Corpo Feminino**: algumas considerações no laço Psicanálise e Literatura. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal Fluminense. Niterói. p.114. 2016.

SOUZA, Olga Maria. M. C. A Psicanálise e as Letras. In: MORAES, Alexandre. (Org.) **Modernidades e Pós Modernidades: literatura em dois tempos**. UFES. Vitória. 2002.

TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo**. 2 ed. Trad. Caio Meira. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009, p. 89-94.

ZAIDAN, Samira; FERREIRA, Maria Cristina Costa; KAWASAKI, Terezinha Fumi. A pesquisa da própria prática no mestrado profissional. **Plurais Revista Multidisciplinar**, Salvador, v. 3, n. 1, p. 88-103, 2018.

ZALCBERG, Malvine. **Amor paixão feminina**. Rio de Janeiro/São Paulo: Editora Campus/Elsevier, 2007.

APÊNDICE A – ROTEIRO DAS ENTREVISTAS

https://docs.google.com/forms/d/1hYJa19nL52-FwDUgcitYDAD37r1N9uG_PVItsA39vo/edit

(Endereço de acesso)

Formulário de pesquisa de Mestrado de Ciências, Tecnologia e Educação

O AMOR EM MADAME BOVARY (1856): uma análise psicanalítica

- 1) Qual seu tempo de atuação em psicanálise clínica?
- 2) Com você conceituaria o amor?
- 3) Quais são as maiores demandas que você recebe na clínica que giram em torno do Amor?
- 4) Considerando o amor como um sentimento, quais emoções seus pacientes trazem para análise que são associados ao Amor?
- 5) Na sua formação, você estudou algum conteúdo, que orientasse a sua prática para casos relacionados ao Amor?
- 6) Você gostaria de fazer alguma colocação a respeito da sua experiência clínica diante do tema Amor?
- 7) Como o conteúdo de Psicanálise e Literatura pode auxiliar na formação dos psicanalistas no contexto da universidade?

APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado(a) a participar, como voluntário(a), do estudo/pesquisa intitulado(a) *O Amor em Madame Bovary (1856): uma análise psicanalítica*, conduzida por Aline Mattos Peruch Rigoni. Este estudo tem por objetivo descrever e discutir a construção do conceito de amor na teoria psicanalítica através da análise da obra literária *Madame Bovary (1856)*, de Gustave Flaubert. E como objetivos específicos: a) apresentar a relação do amor com a Filosofia; b) descrever relações entre o amor e a Psicanálise; c) analisar a posição subjetiva da personagem Emma, diante do amor, na obra literária *Madame Bovary*; d) realizar uma pesquisa de campo com psicanalistas que atuam na clínica sobre a demanda do amor em seu trabalho diário; e) produzir uma apostila sobre o amor, do ponto de vista da Psicanálise, na obra *Madame Bovary (1856)*, para trabalhar em sala de aula na disciplina *Tópicos Especiais em Psicanálise*.

Sua participação nesta pesquisa consistirá em uma pesquisa de campo, através de formulário da *Microsoft Forms*, online, referente à sua atuação profissional na clínica psicanalítica.

Você foi selecionado(a) por ser um profissional de Psicanálise com mais de 3 anos de profissão atuando na clínica. Sua participação não é obrigatória. A qualquer momento, você poderá desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa, desistência ou retirada de consentimento não acarretará prejuízo.

Os dados obtidos por meio desta pesquisa serão confidenciais e não serão divulgados em nível individual, visando assegurar o sigilo de sua participação.

A pesquisadora responsável se compromete a tornar públicos nos meios acadêmicos e científicos os resultados obtidos de forma consolidada sem qualquer identificação de indivíduos participantes.

Caso você concorde em participar desta pesquisa, assine ao final deste documento, que possui duas vias, sendo uma delas sua, e a outra, do pesquisador responsável / coordenador da pesquisa.

Eu declaro ter conhecimento das informações contidas neste documento e ter recebido respostas claras às minhas questões a propósito da minha participação direta (ou indireta) na pesquisa e, adicionalmente, declaro ter compreendido o objetivo, a natureza, os riscos e benefícios deste estudo.

Após reflexão e um tempo razoável, eu decidi, livre e voluntariamente, participar deste estudo. Estou consciente que posso deixar o projeto a qualquer momento, sem nenhum prejuízo.

Este termo possui duas vias de igual teor, ficando uma com o pesquisando e outra com o pesquisador.

Nome Completo:

RG: _____ Data: ___/___/_____

Nascimento: ___/___/_____ Telefone: _____

Endereço:

CEP: _____ Cidade: _____ Estado: _____

Assinatura: _____ Data: ___/___/_____

Eu declaro ter apresentado o estudo, explicado seus objetivos, natureza, riscos e benefícios e ter respondido da melhor forma possível às questões formuladas.

Assinatura Pesquisadora: _____ Data: ___/___/_____

Nome Completo:

Para todas as questões relativas ao estudo ou para se retirar do mesmo, poderão se comunicar com _____, via e-mail: _____ ou telefone: _____.

Em caso de dúvidas com respeito aos aspectos éticos deste estudo, você poderá consultar:

PESQUISADORA RESPONSÁVEL: ALINE MATTOS PERUCH RIGONI

APÊNDICE C – AMOR: DA PSICANÁLISE À LITERATURA.



Psique Reanimada pelo Beijo do Amor, Antonio Canova - 1793

FACULDADE VALE DO CRICARÉ
MESTRADO PROFISSIONAL EM CIÊNCIA, TECNOLOGIA E EDUCAÇÃO.



Amor e Psicanálise:
um diálogo entre a Clínica e a Literatura.

Tópicos especiais em Psicanálise:
Literatura e Psicanálise, da pós-graduação em Psicanálise
e Contemporaneidade da faculdade Pitágoras de Linhares/ES.

Aline Matos Peruch Rigoni

São Mateus
2021

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO 04

1. MÓDULO I - A EPISTEMOLOGIA DO AMOR 05

2. MÓDULO II - O AMOR PARA FREUD E LACAN 15

3. O AMOR EM FREUD 18

4. O AMOR EM LACAN 24

5. MÓDULO III - O AMOR EM MADAME BOVARY 32

6. REFERÊNCIAS 37

APRESENTAÇÃO

O amor nos toca desde o momento que nos percebemos como gente. Ele é o enredo central na vida de muitas pessoas e sempre esteve presente nos estudos da Psicanálise, sendo o próprio Complexo de Édipo, conceito fundamental da psicanálise, um posicionamento diante da castração, subjetivando o modo como cada um vai amar. Assim, para a psicanálise, nossas primeiras relações amorosas determinam quem somos. Por isso, a busca por um objeto de amor, assim como o seu entendimento sempre passam por uma escolha feita pelo inconsciente. Para Freud (1914) o início da relação de amor é a experiência de uma criança que suga o seio da mãe, é a experiência de satisfação primordial. A partir daí cada encontro com um objeto é, na realidade, um reencontro de satisfação. No decorrer de toda a produção de Freud, o amor está presente nos diversos conceitos centrais da obra psicanalítica como Castração (Freud, 1905), Narcisismo (Freud, 1914), Pulsão (Freud, 1915), Complexo de Édipo (Freud, 1924), dentre outros. Assim também se dá na obra lacaniana. Desta feita, o amor, tanto na obra de Freud como na de Lacan, é multifacetado, ligado ao narcisismo (Freud, 1914; Lacan, 1949), à idealização (Freud, 1921; Lacan, 1953-1954), como um motor que constitui a civilização (Freud, 1930), como dom (Lacan, 1956-1957), suplência (Lacan, 1972-1973), à poesia (Lacan, 1976), dentre outros.

Assim sendo, desde os primórdios, o amor esteve na psicanálise, bem como, na filosofia e na literatura, portanto, o objetivo deste material é apresentar uma interpretação da psicanálise (Freud-Lacan) como uma experiência clínica no amor e na psicanálise. Essa proposta nos permite nos aproximar da psicanálise e da literatura, contribui com o debate sobre o estatuto da psicanálise como prática teórica e clínica e com as discussões sobre o amor no âmbito da filosofia, da literatura e da psicanálise, que pode ser compreendida a partir do livro *Madame Bovary*, dos textos de Freud e Lacan, bem como o *Banquete de Platão*, *Amor Líquido*, *Sobre a Fragilidade dos Laços Humanos* de Zygmunt Bauman, *Elogio ao Amor* de Alain Badiou, entre outros.

1



MÓDULO I
A EPISTEMOLOGIA DO
AMOR

O **amor** nos toca desde o momento que nos percebemos como gente.

Ele é o enredo central na vida de muitas pessoas e sempre esteve presente nos estudos da Psicanálise, sendo o próprio Complexo de Édipo, conceito fundamental da psicanálise, um posicionamento diante da castração, subjetivando o modo como cada um vai amar.

Assim, para a psicanálise, nossas primeiras relações amorosas determinam quem somos.

Por isso, a busca por um objeto de amor, assim como o seu entendimento, sempre passam por uma escolha feita pelo inconsciente.



Módulo I: A Espistemologia do Amor



AMOR & FILOSOFIA

O desejo de saber o que é o amor esbarra com algo indizível. No entanto, falar de amor é o que vem sendo feito há séculos. Platão, em *O Banquete* (427-347 a.C.), discorre sobre Eros, sobre quem ele é e sobre a sua natureza. Assim, retrata o nascimento do amor através do mito do nascimento de Afrodite (beleza). Quando esta nasceu, houve um banquete entre os deuses; no banquete estava Poros (recurso) que embriagado adormeceu, Pênia (mendiga) carente de recursos teve a ideia de ter um filho com Poros. Deitou-se com ele e concebeu Eros (amor), portanto o amor é indigente como a mãe e corajoso, audacioso e firme, como o pai. Dessa forma, Eros carece de, por conta de sua mãe; contudo, por causa de seu pai, sente desejo por.

No *Banquete* de Platão estão reunidos alguns convidados para discursar sobre o Amor, o mais belo dos deuses; o anfitrião era Agatão e seus convidados, Fedro, Pausânias, Erixímaco, Aristófanes, Sócrates e Alcebiades, que não discursa, mas faz uma declaração de amor a Sócrates. Platão apresenta os vários discursos antes do discurso final, o de Sócrates, que tem como base o relato de uma mulher, Diotima. No decorrer dos discursos do *Banquete* de Platão, cada filósofo reunido esclarece como o Amor dá razão à existência humana.

O primeiro a falar é Fedro, um discípulo sofista, professor de retórica. Para Fedro, Eros é um dos deuses mais antigos do Olimpo; é criado, não tem pai e nem mãe, e todo nascimento é em virtude de Eros, por isso tem um papel fundamental na vida humana, sendo que a bravura e a coragem estão entre as mais louváveis virtudes. Na sua concepção de amor, existe a figura do amante e do amado. Neste sentido, um ama e o outro se deixa amar; em uma situação amorosa para Fedro o amante precisa fazer de tudo para agradar o amado, acreditando que o mundo perfeito deveria ser constituído somente de amante e amado.

Pausânias é o segundo a discursar; também é sofista, inicia com uma forte crítica à Fedro; para ele há dois tipos de Eros; o Eros Celeste e o Eros Vulgar. Atender ao Eros vulgar é atender ao egoísmo da matéria e para atender o Eros celeste o homem precisa responder aos modelos perfeitos de justiça e de virtude. Além dessa concepção, Pausânias elogia a prática da pederastia, como um elemento de convenção social, cabendo ao amante ser insidioso com o amado e persistindo na sedução de sua alma; quanto ao amado deve ser resistente ao que é passageiro, ser apto a fugir dos apelos dos falsos amantes.

Erixímaco, o terceiro orador, é médico e apresenta o amor como uma harmonia, associando Eros à medicina. Apresenta dois Eros, Saúde e Doença um traz equilíbrio e harmonia e o outro traz desequilíbrio e ruína do corpo e da alma. Erixímaco faz um paralelo entre a medicina e a música, utiliza dos elementos semânticos da música para fazer uma analogia com a medicina; ele afirma que a harmonia resulta de elementos contrários como as notas que ditam o ritmo de uma música, tornando-a agradável. Só há amor se houver essa harmonia do corpo e da alma.

O quarto comensal a falar é Aristófanes, comediógrafo, profere seu discurso em linguagem poética; diz que antes de tudo era preciso conhecer a história da natureza humana e lançar mão de um mito para retratar. No princípio dos princípios havia três gêneros de seres humanos que eram duplos em si mesmo, andros, gynos

e andrógino. Estes seres eram autossuficientes e perfeitos, de uma força e de um grande vigor. Possuíam quatro mãos, quatro pés, dois órgãos de geração e uma cabeça, que comportava duas faces opostas; o sexo masculino descendia do Sol, o feminino, da Terra e o andrógino, da Lua, porque eram compostos dois. Com grande presunção, voltaram-se contra os deuses e estes, para torná-los mais fracos partiu-lhes em dois, jogando cada metade em uma parte do mundo, condenados a infelicidade eterna, incompletos, a partir de então a vida humana seria uma busca constante pela sua outra metade perdida.

Segundo Platão (2015) seria essa a explicação do amor que os homens sentem uns pelos outros, tentando recompor a antiga natureza de dois fazer um só, restaurando assim a antiga perfeição. Nesse sentido, o autor nos leva a pensar que o amor tem como base a falta. Interessante ressaltar que nessa linha de pensamento o personagem de Aristófanes justifica a homossexualidade tanto masculina quanto feminina, bem como a heterossexualidade.

Agatão, o quinto orador, é poeta e anfitrião do banquete. Inicia criticando o discurso de todos os outros, anteriores ao dele. Eros é jovem sempre jovem e uma prova disso é que ele se manifesta, principalmente entre os jovens; um ser tão poderoso que nos torna melhor, assim o homem ama o outro porque Eros está dentro dele mesmo, para ele é impossível darmos aos outros o que nós não temos. Para Agatão, Eros é possuidor de todas as virtudes e o mais belo de todos.

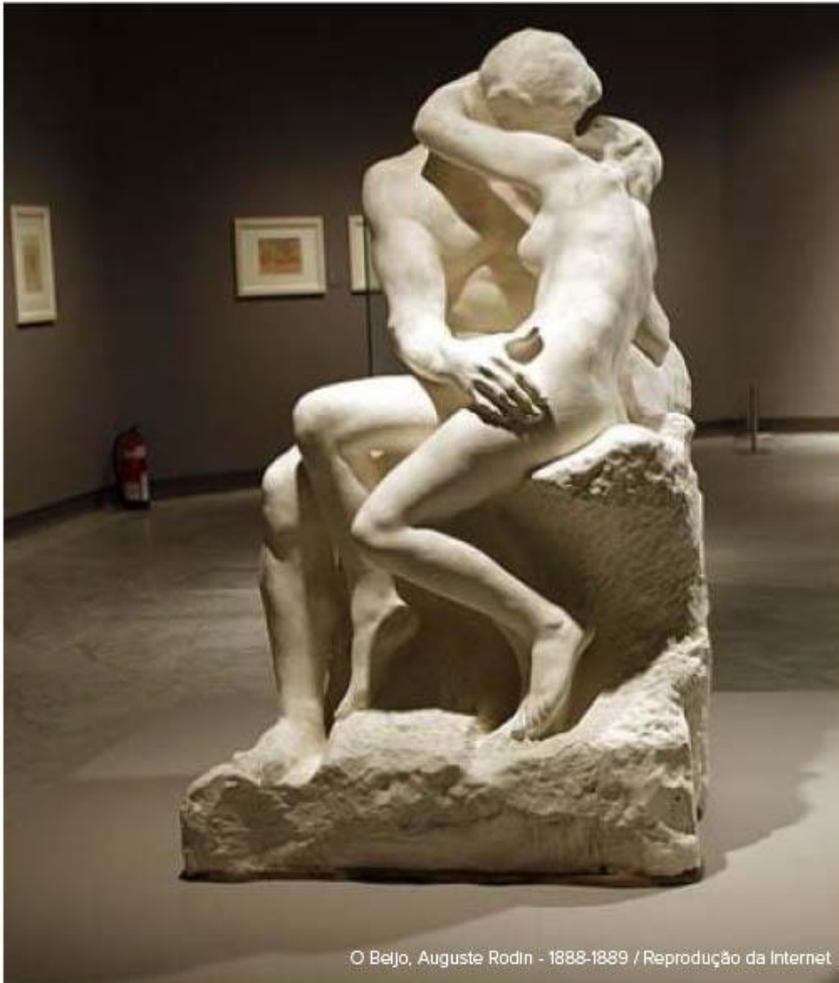
O sexto e último a discursar é Sócrates, ele refuta a ideia de Agatão e diz que o que aprendeu sobre Eros foi com a sacerdotisa Diotima. Baseado no que a sacerdotisa lhe ensina, Sócrates afirma que o amor é o desejo e a gente deseja o que não tem. Neste sentido, para Sócrates, só há amor na ausência e não na presença. Ele afirma que amor é o desejo de alguma coisa, mas só se deseja algo que não se possui. Para o pensador, o amor é uma busca, um processo. É dinâmico e nunca estático, o objeto do amor está ausente, mas é sempre solicitado.

Platão afirma que o amor evolui. Começamos a amar uma pessoa, depois várias até se chegar a um ponto mais puro e verdadeiro e Amor; o amor pela própria Beleza, nesse sentido o filósofo aproxima o amor e filosofia, sendo os dois uma busca pelo bom e belo.

Lacan (1960) em *A Transferência*, retorna ao Banquete de Platão ao falar de amor. Sócrates quando indagado sobre o amor diz não saber nada sobre o amor a não ser aquilo que escutou de uma mulher, e quem fala em seu lugar é Diotima. Lançando mão do seu método, a interrogação socrática, Sócrates questiona a Agatão se Eros deseja o que já se tem, ou deseja o que não tem. É amor de alguma coisa, amar e desejar algo é possuí-lo ou não o possuir e se é possível desejar o que já se tem.

Pode-se notar que Sócrates substitui o termo Eros (amor) pelo termo desejo. Quando acontece a substituição compreendemos que a ideia de falta é produzida no centro da questão do amor. Se o desejo está atrelado a falta e o termo vem substituir o amor, assim o amor somente poderá articular ao redor da falta.

O método socrático legitima a substituição, visto que a temática do discurso vai girar em torno de Eros (amor) e Eros (desejo). Com muita habilidade, Sócrates maneja o interlocutor com destreza levando-o a conclusão de que o objeto de desejo é algo que não está a sua disposição, é algo que não está presente, ou seja, é algo do qual ele está desprovido, que não é ele mesmo. Sócrates continua com seu jogo de significantes até que Agatão revela não saber mais o que foi dito. Para Sócrates, falar de amor ele deixa que a sacerdotisa Diotima fale (FERREIRA, 2017).



O Beijo, Auguste Rodin - 1888-1889 / Reprodução da Internet

Ao analisarmos o método socrático chegamos ao seu limite de sim ou não, presença ou ausência, como nos apontou Lacan, como próprio do método implica na lei do significante, ou seja, o que não é belo é feio, o que não é bom é irrefutavelmente mau.

Contudo a sacerdotisa vem quebrar esse padrão de Sócrates quando ela diz que nem tudo que não é belo é necessariamente feio.

A sacerdotisa Diotima ainda afirma que o amor pertence a outra zona, está entre a ciência e a ignorância, está entre o belo e o verdadeiro.

O amor está entre os deuses e os mortais, ele é um interprete, um mensageiro que leva aos deuses questões humanas, e traz para os homens, instruções

divinas; o amor é de natureza intermediária entre homens e deuses (FERREIRA, 2017).

Para Lacan (1960-61) a fórmula do amor é justamente dar o que não se tem, o amor gira em torno da falta. A ignorância aqui não se refere a falta de conhecimento, e sim a um conhecimento de que não se sabe, um conhecimento insabido. Se o amor atinge os deuses que pertencem ao campo do real, então o amor não poderia ser ignorância, atinge o real, e encontra aquilo que é. Na zona do amor o sujeito não reconhece a sua própria mensagem. Com a descoberta do inconsciente fundamentamos as mensagens no domínio do simbólico, e constatamos que a maioria das mensagens são nossas, e não advindas dos deuses. Assim entendemos o que vem do mundo dos deuses, "amamos no outro aquele vazio enigmático que nos constitui" (p.189), aquilo que supomos vir do outro como mensagem, como resposta ao nosso próprio desejo, é senão o nosso próprio desencontro com o nosso vazio (FERREIRA, 2017).

Podemos entender que o amor, Eros, atinge o real, pois, não recebemos nenhuma mensagem, o real não é simbolizado, Eros simplesmente se aproxima do que não pode ser representado, é simplesmente o que há, contudo no seu trajeto imaginamos ser possível simbolizar o impossível (LACAN, 1960-61). O autor continua afirmando que a mulher no irrepresentável, no verdadeiro, no real, ela recorre ao amor. Recorre ao imaginário onde não

pode ser simbolizada para assim dar sentido ao seu ser, entre o amor e a mulher há uma relação de afinidade, o amor e a mulher se valem de artifícios para tentar contornar, para dar finitude a algo que é infinito, para delimitar o que é impossível de ser delimitado, assim Lacan finaliza dizendo que "a mulher e o amor não passam de uma miragem, de um logro" (189).

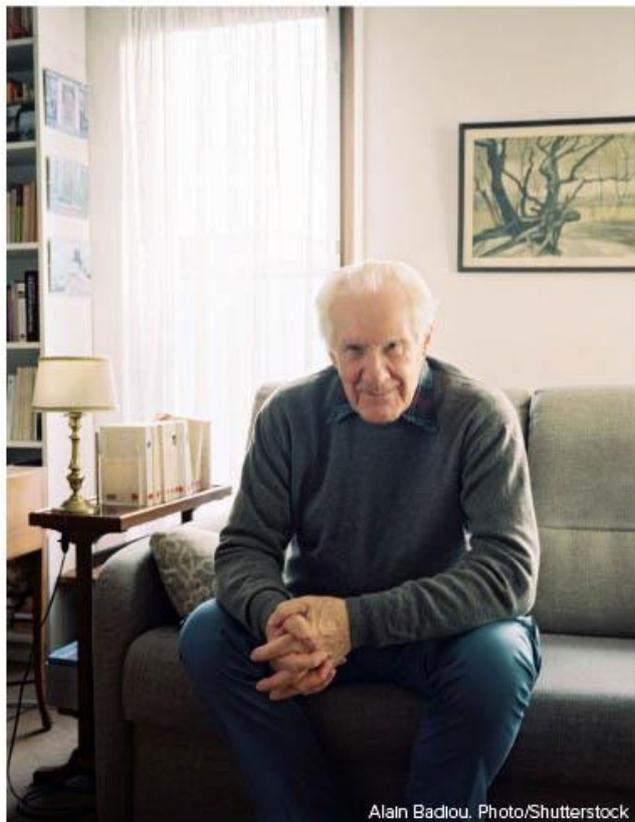
Assim sendo salientamos que mesmo Sócrates conhecendo as coisas referentes ao amor só poderia falar do campo ele não sabia. Ainda que saiba desta verdade, sempre irá falar do campo insabido, deve fazer falar alguém sem saber (FERREIRA, 2017).

Para Badiou (2013) em seu livro *Elogio ao Amor*, o amor é um processo de construção de verdade, a partir do engajamento existencial recíproco com seu sujeito/objeto de amor. O amor é um processo de construção que sempre se inicia pelo encontro de dois sujeitos com subjetividades infinitas, um evento metafísico de passar a olhar o mundo pelo prisma de Dois e não de apenas um. São incontáveis os exemplos literários que reproduzem o ponto de partida do encontro amoroso.

Um exemplo é retratado em *Romeu e Julieta*, amantes que pertencem à mundos inimigos entre si, que passam por intensas dualidades e radicais separações. Um combustível extremamente importante para que o encontro de duas diferenças desencadeie na construção do amor. Não é apenas o encontro de uma relação fechada entre dois indivíduos, mas a vida que se faz, uma cena de Dois. Platão afirma que há no impulso amoroso um gérmen universal, ele chama esse impulso de ideia. Quando se admira um corpo bonito, segue-se para ideia do Belo. Badiou (2013) comungava da mesma ideia de que na experiência do amor existe um valor universal e não pura singularidade do acaso, é possível experimentar o mundo a partir da diferença e não apenas da identidade. É uma confiança depositada ao acaso.

Porém, Badiou (2013) não se interessou apenas pelo instante do acontecimento amoroso, mas pela duração e qualidade dessa relação. Como o sujeito expressa sua linguagem, interiormente, quais as mudanças que acontecem nos sujeitos ao longo de seu relacionamento.

Percebe-se que o autor se aproxima do aforismo de Lacan (1975) que afirma que não existe relação sexual. Que na verdade no ato sexual cada um está preocupado com próprio gozo e que o gozo das pessoas envolvidas não é sentimento mutuamente compartilhado. O que há é a mediação do corpo do outro, mas, no fim das contas, o gozo é sempre solitário. O ato sexual não une, separa. O sujeito estar nu e colado ao outro é uma representação imaginária. A realidade é o gozo que vai conduzir o sujeito para muito longe do outro. O seu orgasmo é individual e intransferível. Nessa perspectiva, a realidade é narcisista, o vínculo é imaginário. Não



Alain Badiou. Photo/Shutterstock

existe relação sexual e o amor surge no lugar dessa não relação. No amor o sujeito vai além dele mesmo, ele procura abordar o ser do outro. No encontro amoroso, o sujeito busca uma forma de fazer com que o outro exista junto com ele, assim como ele é (BADIOU, 2013).

Em função disso Badiou (2013) nos traz três concepções principais do amor. A primeira é o encontro romântico, focado no êxtase do encontro. Depois, o encontro de dois indivíduos em uma concepção jurídica onde o amor seria um contrato, onde juram amor e continuam atentos a igualdade na relação e, por fim, uma construção de verdade, onde inclui o desejo sexual com suas experiências, até mesmo o nascimento de um filho, e todas as outras coisas, pois se trata de viver uma experiência pelo prisma da diferença.



Zygmunt Bauman. Photo/Shutterstock

Na visão de Bauman (2004) o amor se tornou líquido.

A sociedade atual tomou seus relacionamentos descartáveis, as pessoas queixam-se de apaixonar-se e desapaixonar-se com uma tremenda facilidade, estão inclinadas a repetir suas experiências de vida que tendem a chamar de amor quase como uma condição recorrente.

A definição de amor como até que a morte nos separe entrou

em desuso. A vida acelerada que a maioria dos indivíduos leva contribui para fragilidade dos laços afetivos.

Os vínculos sociais desenvolvem-se com intensa velocidade e nossas ações mudam constantemente antes mesmo de consolidarem-se trazendo dor e angústia (BAUMAN, 2004). Contudo o sociólogo afirma que esse processo não é um desvio da civilização, mas um processo contido na própria modernidade.

Devido à grande oferta de experiências amorosas, pode-se surgir a convicção de que amar é uma habilidade que pode ser adquirida e dominada pela prática constante de apaixonar-se. Noites avulsas de sexo são carinhosamente chamadas de fazer amor. Foi criada a ilusão de que a próxima experiência será ainda mais estimulante e prazerosa e que a que está sendo vivenciada "jamais será tão emocionante ou excitante quanto a que virá depois" (BAUMAN, 2004, p.10-11).

Contudo, Bauman (2004) ressalta que todo esse conhecimento é mera ilusão, consiste em uma série de eventos amorosos com episódios curtos, intensos e impactantes, trazendo à tona a sua própria fragilidade. Assim, as habilidades adquiridas são a de terminar rapidamente e começar do início, o que leva o autor a nos apontar que não temos mais o hábito de consertar ou reformar o que estragou, simplesmente descartamos. Seguindo esse raciocínio, Bauman (2004) afirma que modernidade líquida reflete insegurança e estimula desejos conflitantes, pois ao mesmo tempo que se busca estreitar laços há uma necessidade de mantê-los frouxos. Este conflito fica evidente quando vem à tona as crescentes estatísticas de casos de depressão e síndrome do pânico, relatadas em todo o mundo.

O sociólogo traz o exemplo de Soren Kierkegaard, o Don Giovanni de Mozart, guiado pela sua compulsão de sempre tentar novamente, e tentando evitar que as tentativas do presente jamais atrapalhassem uma do futuro. Don Giovanni era um impotente amoroso, pois sua compulsão em experimentar sempre a próxima frustraria o propósito de amar. A única habilidade possível de adquirir com tal prática é uma exercitada incapacidade de amar (BAUMAN, 2004).

Sendo assim, salientamos que em uma cultura consumista como a nossa o produto oferecido está pronto para uso imediato, para o prazer passageiro, satisfação instantânea. Os resultados não exigem esforços e as garantias de seguro total e devolução do dinheiro estão implícitas nos contratos imaginários. É prometido a arte de amar, mesmo sendo falsa e enganosa. A experiência amorosa que fascina e seduz com todas as características ansiadas, como desejo sem ansiedade, esforço sem cansaço e resultado sem esforço é vendida como se fosse assim tão fácil de ser conquistada. Desse modo, o pensamento de Bauman (2004), é de que para se ter amor é



necessário se ingressar em terras inexploradas e não mapeadas e isso só é possível com quantidades enormes de humildade e coragem, nas palavras do autor “sem humildade e coragem não há amor” (p.18).

Neste caso, não é possível a busca por amor sem o Dois. Assim, podemos dizer que o amor é uma contraexperiência frente ao mundo de interesses próprios em que se vive e, segundo Badiou, o amor precisa ser defendido e reinventado dentro da própria experiência de mundo, pois é o que dá intensidade e significado à vida; isto pois:

“O Amor é uma reinvenção da vida. Reinventar o amor significa reinventar a reinvenção.”

Alain Badiou

LEITURAS RECOMENDADAS

BADIOU, Alain; TRUONG, Nicolas. *Elogio ao amor*. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

BAUMAN, Z. *Amor Líquido: Sobre a Fragilidade dos Laços Humanos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

KON, Noemi Moritz. *A viagem da literatura à psicanálise*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

PLATÃO. *O banquete*. 2. ed. São Paulo: Editora Martin Claret, 2015.

SOUZA, Olga Maria. M. C. *A Psicanálise e as Letras*. In: MORAES, Alexandre. (Org.) *Modernidades e Pós-Modernidades: literatura em dois tempos*. UFES. Vitória. 2002.

MATERIAL RECOMENDADO

Vídeo sobre o Discurso de Aristófanes:

<https://www.youtube.com/watch?v=Lyj-1xDicTU&t=178s>

ATIVIDADES PROPOSTAS

1 - Leia o texto e participe da discussão sobre o conceito de amor para filosofia.

2 - O texto fornece três visões filosóficas do amor. Escolha um dos três e disserte sobre o pensamento do filósofo e sua estruturação sobre o amor.

AVALIAÇÃO

A partir das atividades propostas, escreva um pequeno ensaio sobre o tema da relação amor, filosofia, psicanálise e literatura.

2



MÓDULO II
O AMOR PARA
FREUD E LACAN



AMOR & PSICANÁLISE

O estudo da obra freudiana retrata inicialmente o amor como uma dimensão, ora se aproximando da ideia que comumente se tem de amor, ora estando ligada à sexualidade, sendo por vezes utilizado como sinônimo de libido e até mesmo de desejo. À medida que Freud avança em sua obra, o amor vai ganhando um estatuto de conceito na psicanálise, visto que ele tem diversos entendimentos ao longo da obra freudiana. Com Lacan, o amor também tem um importante lugar a ser estudado na psicanálise (KUSS, 2015).

As primeiras referências ao amor, na obra de Freud, se deram na relação entre hipnotizador e hipnotizado, devido à obediência e confiança que a hipnose exigia, características presentes nas relações amorosas. Mesmo a história da psicanálise nos aponta seu início a partir de uma história amorosa entre Anna O. e Breuer, testemunhada por Freud (KUSS, 2015). A psicanálise se dá pela via do amor, ainda que não recíproco (FREUD, 1915). Lacan (1972-73) em sua formulação sobre o SsS (Sujeito Suposto Saber) retrata que a transferência não se diferencia do amor. A transferência é um laço de amor, pois aquele a quem se suponho o saber, ama-se. Sendo assim a condição do tratamento; um amor que se dirige ao saber. Assim, para a psicanálise, o Amor é o motor da técnica psicanalítica: o amor de transferência. As tramas e as histórias do sujeito do inconsciente, dentro do consultório, também são para falar de Amor. Ao encontro disso, Lacan nos fala que “falar de amor, não se faz outra coisa no discurso analítico” (1972-1973).

Freud (1930) reflete o modo como o amor é central na constituição do sujeito, bem como a condição dos seus principais sofrimentos. Nasio (1997), diz no Livro da Dor e do Amor, “quanto mais se ama, mais se sofre” (p.26). Em *Mal Estar na Civilização*, Freud (1930) chama atenção para o fato de que o sofrimento afeta o ser humano de três formas: a partir do corpo, a partir das forças do mundo exterior e a partir das relações com outros seres humanos, sendo esta última, potencialmente, mais perigosa que as outras duas. Assim, o homem tenta encontrar meios, de se proteger dessas ameaças, sendo o amor a possível solução. Dessa forma, entendemos que para Freud, ama-se para evitar conflitos. Contudo, isso é uma ilusão de controle do sofrimento, já que ao amar, o homem fica à mercê desse sentimento. Por outro lado, sem o encontro com a alteridade, encontro sempre traumático, não haveria mundo humano.

Lacan (1960-61) diz que o amor é um acontecimento particular que ocorre a um sujeito frágil e que necessita do seu ser na convivência com o outro. Trata-se de um objeto imaginário, que vem ocupar o lugar do vazio da falta. Uma relação sine qua non leva o amante em direção ao amado, este espera do amado a possibilidade de recuperar a totalidade onde nada falta, supondo que ele tenha algo precioso que possa preencher o que lhe falta. O encontro numa parceria amorosa tem como consequência o encontro com o fantasma do outro, encarna-o na medida em que se apresenta como objeto que causa seu desejo. O amor necessita que esse objeto faltante seja encarnado numa pessoa.

Nasio (1997) nos exemplifica isso levando-nos a imaginar uma pessoa que nos seduz, que desperta e captura a força de nosso desejo, assim, o autor traz ao cenário um sujeito que se apega a essa pessoa e faz dela uma parte de si mesma. Metaforizando o autor reflete:

(...) nós a recobrimos como uma hera recobre a pedra. Nós a envolvemos como uma multidão de imagens superpostas, cada uma delas carregada de amor, de ódio ou de angústia, e a fixamos inconscientemente através de uma multidão de representações simbólicas, cada uma delas ligada a um aspecto que nos marcou (p.39).

O eleito deixa de ser apenas uma instância exterior, para viver como objeto dentro da fantasia do sujeito. E isso leva uma eterna insatisfação, pois o outro nunca vai responder desse lugar; nesse sentido o ser que mais amamos é o ser que mais nos insatisfaz. Na realidade do dia a dia, o outro é o amor, mas também a queixa. Existindo assim duplamente, um indivíduo vivo no mundo e uma representação fantasiada que regula o fluxo do desejo (NASIO, 1997).

Para Miller (2008) o amor permite imaginar que essa verdade será difícil de suportar. Amar verdadeiramente alguém é acreditar que, ao amá-lo, se alcançará a uma verdade sobre si e para isso é necessário reconhecer a falta que se tem na necessidade do outro. O autor cita Freud revelando que o mesmo chamou *Liebesbedingung*, a condição do amor, a causa do desejo, sendo um traço particular – ou um conjunto de traços – que tem para cada um uma função determinante na escolha amorosa. Isso é próprio de cada um e está relacionado com a história singular de cada um. Freud, por exemplo, assinalou como causa do desejo em um de seus pacientes um brilho de luz no nariz de uma mulher. A exemplo, Lacan traz, no romance de Goethe, a súbita paixão do jovem Werther por Charlotte, no momento em que a vê pela primeira vez, alimentando ao numeroso grupo de crianças que a rodeiam, fica apaixonado. Há aqui a qualidade maternal da mulher que desencadeia o amor.

Dessa forma, percebe-se que não há fórmula e nem um porquê para escolher x em vez de y, a parceria amorosa se dá por uma relação direta com o inconsciente e com as marcas que ali foram feitas em algum momento da vida do sujeito.

Lacan (1960-61) retrata em seu seminário sobre *A Transferência*, o amor como significante, ou seja, como metáfora, articulando como substituição. Sendo assim, o amante é o sujeito da falta e o objeto amado, o que produz a significação do amor. Essa proposta tem relação com o conceito de objeto a, uma vez que ao fazer uma identificação com essa fantasia o desejo se desloca para o sujeito com o desejo do Outro, nunca conseguindo alcançar este.

Esta mão que se estende para o fruto, para a rosa, para a acha que se inflama de repente, seu gesto de pegar, de atrair, de atçar é e estreitamente solidário à maturação do fruto, à beleza da flor, ao flamejar da acha. Mas quando, nesse movimento de pegar, de atrair, de atçar, a mão foi longe o bastante em direção ao objeto, se do fruto, da flor, da acha, sai uma mão que se estende ao encontro da mão que é a de vocês, e neste momento é a sua mão que se detém fixa na plenitude fechada do fruto, aberta da flor, na exploração de uma mão em chamas - então, o que aí se produz é o amor (Lacan, 1960-61, p. 59).

Podemos entender que Lacan nos ensina que não há objeto de amor correspondido, por mais que o amante estenda a mão para pegar o fruto (seu objeto de amor), o que ele vai encontrar é o ser do amado, este também estende sua mão e assim acontece o encontro de dois amantes, o encontro de duas faltas. O amor se dá quando aquele sujeito corresponde a essa mensagem; embora sempre vá existir um mal-entendido no amor, pois nunca há encaixe para o neurótico.

3



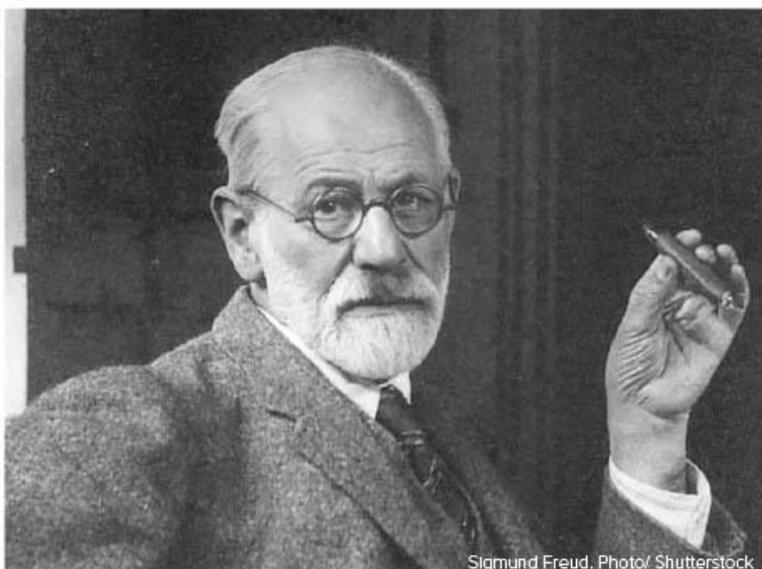
O amor em Freud



Sigmund Freud, Photo/Shutterstock

Para Freud a palavra amor tomou um valor de conceito, mesmo a palavra pertencendo à linguagem comum, pois ela se difere de paixão, de arrebatamento. Em seus estudos primários Freud toma o amor como uma dimensão, se aproximando a ideia de amor comum, ora fazendo ligação à sexualidade, usando até mesmo de sinônimo de libido e desejo. Pode-se afirmar que as primeiras referências ao amor, na obra freudiana, acontecem entre hipnotizado e hipnotizador, visto que para hipnose ocorrer é exigida uma grande confiança, aspecto presente nas relações amorosas (KUSS, 2014). As primeiras referências sobre o amor no texto freudiano, encontrando-se nos casos clínicos de histeria. Freud (1893) destaca que a histérica vai buscar o seu amor em fantasia.

A proibição amorosa é a causa do sintoma histérico que inscreve no corpo a marca de um desejo recalçado. Freud ainda relaciona o adoecimento psíquico histérico à interdição dos amores. No caso de Elisabeth Von R. e seu cunhado as representações de natureza erótica entram em conflito com a moral, pois elas estão centradas no cunhado durante a vida de sua irmã e mesmo depois da morte de sua irmã ainda era inaceitável estar atraída por esse homem proibido.



Na neurose histérica o amor aparece como uma forte ânsia sexual, assim como sexualidade e amor encontram-se de forma indiferenciada nesse momento na obra freudiana, pois Freud coloca sexualidade como etiologia das neuroses. Para ele o amor continha todos os componentes do instinto sexual, e os sintomas nada mais eram que a procura de tratamento para as paixões reprimidas anteriormente e todo tratamento psicanalítico é uma tentativa de liberdade para amor reprimido que não encontrou escoamento suficiente na conciliação de um sintoma (Freud, 1906).

Freud aponta que a realização de um desejo inconsciente se dá tanto pelo sintoma quanto pelo sonho, e diante de uma insatisfação amorosa a libido pode satisfazer-se de modo sintomático. Para construção da clínica da neurose, o amor é indispensável, visto que o adoecimento surge como consequência de uma insatisfação amorosa. Quando o objeto amado é perdido e não se encontra substituto para o seu lugar, toma-se neurótico (FREUD 1912).

Durante algum tempo Freud associou a frustração amorosa como um dos desencadeadores da neurose. Contudo é importante ressaltar que o significado que Freud deu a palavra amor como sinônimo de sexualidade não se manteve. A partir de seus estudos Freud entende que a satisfação se refere a pulsão sexual, a frustração associa-se a incapacidade da pulsão ser satisfeita apaziguando assim as tensões internas. É atribuído a cultura a causa das frustrações, os desejos libidinais do sujeito e o seu eu entraria em conflito e assim seria propício que a neurose se constituísse (KUSS, 2014).

O estudo freudiano de amor ressalta que o movimento amoroso aposta em uma unidade do objeto e o eu, se endereça ao (re) encontro com uma felicidade perdida, que se vincularia ao ideal de felicidade. Freud

articula um ideal narcísico entre o eu e o objeto, que é nomeado de narcisismo primário. Encontramos logo nas primeiras referências freudianas ao amor um destaque ao amor infantil, que vai determinar as escolhas amorosas na vida adulta. Para Freud o primeiro cuidador, que pode ser a mãe, torna-se o primeiro objeto de amor e esta primeira escolha de amor infantil está diretamente ligada a escolha de amor da puberdade (PAZ, 2009).

Em *Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade*, Freud (1905) discorre sobre o objeto que se perde na infância, e que, ao longo de toda a vida, o sujeito buscará o reencontro com esse objeto, esse objeto que foi perdido para sempre. A amamentação para a criança seria modelar para todos os relacionamentos amorosos. As primeiras experiências estão ligadas ao seio da mãe, esse seria o objeto perdido.

Kuss (2014), em sua leitura desse texto de Freud (1905) conclui que, assim sendo, no ser humano, a alimentação não está ao simples servir da necessidade fisiológica. Quando uma mãe alimenta um bebê, ela oferece mais que leite, o que fica também em oferta é o seio. Assim a mãe transmite algo do seu desejo, e é isso que o bebê recebe junto com o leite (KUSS, 2014). Ao dar o seio e alimento, a mãe dá algo que alimenta o psíquico, e que se liga ao sexual. A mãe erotiza o corpo infantil (LOPES, 2009).

Em Freud (1905), durante todo o período de latência a criança aprende a amar outras pessoas que satisfazem suas necessidades e auxiliam em seu desamparo. Podemos concluir que essa amamentação é mais do que uma satisfação das necessidades primárias da criança, não é somente a satisfação fisiológica, pois o humano é um ser de pulsões.

O amor estaria condicionado a uma dependência, uma dependência primária que o sujeito tem em relação as pessoas. A criança fica angustiada quando seus desejos não são atendidos, com sua libido insatisfeita e o adulto sente medo quando está sozinho, sem uma pessoa a qual ele possa amar. A sensação de desamparo na infância remete a uma dependência exata da angústia da perda de um amor quando adulto (KUSS, 2014). Infere-se, então, que a criança aprende a amar a partir de suas primeiras ligações amorosas. No princípio, essas ligações são calcadas no biológico – desamparo e necessidade, posteriormente, com a introdução à linguagem isso se transformará em desejo.

Em *Sobre o Narcisismo: Uma Introdução*, Freud (1914) relata que há dois tipos de narcisismo, o narcisismo primário e o narcisismo secundário. Durante a fase inicial do desenvolvimento infantil a criança obtém prazer em estimular partes do seu corpo, não se compreende um corpo como uma unidade em separado. Sente prazer em sugar o seio da mãe e o compreende como uma extensão de si mesma. Ao compreender seu corpo como uma unidade, a criança passa a investir libidinalmente nela própria, sendo incentivada pelos pais que atendem às suas necessidades prontamente. Ocorrendo o que Freud chamou de narcisismo primário.

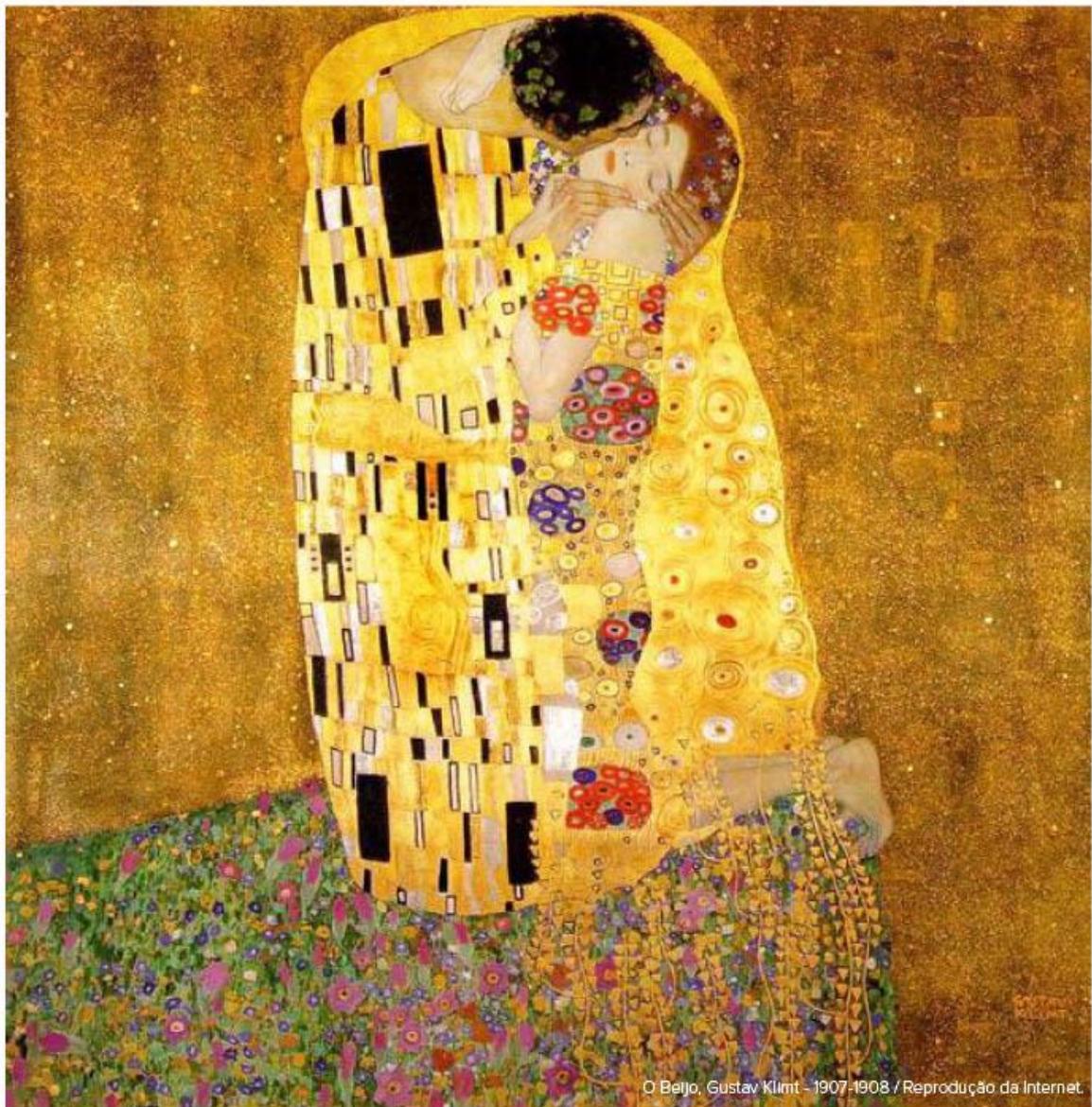
Em outro momento a criança não é mais atendida e é tolhida em seus desejos, e, tendo que atender às exigências do mundo externo, tem seu narcisismo primário frustrado, passa a se confrontar com a realidade, sentindo-se parte do mundo passa a investir libidinalmente nos objetos.

Podemos entender que o autor, nesse texto, apresenta uma articulação entre os esforços do ego e os amorosos de (re) encontro com o objeto perdido. O encontro com o objeto de amor consiste em um encontro com o objeto específico supervalorizado.

Freud (1914) salienta que o ego precisa ser desenvolvido, não pode existir no sujeito desde o seu começo.

O movimento de fragmentação corporal conduzindo o corpo as suas próprias pulsões parciais autoeróticas, é nomeado por Freud como narcisismo primário. O eu se constitui como reservatório da libido, e é investido de todos os ideais de perfeição parentais. Como em um primeiro momento o eu mais primitivo não diferencia o investimento parental, encontra-se permeado pela plenitude e onipotência por parte do bebê onde suas ordens são prontamente satisfeitas, seus desejos são ordens.

Freud (1914) aborda o amor a partir da escolha de objeto. Dessa perspectiva, o narcisismo é uma condição fundamental para a constituição psíquica do sujeito. Freud fala do amor em duas possibilidades de escolha, a



narcísica e a anaclítica, ambos ligados ao ideal de reencontro com a plenitude narcísica. Todo ser humano tem dois objetos sexuais: ele mesmo e aqueles que desempenham as funções de alimentação e de proteção. Em função disso, temos duas escolhas: narcísica e anaclítica. Na escolha narcísica, ama-se o que se é, o que se

foi ou o que se gostaria de ser. Aqui, o objeto é amado com a mesma intensidade que outrora o eu do prazer fora amado no autoerotismo. Na escolha anaclítica, ama-se a parte do eu que foi renunciada e transferida para o objeto, fazendo com que o objeto seja revestido das funções materna e paterna: a mulher que alimenta ou o homem que protege.

Os objetos de amor anaclítico terão como modelo as pessoas que lhe alimentaram, cuidaram e protegeram, em sua infância, ou seja, sua mãe ou cuidadora. Sobressaem nesse tipo de escolha amorosa as pulsões de autoconservação, os objetos amados na vida adulta serão semelhantes as imagens daqueles que se dedicaram a seu cuidado, que se dedicaram a satisfazer suas necessidades primárias. Na escolha anaclítica há um investimento de libido no objeto que representa o ideal narcísico (PAZ, 2009).

Na escolha narcísica o objeto é eleito à imagem do próprio ideal egóico. O sujeito irá amar o objeto que representar aquilo que ele foi no passado, aquilo que ele é, aquilo que gostaria de ser ou parte de si. Tanto na forma narcísica quanto na forma anaclítica a afirmação freudiana mostra que o que possui a excelência que falta para tornar o eu ideal é que será amado. Na escolha narcísica o sujeito busca o seu eu encontrando-o no outro, e na escolha



Narciso, Caravaggio - 1597 / Reprodução da Internet.

anaclítica o sujeito procura novamente o seu trono de majestade ansiando ser cuidado e protegido como o fora na infância supostamente (FREUD, 1914).

Resumidamente, podemos entender que Freud (1914) dispõe as modalidades do amor narcísico e anaclítico de forma que no amor narcísico amamos no outro o que somos, o que fomos, o que gostaríamos de ser ou uma parte de nós mesmos. Enquanto no amor anaclítico, amamos no outro: a mulher que alimenta ou homem que protege.

Segundo Paz (2009) o que Freud realmente procura salientar é o reencontro com o ideal do eu, que as pessoas pensam ser a felicidade absoluta. E o contrário disso, o fato de não ser amado, reduz os sentimentos de autoestima, enquanto que o do ser amado os aumenta. Assim, a satisfação em uma escolha objetal narcisista consiste em ser amado. A dependência do objeto amado reduz os sentimentos de autoestima, pois um sujeito que ama priva-se de uma parte de seu narcisismo. Isto pois, a energia libidinal estará dividida entre si e o outro.

Freud (1914) nos aponta para uma espécie de empobrecimento do ego que se dá porque as catexias libidinais lhe são retiradas. Por outro lado, ser correspondido no amor, e possuir o objeto amado eleva.

Nesse caso, segundo Kuss (2014) o sujeito tenta a, todo momento, resgatar o seu narcisismo infantil com a intenção de restabelecer-se de sua condição faltante, buscando, assim, atualizar suas relações primárias.

Percebemos que em Freud (1914) o ser humano irá projetar diante de si como seu ideal o substituto do narcisismo perdido na infância, que ele via como sendo seu próprio ideal. Com isso podemos dizer que o amor para o autor é narcísico e movido pela pulsão. Conceito situado na fronteira entre o mental e o somático, como o representante psíquico dos estímulos que se originam dentro do organismo e alcançam a mente (FREUD, 1915).

No mesmo texto, o autor defende que o amor, mesmo objetal, é sempre descendente de um amor próprio que quando se volta para um objeto será idealizado e dependerá do infantil de cada sujeito. O estar apaixonado consiste num fluir da libido do ego em direção ao objeto, ocorrendo em virtude da realização das condições infantis para amar (FREUD, 1914).

Nos artigos dedicados à Psicologia do amor, Freud (1910/1912) chama atenção para o fato de que os homens procuram a mãe em suas escolhas objetais, seja como mulher comprometida, prostituta, virgens, mulheres que precisam ser salvas ou mulheres maduras. O autor salienta, ainda, que quando um objeto de um impulso desejoso se perde em consequência da repressão, ele se representa, por uma sucessão de objetos substitutos, nenhum dos quais, no entanto, proporciona satisfação completa. Para o autor, isto pode explicar a inconstância na escolha de objetos que, comumente, caracterizam o amor nos adultos.

4

**O amor** em Lacan

Jacques Lacan - Reprodução da Internet

Ao longo dos anos Lacan lança enuncia- dos sobre o amor. Em 1974, declara que o amor só se escreve graças à uma prolife- ração de desvios e chicanas, delírio e loucuras que ocupam na vida de cada um, um lugar.

Em 1957 encontramos a fórmula lacania- na do amor "o amor é dar o que não se tem" (p.122), posteriormente completada por alguém que não quer saber disso; em 1960 o amor é um sentimento cômico e em 1973 é introduzido a palavra amódio. Poesias, fórmulas, pintura e mitos marcam que, em Lacan, o amor é um intermediário entre saber e ignorância (ALLOUCH, 2010).

Nesse sentido, Lacan, diferentemente de Freud, não encara o amor de um ponto de vista científico.

Para Lacan o amor está além do narcisís- mo, ele pensa o amor como dom. Um amor com realização somente pelo imaginário não agradava em nada Lacan. Se no registro do narcisismo o objeto investido de libido é algo que ele é e ao mesmo tempo não é, o que o sujeito ama no outro é a si mesmo, o que justifica Lacan dizer que o objeto é ele e não é ele (LACAN, 1956-57).



Jacques Lacan - Reprodução da Internet

Miller (2008) retomando ao aforismo de Lacan, amar é dar o que não se tem, nos diz que amar é reconhecer a falta e doá-la ao outro, colocá-la no outro. Não é dar o que se possui, os bens, os presentes: é dar algo que não se possui, que vai além de si mesmo.

Nesse sentido, a forma como o sujeito se relaciona com o amor diz muito sobre ele. Não se faz outra coisa no discurso analítico a não ser falar do amor. Na paixão a falta não aparece, está recoberta, existe uma sensação de completude. Contudo, isso acontece por um curto período de tempo. A paixão se desfaz, ainda bem, e o laço pode ser formado a partir da falta. A ideia de completude é sempre reforçada no senso comum. Acredita- se que em algum momento da vida alguém será encontrado e completará esse sujeito faltoso e que duas pessoas se tomarão uma. Contudo, Kuss (2014) nos lembra que para a psicanálise acontece justamente o contrário; não sendo possível a completude do sujeito, visto que o amor não elimina a falta, pois esta faz parte da constituição psíquica do sujeito e é inerente ao ser humano.

Lacan (1956-57) salienta que o amor é uma metáfora, onde encontramos amplos e distintos desdobramentos. A falta é estrutural de todo sujeito, não existe um objeto que dará conta dessa falta, mas existe um engano sobre ele. Chamamos de objeto a o objeto da falta, o objeto perdido e, portanto, causa de desejo. Aqui Lacan

fala do desejo de encontrar um objeto supostamente perdido e que já existiu, e o sujeito fracassa, deixando um vazio.

Lacan no Seminário 4 (1956-57, p. 13) diz, que "é através da busca de uma satisfação passada e ultrapassada que o novo objeto é procurado, e que é encontrado e apreendido noutra parte que não no ponto onde se procura". Ou seja, o sujeito encontra um traço no outro que permite com que ele se identifique com esse traço. Vai se produzir um encobrimento, o amante vai produzir no amado um eclipse entre o objeto a e o ideal de eu.

Não existe encaixe perfeito na humanidade, pois o que nos falta, o outro não tem para oferecer. Lacan exorta que o amor é impotente, mesmo recíproco, tendo em vista que ele ignora que é apenas o desejo de ser Um, por isso é impossível estabelecer a relação dos dois sexos. O encontro com o outro vai sempre trazer a falta, vai sobrar algo, para Lacan não existe relação sexual (PAGLIARI; SOUZA, 2019).

Nas relações o sujeito volta a infância na relação com o Outro materno, onde quando criança perdeu algo, um gozo que só será possível através de objetos substitutos, que chamamos de objeto pequeno a, ou seja, o resto que não é simbolizável que o sujeito irá buscar no outro, como se ele estivesse de posse desse objeto, vai despertar o seu desejo, e isso transforma o outro em parceiro sexual com capacidade de se tornar um parceiro amoroso (MOREIRA, 2017).

Em 1960, Lacan afirma que o sujeito busca o objeto no outro, mas não encontra. O que se busca é algo que lhe falta e não se tem ideia do que é, o sujeito deseja somente por estar em falta. Busca-se o retorno do objeto perdido. O sujeito vive na tentativa do reencontro de algo seu no outro. O desejo só é possível pela constante insatisfação, o sujeito se lança em novos projetos em busca da satisfação absoluta, que nunca será encontrada, obtendo sempre a satisfação parcial. O sujeito desliza sempre de objeto em objeto infinitamente.

Moreira (1917) acrescenta que o amor tenta sempre preencher a falta com a presença do outro a quem ele considera ser portador do que lhe falta, e com isso se elabora o seguinte: quem eu amo e desejo, o parceiro sexual, detém o outro da pulsão escondido na forma de objeto de desejo.

Lacan no Seminário XX (1975), elabora mais uma vez o conceito de Outro. O Outro como o outro sexo, o Outro gozo, que é um gozo que não se sabe, que vai constituir o Outro barrado. Quando se fala em Outro sexo surge a seguinte dúvida: se a mulher não existe para Lacan, por que se falar em Outro sexo? O que ele nos diz aqui é que não existe significante que estrutura a mulher, pois é necessário um significante fálico para estruturação do sujeito. Desde o Complexo de Édipo esse significante é o falo, que estrutura a realidade e o sexo.

O autor salienta que a desproporção entre homens e mulheres em relação a função fálica é uma posição entre ser e ter o falo. A relação entre os sexos se define de fato na relação com a castração, quando ocorre a subjetivação dos sexos, a dialética fálica age ao nível do desejo sexual. O falo é o símbolo e o significante dos dois sexos, o homem se constitui como sujeito a partir dessa relação e dará significado ao seu desejo. A diferença entre homens e mulheres e das relações é estruturada pelo semblante fálico, significante mestre da relação com o sexo.

Lacan (1975) continua exortando que na dialética falocêntrica, a mulher age como sendo o falo e não tendo o falo, ou seja, no amor sua falta se transforma no que ela não tem. Freud vai dizer que a mulher compensa a falta do falo com o amor do homem, Lacan vai além e traduz em ser o falo. Podemos entender, consequente-

Só se pode gozar de uma parte do corpo do Outro, pela simples razão de que jamais se viu um corpo enrolar-se completamente, até incluí-lo e fagocitá-lo em torno do corpo do Outro (LACAN, 1964, p. 35).

Nesse sentido, o gozo de um vai despedaçar o outro, porque o que vai interessar para o homem é apenas uma parte do outro, ou partes. Lacan nos traz o entendimento do caráter fetichista do homem, que ama pedaços da mulher por estar mais próximo do gozo. O gozo fálico é o gozo limitado, mediado pela cultura, vai estar inserido no registro simbólico. Contudo há o gozo Outro, que Lacan vai denominar gozo suplementar ou gozo feminino.

Segundo Miller (2008) em um retorno à Freud, tanto o homem quanto a mulher precisam se assegurarem de sua falta, de sua castração. E isso é essencialmente feminino. Só se ama verdadeiramente a partir de uma posição feminina. Amar feminiza. É por isso que o amor é sempre um pouco cômico em um homem. Porém, se ele se deixa intimidar pelo ridículo, é que, na realidade, não está seguro de sua virilidade.

Lacan afirma que o amor está do lado do infinito do gozo feminino. O amor tem um valor tão alto para mulher que Freud chegou a comparar sua perda com a castração no homem (KUSS, 2014).

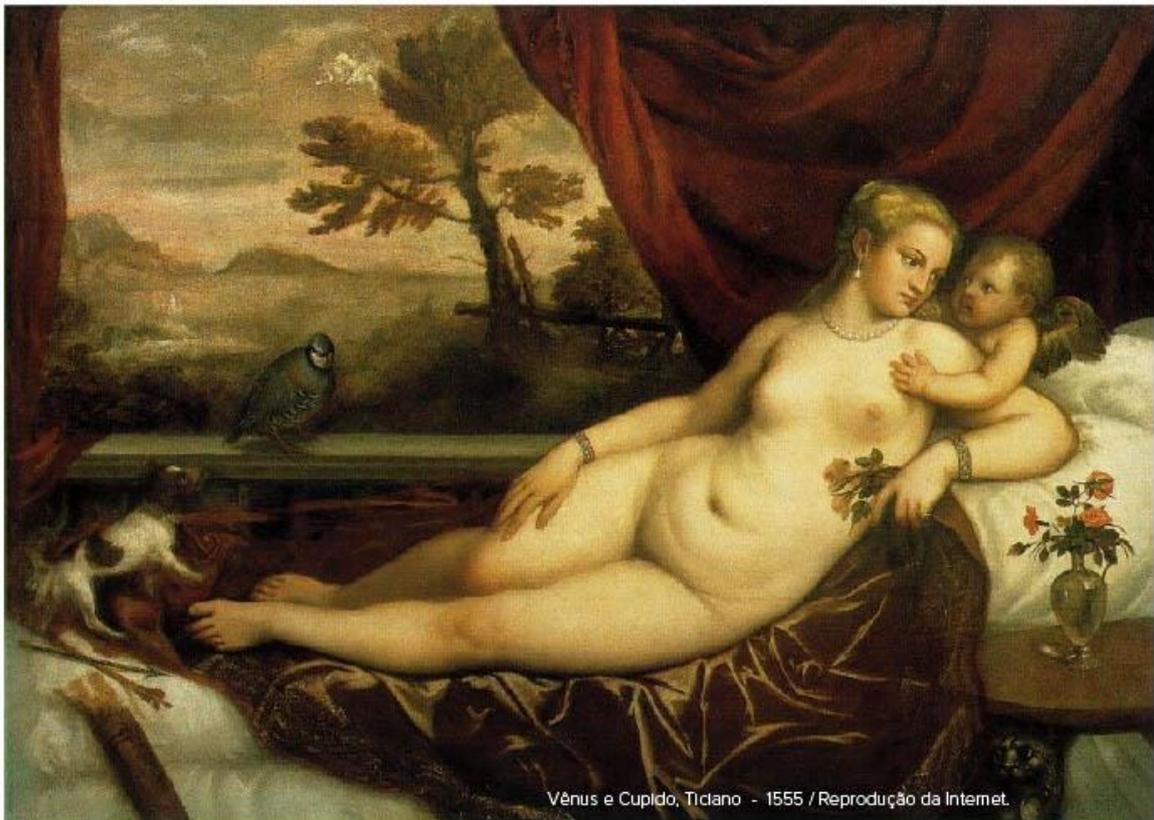
Tanto Freud quanto Lacan afirmaram que a identidade sexual não se dá pela anatomia. A subjetividade masculina ou feminina é sempre determinada pela pulsão e pelo inconsciente, sua identidade é definida pela posição subjetiva no discurso, a posição que o sujeito ocupa frente ao significante fálico. A identidade sexual começa sua constituição desde o começo da gravidez, quando já se sabe o sexo do bebê. Se for uma menina não significa apenas que não possuirá um pênis, a cultura a qual o sujeito já nasce inserido diz que meninas são gentis, carinhosas, enigmáticas; ser for um menino que será forte, viril e corajoso, significantes que o Outro vai inserir (LACAN, 1964). Nesse caso, para o autor existe uma assimetria na vida amorosa do sujeito, pois é inegável a diferença entre o masculino e feminino e isso vai refletir no campo amoroso. Para o menino é muito forte a angústia da castração e para menina há sempre uma busca, que se dá pela via do amor, que acalme a dor da falta de um significante que garanta sua feminilidade. Lacan dividi os seres humanos num registro simbólico, falo, e a sexualidade então desloca do corpo infantil para o inconsciente (LACAN, 1964).

Lacan, no seminário XX, afirma que a mulher não existe, uma vez que cada sexo é regido pela lei do falo, e o falo é um representante masculino do sexo no inconsciente, e não há representante feminino, portanto há somente um sexo. O falo para o homem é o representante de sua sexualidade e para mulher não existe representante a qual ela possa identificar-se sexualmente. O homem está todo submetido a regra fálica, a lógica fálica, agora a mulher está parcialmente submetida "a mulher não é toda, há sempre alguma coisa nela que escapa ao discurso" (1975, p.46).

Contudo, Lacan não afirma que a mulher não está submetida a castração, e sim que não está submetida inteiramente. Uma mulher não é toda determinada pelo seu inconsciente. A mulher experimenta o gozo suplementar mesmo sem saber nada sobre ele, ela experimenta (LACAN, 1964). O homem está todo inserido no gozo fálico, contudo alguns podem experimentar o gozo mais além do falo, a estes Lacan chama de místicos. As palavras nunca poderão dizer tudo sobre uma mulher, visto que há algo nela que fica fora do discurso, uma parte ausente que fica fora do discurso simbólico, que não se pode atingir pelas palavras, nesse caso, não há significante que designe a mulher.

Por outro lado, a mulher encontra mais facilidade para o discurso do Amor porque não está submetida a esse gozo fálico e precisa encontrar um destino para esse gozo suplementar. Já aos sujeitos masculinos isso parece ser mais difícil, porque como nos diz Lacan (1975), ainda que uma mulher queira que um homem goze de seu corpo inteiro, elas tendem a gozar de seu próprio órgão, daí os pedidos tão comuns que as mulheres fazem aos homens, para que eles falem de amor.

Nesse sentido, entendemos que para Lacan o homem impõe uma divisão para mulher pelo gozo e a mulher impõe uma divisão ao homem pelo amor. Não sendo possível a reciprocidade, pois cada um, ama de um jeito diferente, mas é possível o encontro entre ambos, os sujeitos; quando acontece de alguém supor que alguém ama o outro e o outro ama esse um.



Qual a leitura dessa formulação? A mulher é um sintoma para o homem, como visto anteriormente, o homem coloca a mulher no lugar da sua mãe, simbolizando o objeto materno. Podemos nos interrogar por que o homem não é um sintoma para mulher? Mas algo que consome, pior do que um sintoma, uma devastação. Pode-se pensar a devastação, para a psicanálise, quando o amor feminino tem característica de uma demanda ilimitada, onde o sujeito que se encontra do lado feminino da sexuação experimenta o excesso do gozo, que não cessa de não se escrever, pois não é reduzido ao falo, escapando, assim, à simbolização (LACAN, 1975).

Em resumo, quando o gozo não-todo vem se situar de modo avassalador numa relação na relação amorosa; uma complexa relação com a demanda, um excesso sem medida.

Lacan (1975) descreve duas possibilidades de devastação; na relação entre mãe e filha, tal como Freud (1933) havia sinalizado antes, e nas relações amorosas que uma mulher estabelece com um homem. Souza (2016) nos oferece uma definição relatando que uma mulher devastada tem sua vida afetiva e os laços sociais empobrecidos, restando-lhe um não lugar, visto que não se remete ao desejo do Outro, encontra-se num estado enlouquecido em que as referências se tornam inacessíveis.

No texto *Televisão* (1974, p.538), Lacan afirma sobre as mulheres: "não há limites para as concessões que cada uma faz a um homem: de seu corpo, de sua alma, de seus bens". Essa citação é importante para discutirmos e analisarmos as concessões que Emma Bovary fez em nome do amor.

O amor é muito importante para a mulher e a perda deste pode ter como consequência a devastação, no qual a mulher não metaforiza a falta, ela permanece no registro da demanda, levando-a a um sofrimento da ordem do insuportável. A demanda de amor do lado feminino se deve ao fato de seu gozo não-todo não proporcionar um limite ao seu ser (MILLER, 1998). Lacan, assim nos traz, que o "amor sempre demanda mais...ainda. Mais, ainda, é o nome próprio dessa falha de onde, no Outro, parte a demanda de amor" (1975, p.12).

Nesse sentido a devastação está presente quando o sujeito se coloca na posição de se oferecer em demasia ao parceiro amoroso, oferece a libra de carne, termo muito interessante, que recorreremos ao seminário 10 de Lacan (1962), retratando a metáfora que o autor retira de *O mercador de Veneza*, de Shakespeare, para explicar que o pagamento da dívida deveria ser realizado com uma libra de carne; associação que podemos fazer com o valor que a mulher paga com o corpo, e porque não dizer com a vida, como veremos no caso de Emma Bovary.

Podemos pensar a devastação como a queda das máscaras, a queda da representação deste homem para esta mulher; é um sofrimento com estrutura abismal.



Júpiter e Antope, Carle Van Loo - 1753 - Reprodução da Internet

“Amor sempre demanda mais...ainda. Mais, ainda, é o nome próprio dessa falha de onde, no Outro, parte a demanda de amor”

Jacques Lacan

LEITURAS RECOMENDADAS

BARTHES, R. *Fragments de um discurso amoroso*. Tradução de Hortência dos Santos. São Paulo: Editora Unesp, 2018.

FERREIRA, Nádya P. *A Teoria do amor*. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

FREUD, Sigmund. *Sobre o narcisismo: uma introdução*. In: _____. *Estudos sobre a histeria*. (1893). Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. 2).

_____. (1905). *Os três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. (Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 12).

_____. (1906/1907). *Delírios e sonhos na Gradiva de Jensen*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v.9.

_____. (1912). *Sobre a tendência universal à depreciação na esfera do amor (contribuições para psicologia do amor II)*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 11.

_____. (1912). *Tipos de desencadeamento da neurose*. Rio de Janeiro: Imago, 1996c. v.11.

_____. (1914). *O Moisés de Michelangelo*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v.13.

_____. (1914). *Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v.14.

_____. (1925). *Um estudo autobiográfico*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v.20.

_____. (1929). *O futuro de uma ilusão, o mal-estar na civilização e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 17

_____. (1933). *Feminilidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 22.

KUSS, Ana Suy Sesarino. *Amor, Desejo e Psicanálise*. Jurúá Editora. Curitiba. 2014.

LACAN, J. *O Seminário, Livro 4: a relação de objeto [1956-1957]*. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.

_____. *O Seminário, Livro 8: a transferência [1960-1961]* 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010.

_____. *O Seminário, Livro 10: a angústia [1962-1963]* 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

_____. *O Seminário, Livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. [1964]*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

_____. *Televisão*. In: *Outros Escritos*. [1974]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, p. 508-549, 2003.

_____. *O Seminário, Livro 20: mais, ainda. [1975]*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1982.

_____. *O Seminário, Livro 23: o sinthoma. [1975-76]*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

MILLER, Jaques Allan. *Entrevista concedida a Hanna Waar*. *Psychologies Magazine*, N° 278; Out 2008. Trad. Maria do Carmo Dias Batista.

_____. *O osso de uma análise*. *Revista da Escola Brasileira de Psicanálise, Bahia, Biblioteca - agente*, 1998.

NASIO, J. *O Livro da Dor e do Amor*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

MATERIAIS RECOMENDADOS

Vídeo sobre O Amor e seus discursos Ana Suy Sesarino Kuss
<https://www.youtube.com/watch?v=ITBmTQxwn4w>

Vídeo sobre Bate papo com Ana Suy e Malvine Zalberg - Feminilidade: entre Psicanálise e Poesia
https://www.youtube.com/watch?v=r_veHawLnVc

ATIVIDADES PROPOSTAS

1 - *Leia o texto e participe da discussão sobre o conceito de amor para psicanálise freudiana e lacaniana.*

2 - *O texto fornece a estruturação do pensamento de Freud e de Lacan acerca do amor. Escolha um dos três e disserte sobre o pensamento dos psicanalistas, apontando os encontros e as divergências da teoria freudiana e lacaniana.*

AVALIAÇÃO

A partir das atividades propostas, escreva um pequeno ensaio sobre o tema do feminino em Freud e em Lacan.

5



MÓDULO III
O AMOR EM
MADAME BOVARY

O ano de 1856 é uma data de grande importância e simbolismo. Gustave Flaubert publica seu livro *Madame Bovary* e é o ano do nascimento de Freud.

O primeiro denuncia a insatisfação de Emma Bovary e o segundo, mais tarde, criaria a psicanálise a partir da escuta feminina. Freud começa a escutar o discurso da histérica que até então era associado a caprichos femininos ligados à sua sexualidade, que seria um ser autônomo que levaria as mulheres a loucura.

Quando Freud começa a delinear a psicanálise essa já estava desenhada e publicada no livro de Gustave; reiterando o que Freud dizia, o saber das artes está muito além do seu tempo. Freud deu voz ao sofrimento da histérica, contra um mundo que ignorava as mulheres, anunciou a insatisfação feminina e de como o corpo vira palco para dramatizar suas queixas e ressentimentos (AGRA, 2015).

Flaubert no início do seu livro nos apresenta Charles, o marido de Emma, evidenciando a fragilidade de sua figura. Charles Bovary é um homem muito pacato, sem sonhos, sem objetivos, incompetente.

Charles é fruto de um casamento conturbado. Flaubert o descreve como alguém que tem dificuldades com as atividades escolares. Quando sai para estudar medicina, toma gosto pela vida boêmia. Somado às suas dificuldades acadêmicas, acaba por ser reprovado no exame para oficial de saúde. Após um tempo, faz nova prova, decorando todas as questões, e é aprovado mediocrementemente.

Charles tem uma carreira média, sem ambição, e se casa por conveniência com uma viúva mais velha que ele. Uma mulher controladora e dona de algumas posses. Com a morte da primeira mulher, ele está livre para se casar novamente, e encontra uma mulher bela chamada Emma Rouault.

O pai de Emma, mesmo sendo um homem com instrução limitada, no dia do casamento da filha considera o noivo mais franzino, sem atitude. Após o casamento, o livro de Flaubert inicia a grande narrativa sobre Emma, dando toda a visibilidade à personagem. Emma era uma jovem camponesa, educada em um convento com a

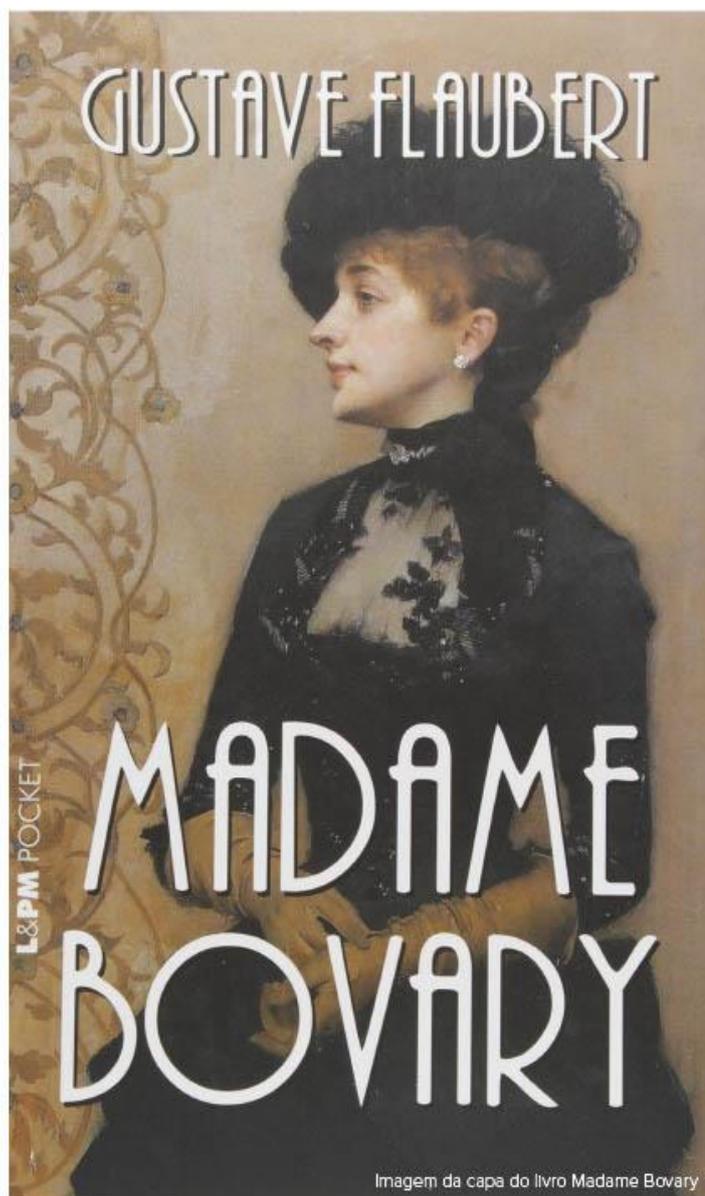


Imagem da capa do livro *Madame Bovary*

cabeça cheia de fantasias românticas e ideias. Para ocupar seu tempo alimentava sua alma de muitos romances, assim idealizava um amor perfeito, como nos livros que lia. Esperando uma vida cheia de riquezas, Emma está disposta a fazer qualquer coisa para sair da fazenda do seu pai. Ela e Charles acabam se casando, depois de curto noivado. O casal vai morar em uma cidade pequena chamada Tostes, onde Charles começa a trabalhar timidamente em seu ofício de médico. O desejo de Emma era casar-se e ao aceitar a proposta de Charles, o médico, não demonstra grande entusiasmo, mas tampouco mostra contrariedade. O excêntrico desejo de Emma é casar-se “à meia-noite sob a luz de velas” (FLAUBERT, 1856, p. 103).

Antes de casar, ela achava ter amor, mas não tendo chegado a felicidade que deveria resultar desse amor, era preciso que ela tivesse se enganado, pensava. E Emma buscava saber exatamente se entendia na vida pelas palavras felicidade, paixão e embriagues, que lhe tinham parecido tão belas nos livros (FLAUBERT, 1856, p. 114).

Pouco tempo depois, porém, Emma está entediada, cansada de Charles e deprimida. Assim, frustrações de Emma não demoram muito a aparecer. No início o casamento era sem dúvida uma lua de mel, os dias mais belos. Contudo, Emma só conhece os romances para balizar o casamento, o nível amoroso ao qual ela está inserida, e Charles passa a ser os motivos de suas decepções. Emma se enganara com o homem a qual casara, ele não era “nem mais amoroso nem mais envolvido” (FLAUBERT, 1856, p. 125). Charles não tinha grandes ambições, apesar de ser gentil e atencioso com a esposa. Emma vivia em um mundo de poesias e romantismo, Charles possuía os desejos mais simples e modestos.

Quanto a Emma, não se interrogava para saber se o amava. O amor, acreditava ela, devia estar de repente, com grandes brilhos e fulgurações – tufão do céu que cai sobre a vida, revira-a, arranca as vontades como folhas e carrega para o abismo o coração inteiro (FLAUBERT, 1856, p.192)

O casal assiste a um baile dado no castelo do marques D'Andervilliers, um aristocrata local, e Emma fica deslumbrada com o estilo de vida opulento, que ela tanto deseja. Passa a observar que os convidados estão muito bem vestidos, a comida servida é magnífica e a dança contagiante. Seu desejo pela vida dos romances da época do convento reacende de imediato. A medida que come a deliciosa comida, valsa a música contagiante e prova as bebidas sofisticadas, sente-se pertencente a burguesia e mais distante de Charles.

Depois do baile ela passa a pensar que sua vida seria muito diferente se ela estivesse casada com um marques ou até mesmo um Visconde. Emma sabia não ser possível tal coisa e faz a única coisa viável, tentar incluir em seu cotidiano a vida de fantasia que viveu naquela noite, e passa a comprar revistas, objetos caros que considerava refinado e o desejo incessante de ir a Paris (AGRA, 2014).

O tempo passa e Emma se depara com sua realidade tão distante do Castelo do marquês, que ela não aceita sua condição provinciana e vai consumindo cada vez mais objetos caros que a deixem mais próxima desse mundo de fantasia aristocrata. Emma não sente mais prazer em fazer nada do seu cotidiano, não toca mais o piano, não borda, não cuida da casa e nem tampouco cuida de sua aparência.

Emma adocece e após Charles levar-lhe para uma consulta com seu antigo mestre e constatar que se tratava de uma doença dos nervos é orientado a mudar de ares (NOBRE, 2007, p. 57). O jovem casal muda-se para uma cidade um pouco maior, Yonville-l'Abbaye, na tentativa de fazê-la se sentir melhor. Contudo, a estreita rotina continua.

Emma chega na cidade grávida e é convidada pelo farmacêutico Homais para um jantar. Lá ela conhece León, um jovem escrevente com quem mantém uma conversa agradável. León vive com a família do Monsieur Homais. Emma desejava estar grávida de um menino que se chamaria Jorge. Contudo, ao dar à luz, Emma se decepciona por ter gerado uma menina e a rejeita o tempo todo (FLAUBERT, 1856).

Depois de Emma ter o bebê, a relação entre ela e León cresce ainda mais. Os dois percebem que estão apaixonados, mas ambos são muito tímidos para fazer algo sobre isso.

Quando León cansado de amar sem resultado vai embora para uma cidade maior a fim de retomar os estudos, Emma fica ainda mais triste e cabisbaixa, pois perdera a chance de compor sua nova personagem; agora não tem mais com quem sonhar, não tem mais a quem seduzir. Ela se volta para afazeres como aprender italiano, comprar objetos para casa e vestidos novos e caros, entretanto, nada disso foi satisfatório e cai novamente deprimida.

Um fato novo e excitante acontece novamente na vida de Emma, a visita de Rodolphe em sua casa. Rodolphe é um homem muito diferente de seu marido, mora em um castelo nos arredores da cidade, é inteligente e perspicaz e possui um vasto conhecimento do campo feminino. Rodolphe é um sedutor hábil, experiente. Emma é bonita e Rodolphe decide seduzi-la e começa a criar situações em que possa galantear essa mulher. Primeiro Rodolphe se faz de coitado, de quem precisa de conforto e de ser cuidado. Começa assim a despertar os desejos de Emma. Rodolphe arquiteta um plano minucioso e se ausenta estrategicamente por algum tempo. Volta a visitar Emma e lhe propõe um passeio a cavalo, onde até mesmo seu marido a incentiva ir. No passeio Emma fica ainda mais vulnerável diante do discurso galanteador de Rodolphe e não resiste a seus encantos se entregando a ele.

Nesse entremeio Emma recebe uma carta do pai supondo que ela estivesse feliz e realizada e que as finanças da família estavam prosperando. Ela começa a perceber o quanto sua vida não condiz com sua realidade, entretanto, a realidade poderia mudar quando o farmacêutico da cidade oferece ao seu marido um caso de cirurgia de um trabalhador humilde (FLAUBERT, 1856).

O médico realiza a cirurgia devido à grande influência da esposa e fracassa no processo e a perna do paciente precisa ser amputada por um outro médico de uma cidade vizinha. Mais uma vez Emma se frustra com o marido e com a vida que leva, lamenta pela vida de luxo que não possui e por todos os desejos da qual é sempre privada (FLAUBERT, 1856).

Emma começa a fazer empréstimos enormes a partir de um comerciante local, o que a faz entrar em dívida. No entanto, Emma parece não se importar. Emma está apaixonada por Rodolphe e é só com isso que se importa. Emma se volta para o amante mais desejosa do que nunca. Eles têm uma relação tumultuada por dois anos, mas finalmente chega a um momento em que Rodolphe está entediado com o romantismo de Emma. Esta, em uma ocasião, chega a pedi-lo para que fugisse com ela e, sem considerar que não era esse o desejo de Rodolphe, começa a fantasiar que isso seria sua salvação de sua vida medíocre e provinciana. Rodolphe, contudo, não deixa claro seus objetivos e deixa que ela fantasie a fuga. No dia escolhido para tal ato, despede-se de Emma com uma carta em que diz preferir sacrificar seu amor do que desgraçar a vida dela com a fuga planejada. Parte sozinho. Emma recebe a carta de Rodolphe através de seus empregados, o choque é violento, e em seguida cai convulsionando, sustentando assim seu desejo fantasioso até o último momento. Flaubert mais uma vez narra que ela desmaia, grita, fica pálida e anoréxica como as mocinhas dos livros quando perdem o amante (AGRA, 2014).

Emma transtornada, têm uma piora em sua saúde rapidamente. Charles, sem saber o que fazer, prescreve medicamento que são inúteis para Emma.

As fianças da família Bovary pioram cada vez mais, e Charles é forçado a tomar mais empréstimos.

Emma se recupera lentamente, e como parte do tratamento Monsieur Homais sugere que Charles leve Emma até a ópera em Reuen, a cidade mais próxima. No intervalo Emma reencontra Léon, que terminou a faculdade de Direito e se mudou para Rouen. Ele se tornou mais despojado e extrovertido e não tem mais medo de se envolver com Emma.

Emma fica na cidade com o pretexto de assistir a segunda parte da apresentação, Charles retorna à cidade para atender seus pacientes. Léon agora mais experiente, quando fica sozinho com Madame Bovary, decide se declarar, e esse sentimento leva Emma a pensar que depois de tantos anos ela estaria mais experiente, seria uma conhecedora do amor. Eles têm um caso e a relação cresce. Emma, cada vez mais habilidosa em mentir, descobre diferentes motivos para visitar a cidade e ver seu amante.

Depois de um tempo este caso começa a esfriar. Emma tem dívidas cada vez maiores. As dívidas de Emma são transferidas para um novo comerciante a quem ela não consegue mais enganar, e começa a buscar meios de quitá-las. Ela recorre a tudo e a todos, tentando pedir o dinheiro. A resposta que ouve é "não". Sem meios para fazer isso pede ao amante Léon que fure o cartório a fim de quitar a dívida, este, porém afasta-se dela, por não ter obrigação de marido. Procura ainda o tabelião, sem sucesso também. Por fim, vai atrás de Rodolphe que deveria ser o seu salvador e este a rejeita.

Emma fica desesperada e tem medo de dizer a Charles. Completamente desamparada, Emma se envenena com arsênio roubado da farmácia de Homais. Ela morre, de uma forma lenta e horrível, pois sente muita dor, com seus amigos e família fitando-a, uma cena de horror.

Após a morte de Emma, as coisas pioram ainda mais para Charles e Berthe, a filha do casal. Eles ficam completa-



A Cama da Morte de Madame Bovary, Albert Auguste Fourie - 1883

mente sem dinheiro, e Charles, sofrendo a dor pela morte da amada, recusa-se a vender alguns dos pertences de Emma. Charles morre pobre e solitário, sentado no banco de sua casa que antes era ponto de encontro de Emma e seu amante. Berthe é enviada para viver com sua avó, que morre também. Por fim ela acaba morando com uma tia pobre, e, ainda criança, trabalhando como operária em uma fábrica de algodão.

6

REFERÊNCIAS

- AGRA, Ana Maria. *Madame Bovary: uma morte de gênero*. Revista *Ártemis*, Vol. XIX; jan-julho 2015, pp. 82-89.
- ALLOUCH, Jean. *O amor Lacan*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2010. 528 p.
- ALVES, C. S.; CASTELO, R. C. A. *Captura Amorosa: um dizer sobre o amor em Psicanálise*. CES Revista, Juiz de Fora, v. 30, n. 2. p. 101-118, ago./dez. 2016.
- ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso. *Estudo de caso em pesquisa e avaliação educacional*: Editora Liber Livros: Brasília, 2008. 68 p.
- BADIOU, Alain; TRUONG, Nicolas. *Elogio ao amor*. São Paulo: Martins Fontes, 2013.
- BARTHES, R. *Fragmentos de um discurso amoroso*. Tradução de Hortência dos Santos. São Paulo: Editora Unesp, 2018.
- BAUMAN, Z. *Amor Líquido: Sobre a Fragilidade dos Laços Humanos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- BIRMAN, J. *Cartografias do Feminino*. São Paulo: Editora 34, 1999.
- CAMPOS, M. G. *'Vida – Obra Literária': Entrelaçamentos uma Leitura Psicanalítica*. 2013. 82 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal de São João Del Rei, São João Del Rei, 2013.
- FERREIRA, Camilla M. R. *O amor dito por uma mulher – a transmissão de Diotima a Sócrates*. Trivium: Estudos Interdisciplinares. Ano IX, 2017, Ed.1, p. 184-191.
- FERREIRA, Nádia P. *A Teoria do amor*. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.
- FLANZER, S. N. *Incidências da impossibilidade na esfera do amor*. 2004. 205f. Tese (Doutorado em Psicanálise) – Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, Rio de Janeiro, 2004.
- FLAUBERT, Gustave (1857). *Madame Bovary*. Trad. Mário Laranjeira. São Paulo: Penguin Classics Companhia da Letras, 2011.
- FREUD, Sigmund. *Sobre o narcisismo: uma introdução*. In: _____. *Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos*. (1914). Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. XIV).
- _____. (1893) *Estudos sobre a histeria*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v.II.
- _____. (1905) *Os três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. (Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. VII.
- _____. (1906/1907). *Delírios e sonhos na Gradiva de Jensen*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v.9.
- _____. (1912). *Sobre a tendência universal à depreciação na esfera do amor (contribuições para psicologia do amor II)*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 11.
- _____. (1912). *Tipos de desencadeamento da neurose*. Rio de Janeiro: Imago, 1996c. v.11.
- _____. (1914). *O Moisés de Michelangelo*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v.13.
- _____. *O mal estar na civilização*. In: _____. *O futuro de uma ilusão, o mal estar na civilização e outros trabalhos*. (1929). Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- _____. (1933) *Feminilidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1996
- GIL, Carlos Antonio. *Como elaborar projeto de pesquisa*. 6ª. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

REFERÊNCIAS

- KEHL, M.R. *Deslocamentos do Feminino*. Rio de Janeiro, Imago, 1998.
- KUSS, Ana Suy Sesarino. *Amor, Desejo e Psicanálise*. Juruá Editora. Curitiba, 2014.
- LACAN, J. *O Seminário, Livro 4: a relação de objeto [1956-1957]*. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.
- _____. *O Seminário, Livro 8: a transferência [1960-1961]* 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010.
- _____. *O Seminário, Livro 10: a angústia [1962-1963]* 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- _____. *O Seminário, Livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. [1964]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.
- _____. *Televisão*. In: *Outros Escritos*. [1974]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, p. 508-549, 2003.
- _____. *O Seminário, Livro 20: mais, ainda*. [1975]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1982.
- _____. *O Seminário, Livro 23: o sintoma*. [1975-76]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.
- LOPES, Maria Madalena de Freitas. *O conceito de Amor em Psicanálise*. São Paulo: Centauro, 2009.
- MANNONI, O. (1994). *Freud: uma biografia ilustrada*. (M. L. X. A. Borges, Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994.
- MILLER, Jaques Allan. *Entrevista concedida a Hanna Waar*. *Psychologies Magazine*. N° 278; Out 2008. Trad: Maria do Carmo Dias Batista.
- _____. *O osso de uma análise*. *Revista da Escola Brasileira de Psicanálise, Bahia, Biblioteca – agente*, 1998.
- MOREIRA, A. S. *As múltiplas faces do outro/Outro em Lacan: entre o amor o desejo e o gozo*. Vitória: UFES, 2017.
- NASIO, J. *O Livro da Dor e do Amor*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- NOBRE, Thalita Lacerda. *Madame Bovary e a histeria: uma leitura psicanalítica*. São Paulo, 2007.
- PAGLIARI, D; SOUZA, T. M., *O amor e seus desdobramentos*. Unijuí, Rio Grande do Sul, 2019.
- PAZ Beatriz Coelho. *Freud e o amor: do ideal ao impossível – Um diálogo entre psicanálise e Romantismo*. Rio de Janeiro: UFRJ/IP, 2009.
- PLATÃO. *O banquete*. 2. ed. São Paulo: Editora Martin Claret, 2015.
- ANDRÉ, Serge. *O que quer uma mulher?* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- SOLER, Colette. *Lacan, o inconsciente reinventado*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2011.
- SOUZA, Danuza Effegem. *A Devastação e sua Relação com o Irrepresentável no Corpo Feminino: algumas considerações no laço Psicanálise e Literatura*. *Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal Fluminense*. Niterói. p.114. 2016.
- SOUZA, Olga Maria. M. C. *A Psicanálise e as Letras*. In: MORAES, Alexandre. (Org.) *Modernidades e Pós Modernidades: literatura em dois tempos*. UFES. Vitória. 2002.
- YIN, R. K. *Estudo de Caso: planejamento e métodos*. Porto Alegre: Bookman, 2005.
- ZALCBERG, Malvine. *Amor paixão feminina*. Rio de Janeiro/São Paulo: Editora Campus/Elsevier, 2007.